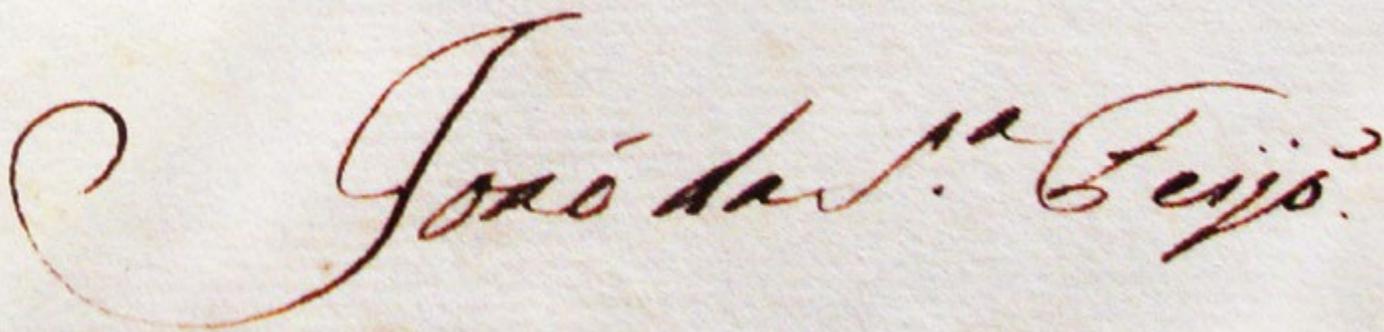


De Cabo Verde para Lisboa:

Cartas e Remessas Científicas da Expedição
Naturalista de João da Silva Feijó (1783-1796)

**Vol. II - Documentação da Biblioteca Nacional de Portugal e do
Arquivo Histórico do Museu Nacional de História Natural e da
Ciência da Universidade de Lisboa**



João da Silva Feijó





José de S.º Cejón

M. João Malheiro

EN/F.1.

S. Paulo 24 de Abril de 1783

Depois de 25 dias de viagem, bem em
 moda p.^{ta} frequentissimos temporales q^{as} tivemos, em
 q^{as} quasi nos sobre veio um tem forte aq^u 15 p.^{ta} - 15 de
 altura da Madr.^e em q^{as} estivemos sem esperansa de vida
 p.^{ta} q^{as} fozia com q^{as} veio de sorte q^{as} faria andar a la barca
 cao 8 milhas em q^{as} fozia em arvore secca com p.^{ta} m.^a
 Seguem a Ma. de S. Nicolau, e depois em mez de Jero
 ra vier na com p.^{ta} do S. Paulo p.^{ta} esta Capital de S. Pau
 lo onde se achou, tendo feito essa digressão p.^{ta} o dia p.^{ta}
 Ma. de Maio, e fico em vapores de partir p.^{ta} a Ma.
 Brava p.^{ta} segunda q^{as} de tres milhas de S. Paulo
 Paulo por ali principio a q^{as} observações: D^o per
 mitta ajudarem a fim de fazer coisa q^{as} seja do real agrado
 de v.^{ta} Sabença, a do S. Paulo de S. Paulo.

Pello q^{as} tendo visto, ainda q^{as} de viagem, regist^o 3 Ma.
 La sem duvida q^{as} o q^{as} se achou em q^{as} coisa p.^{ta} ma. q^{as} ta q^{as} La, e por
 conseg.^{ta} não ter em q^{as} se ajuda como devesse, p.^{ta} ta dizer q^{as}
 La impossível o fazer transportar a mais p.^{ta} de q^{as} inq^{as} trinta q^{as}
 trinta, e a p.^{ta} não haver q^{as} o transporte p.^{ta} impossibilit.
 q^{as} La no p.^{ta} viagem dos Amindos em q^{as} La necessaria andar de
 q^{as} ta, e em other p.^{ta} o precipicio. D^o p.^{ta} q^{as} ta se tem
 ta q^{as} p.^{ta} h^o de um pequeno, e a necessaria de, e a de
 may se necessarias.

De Cabo Verde para Lisboa:

Cartas e Remessas Científicas da Expedição Naturalista de João da Silva Feijó (1783-1796)

Vol. II - Documentação da Biblioteca Nacional de Portugal e do Arquivo Histórico do Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa

Coordenação
Ana Cristina Roque e Maria Manuel Torrão



Nota de Apresentação	7
Ana Cristina Roque e Maria Manuel Torrão	
A Flora do Arquipélago de Cabo Verde no último quartel do século XVIII: O herbário da expedição naturalista de João da Silva Feijó (1783-1796)	9
Ana Cristina Roque e Maria Manuel Torrão	
Documentação da Biblioteca Nacional de Portugal. Reservados, Códice 12847	22
ITINERARIO FLOSOFICO que contem a Rellação das Ilhas de cabo Verde despp.osto pelo methodo epistolar dirigidas ao Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor Martinho de Melo e Castro pello Naturalista Regio das mesmas Ilhas. João da Sylva Feijó, 1783 (53 fls.)	22
Documentação do Arquivo Histórico do Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa (MUHNAC). Fundo do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda	55
1. MUHNAC, FRM JBA MUHNAC, FRM JBA CN/F-1	55
Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha de Santiago em 24 de abril de 1783	
2. MUHNAC, FRM JBA MUHNAC, FRM JBA CN/F-2	57
Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha de Santo Antão em 9 de maio de 1785	
3. MUHNAC, FRM JBA CN/F - 3	58
Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha Brava em 24 de maio de 1783	
4. MUHNAC, FRM JBA CN/F- 4	59
Pública forma de uma carta de João da Silva Feijó aos Administradores Gerais da Sociedade Exclusiva de Cabo Verde, da ilha do Fogo em 16 de setembro de 1783	
5. MUHNAC, FRM JBA CN/F-5	60
Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha do Fogo em 16 de fevereiro de 1784	
6. MUHNAC, FRM JBA CN/F-6	62
Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha de Santiago em 29 de fevereiro de 1784	
7. MUHNAC, FRM JBA CN/F-7	64
Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha de Santiago em 28 de março de 1784	
8. MUHNAC, FRM JBA CN/F-8	67
Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha de São Nicolau em 19 de abril de 1784	
9. MUHNAC, FRM JBA CN/F-9	68
Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha de São Nicolau em 30 de maio de 1784	
10. MUHNAC, FRM JBA CN/F-10	69
Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha de Santo Antão de 10 de maio de 1785	
11. MUHNAC, FRM JBA CN/F-11	70
Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha de Santiago em 21 de agosto 1785	
12. MUHNAC, FRM JBA CN/F-12	71
Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha de Santiago em 22 de agosto 1785 (muito mau estado)	

13. MUHNAC, FRM JBA CN/F-13	72
Cópia da carta de Júlio Mattiazi para o Naturalista régio João da Silva Feijó em 25 de novembro de 1785	
14. MUHNAC, FRM JBA CN/F-14	74
Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha do Fogo de 1 de agosto de 1786	
15. MUHNAC, FRM JBA CN/F-15	76
Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha do Fogo de 15 de agosto de 1786	
16. MUHNAC, FRM JBA CN/F-16	76
Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha de São Nicolau em 21 de março (?) de 1788	
17. MUHNAC, FRM JBA CN/F-17	77
Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha de Santiago em 12 de março de 1789	
18. MUHNAC, FRM JBA CN/F-18	78
Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha de Santiago em 25 de abril de 1790	
19. MUHNAC, FRM JBA CN/F-19	79
Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha de Santiago em 6 de julho 1794	
20. MUHNAC, FRM JBA CN/F-20	80
Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, da ilha de Santiago em 26 de janeiro de 1796	
21. MUHNAC, FRM JBA CN/F-21	81
Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Domingos Vandelli, de Lisboa em 23 de setembro de 1796	
22. MUHNAC, FRM JBA CN/F-22	82
Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi, sem local e sem data.	
1. MUHNAC, FRM JBA REM N°558 a	82
Lista da primeira remessa da Real Expedição à ilha de São Nicolau feita em 1784	
2. MUHNAC, FRM JBA REM N°558 b	87
Lista da segunda remessa da Real Expedição à ilha de São Nicolau feita em 1784	
3. MUHNAC, FRM JBA REM N°558 c	90
Lista das produções da ilha de Santa Luzia e ilhéus Branco e Raso remetida para o Real Gabinete em 1784	
4. MUHNAC, FRM JBA REM N°558 d	93
Lista das remessas da Real Expedição à ilha de Santo Antão remetida para o Real Gabinete em 16 de junho de 1785	
5. MUHNAC, FRM JBA REM N°558 e	98
Lista das remessas da Real Expedição à ilha de São Vicente remetida para o Real Gabinete em 12 de julho de 1785	
6. MUHNAC, FRM JBA REM N°558 f	100
Lista das remessas da Real Expedição à ilha do Fogo remetida para o Real Gabinete em 28 de janeiro de 1784	
7. MUHNAC, FRM JBA REM N° 559	105
Lista das remessas da Real Expedição à ilha de São Nicolau remetida para o Real Gabinete em 1784	
8. MUHNAC, FRM JBA REM N°560	106
Calculo GeraL sobre as despesas que se deve arbitrar ao Enxofre e Caparoza do Volcano da Ilha do Fogo, desde a sua extracção athe ser embarcado para Lisboa, 20 de agosto de 1786	

Nota de Apresentação

No quadro do Império Português, e apesar do manifesto interesse a que desde cedo foram votadas as Ilhas do Atlântico, o Arquipélago de Cabo Verde parece ter permanecido à margem do movimento naturalista e das expedições científicas que levaram prestigiadas instituições europeias, como o *British Museum* ou o *Kew Gardens*, a investir no reconhecimento, recolha e estudo das diferentes “produções naturais”, com destaque particular para os Arquipélagos da Madeira e dos Açores.

A natureza da ocupação das Ilhas de Cabo Verde e a sua história peculiar, em muito dependentes tanto das condições geo-climáticas específicas quanto do fluxo das rotas e escalas comerciais no arquipélago, constituíram, por certo, fatores de peso que contribuíram para o seu isolamento e marginalização no âmbito do processo científico europeu que, a partir de meados do século XVIII, impulsionou grandes expedições científicas, como as de Humbolt, Darwin, Byron ou Cook. Contudo, o envio de um Naturalista Régio para as Ilhas, o tipo de recolhas efetuadas e as respetivas notas que as identificam ou esclarecem, bem como o teor das próprias cartas de João Feijó seja para Martinho de Melo e Castro seja para Júlio Matiazzi, não deixam de testemunhar o potencial interesse pelo reconhecimento das potencialidades do arquipélago no quadro das *Expedições Filosóficas* da época.

Os dois volumes de *De Cabo Verde para Lisboa: Cartas e Remessas Científicas da Expedição Naturalista de João da Silva Feijó (1783-1796)* reúnem assim documentação dispersa e de natureza variada que ganha coerência e unidade no quadro desta expedição permitindo, em simultâneo, reequacionar o papel do arquipélago de Cabo Verde no palco de atuação destas expedições. No seu conjunto, estes documentos constituem o *corpus* informativo desta Expedição Naturalista. Por um lado, informam sobre os trabalhos efetuados, as dificuldades da sua execução, os produtos recolhidos e as remessas enviadas para Lisboa. Por outro lado, testemunham o contexto e as contingências em que se inscreveram este tipo de expedições no século XVIII e, em particular, sobre a especificidade destas expedições nas ilhas de Cabo Verde e a forma como a sociedade local apreendia e integrava a presença do primeiro naturalista régio.

Deste modo, a publicação desta documentação no âmbito do projeto *Conhecimento e Reconhecimento em Espaços de Influência Portuguesa: registos, expedições científicas, saberes tradicionais e biodiversidade na África Subsariana e na Insulíndia* (FCT HC0075/2009) permite não só dar a conhecer alguns documentos inéditos sobre esta expedição, como possibilita uma abordagem mais abrangente à natureza das expedições naturalistas do século XVIII e, mais especificamente, ao seu contributo para um melhor conhecimento deste arquipélago.

A documentação que se apresenta neste volume, integra o conjunto de documentos produzidos no âmbito da Expedição Naturalista de João da Silva Feijó às ilhas de Cabo Verde que decorreu entre 1783 e 1796, e respeita à documentação existente na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) e no Arquivo Histórico do Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa (MUHNAC), complementando os manuscritos do Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), editados no volume anterior¹.

O núcleo documental procedente da Biblioteca Nacional de Portugal é constituído por uma coleção de sete cartas e dois mapas sobre a Ilha Brava e a Ilha do Fogo, escritas por João da Silva Feijó e dirigidas a Martinho de Melo e Castro, datadas de 1783. Este conjunto encontra-se reunido num mesmo manuscrito intitulado *Itinerario Filosofico que contem a Rellação das Ilhas de cabo Verde despp.osto pelo methodo epistolar dirigidas ao Illustrissimo e Excelentissimo Senhor Martinho de Melo e Castro pello Naturalista Regio das mesmas Ilhas. João da Sylva Feijó, 1783* (BNP, Reservados, Códice 12847). Trata-se de um manuscrito que já tem sido objeto de estudo² mas que, até agora, nunca foi publicado na íntegra, sendo praticamente inexistentes as referências e as análises dos 2 quadros anexos sobre a Ilha do Fogo, onde o autor apresenta a estatística dos fogos, almas e produções por lugar e freguesia³. Tal como os desenhos relativos à erupção do vulcão⁴, também estes quadros constituem um documento único para a história da Ilha do Fogo, no último quartel do século XVIII.

De natureza bastante diversa, o núcleo do MUHNAC, é constituído por documentação avulsa, ainda que complementar entre si, e que se pode dividir em dois grupos distintos. O primeiro é constituído por uma série de 22 cartas escritas entre 1783 e 1796 por João da Silva Feijó para Júlio Matiazzi, a que acresce a cópia de uma única carta de Matiazzi

1 ROQUE, Ana Cristina e TORRÃO, M. Manuel, (Coordenação), 2013. *De Cabo Verde para Lisboa: Cartas e Remessas Científicas da Expedição Naturalista de João da Silva Feijó (1783-1796)*, Vol. I - Documentação do Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa: IICT-FCT.

2 GUEDES, Maria Estrela e ARRUDA, Luís M., 2000. “Feijó Naturalista Brasileiro em Cabo Verde no século XVIII”, *As Ilhas e o Brasil*. Funchal: RAM, 509-523.

3 Apenas se conhecem estes 2 mapas estatísticos relativos à ilha do Fogo, apesar de João da Silva Feijó mencionar num das suas cartas que fizera e enviara outros mapas semelhantes para outras ilhas do arquipélago, designadamente para a ilha Brava (“Carta de João da Silva Feijó para Júlio Matiazzi, Sto. Antão, 10 de Maio de 1785”, MUHNAC, FRM, JBA CN/F-10).

4 ROQUE, Ana Cristina e TORRÃO, M. Manuel, “Illustrating natural phenomena: the volcano eruption of the Ilha do Fogo (Cape Verde Archipelago) in 1785 by João da Silva Feijó”. In A. C. Roque and A. Wright, *Proceedings of the ECS Workshop From nature to science: scientific illustration on marine mammals throughout the centuries*, ECS Special Publication Series n° 56, November 2013, pp.3-11. <http://projectofct.wordpress.com/workshops/workshops-2013/> (ultimo acesso Abril de 2014).

9. MUHNAC, FRM JBA REM N°561 Relação da remessas de produtos naturais feita ao Real Museu em 26 de julho de 1787	108
10. MUHNAC, FRM JBA REM N° 562 Explicação sobre o modo de fazer a tinta azul com que se costuma tingir os panos em Cabo Verde	109
Documentação do Arquivo Histórico Ultramarino (Apêndice ao Volume I)	110
1. A.H.U, Cabo Verde, Códice 402, fls. 98v-99 Carta de Martinho de Melo e Castro para o Bispo de Cabo Verde. Lisboa, 24 de dezembro de 1782	110
2. A.H.U, Cabo Verde, Códice 402, fls. 101v-102 Carta de Martinho de Melo e Castro para o Bispo de Cabo Verde. Lisboa, 3 de janeiro de 1783	111
3. A.H.U, Cabo Verde, Códice 402, fls. 107v-107Av Carta de Martinho de Melo e Castro para o Bispo de Cabo Verde. Lisboa, 1 de dezembro de 1783	111
4. A.H.U, Cabo Verde, Códice 402, fls. 108v-109v Carta de Martinho de Melo e Castro para o Naturalista régio João da Silva Feijó. Lisboa, 9 de dezembro de 1783	112
5. A.H.U, Cabo Verde, Códice 402, fls. 114-117 Carta de Martinho de Melo e Castro para o Governador das Ilhas de Cabo Verde, António Machado de Faria e Maia. Lisboa, 23 de novembro de 1783	113
1. A.H.U., C.U., Cabo Verde, Caixa 41, Doc. 51 Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para o Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar. Cabo Verde, Ilha do Fogo, 20 de setembro de 1783	115
2. A.H.U., C.U., Cabo Verde, Caixa 43, Doc. 41 Carta de António Machado de Faria e Maia, Governador das Ilhas de Cabo Verde, para o Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar. Cabo Verde, Ilha de São Tiago, 8 de julho de 1786	116
3. A.H.U., C.U., Cabo Verde, Caixa 44, Doc. 18 Carta de António Machado de Faria e Maia, Governador das Ilhas de Cabo Verde, para o Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar. Anexo: conta das despesas. Cabo Verde, Ilha do Fogo, 20 de julho de 1787	117
4. A.H.U., C.U., Cabo Verde, Caixa 44, Doc. 72 Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para o Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar. Cabo Verde, Ilha de Santiago, 6 de maio de 1787	118
5. A.H.U., C.U., Cabo Verde, Caixa 44, Doc. 59 Carta de António Machado de Faria e Maia, Governador das Ilhas de Cabo Verde para o Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar. Cabo Verde, Ilha de Santiago, 6 de maio de 1787	119
Ficha técnica	120

A Flora do Arquipélago de Cabo Verde no último quartel do séc XVIII: O herbário da expedição naturalista de João da Silva Feijó (1783-1796)

para o naturalista, datada do final de 1785, e uma carta de Feijó para Domingos Vandelli, escrita já em Lisboa em setembro de 1796. O segundo grupo é constituído pelas remessas e respetivas listagens enviadas por Feijó, de Cabo Verde para Lisboa, respeitantes às recolhas efetuadas nas diferentes ilhas do arquipélago. Três remessas procedentes da ilha de São Nicolau, uma da ilha de Santa Luzia e ilhéus Bravo e Raso e uma da ilha do Fogo, todas de 1784; uma de Santo Antão e outra de São Vicente do ano de 1785; e por fim, um cálculo das despesas da extração e transporte do enxofre do vulcão da ilha do Fogo e uma explicação da forma de se fazer tinta azul para a tingidura dos panos, ambos datados de 1786.

Para além desta documentação, publicam-se ainda mais 10 documentos do Arquivo Histórico Ultramarino, identificados já depois do volume I se encontrar em fase de impressão, mas que se entendeu que deviam integrar o conjunto de documentos referentes a esta Expedição. Assim, com a publicação deste volume pensamos ter conseguido inventariar e publicar toda a documentação referente a esta jornada científica em Cabo Verde, tornando mais acessível o seu conhecimento e possibilitando o desenvolvimento de estudos sobre aspetos particulares da informação aqui apresentada.

Nesse sentido, o volume I, integrou um primeiro estudo que visava o enquadramento dos trabalhos de João da Silva Feijó no movimento científico do séc XVIII⁵, a que se agregaram anexos sobre as ligações pessoais de Feijó e sobre o seu percurso pelas diversas ilhas de Cabo Verde ao longo dos 13 anos que ali permaneceu, em função dos dados que foi possível apurar na documentação do Arquivo Histórico Ultramarino que se disponibilizou nesse volume. Neste volume II, e dada a natureza específica dos documentos que nele se publicam, procura-se dar início à análise dos impactos e resultados do seu trabalho, designadamente ao nível do reconhecimento da flora de Cabo Verde. No estudo “A Flora do Arquipélago de Cabo Verde no último quartel do século XVIII: o herbário da expedição naturalista de João da Silva Feijó”, apresenta-se uma sistematização exaustiva das espécies botânicas referidas pelo naturalista, alertando para a importância do contributo da expedição de Feijó para o conhecimento científico do espaço natural das ilhas de Cabo Verde.

Cumpramos finalmente uma palavra de agradecimento à FCT, pelo financiamento do projeto no âmbito do qual se publicam estes dois volumes, e a todos quantos permitiram a realização deste trabalho. Não sendo possível nomear todos os que, nos diferentes arquivos nos apoiaram, não queremos deixar de agradecer especificamente, à Doutora Ana Canas, Diretora do AHU, à Doutora Teresa Duarte Ferreira, responsável pela área de manuscritos da BNP e à Doutora Marta Lourenço, Sub-Diretora do MUHNAC, pelo seu apoio e autorização para a publicação dos diferentes manuscritos, sem o que não seria possível a sua divulgação.

De igual modo, merecem-nos agradecimentos especiais a Doutora Judite Alves e Dr. Vítor Gens, do Arquivo Histórico do MUHNAC, pela sua disponibilidade, profissionalismo e amabilidade com que nos receberam, permitindo o desenvolvimento dos trabalhos num ambiente de grande cordialidade.

Saído de Lisboa a 3 de fevereiro de 1783, João da Silva Feijó aportou à Ilha de S. Nicolau a 28 do mesmo mês. Tinha à sua espera o Bispo de Cabo Verde, Frei Francisco de São Simão. Em abril do mesmo ano viajaram juntos para a Ilha de Santiago, procurando o Bispo enquadrar e preparar o naturalista para a sua missão que, de acordo com as ordens régias, haveria de principiar no mês de maio, com o “Exame da Ilha Brava” (*Carta do Bispo de Cabo Verde...*, 1783).

A expedição do naturalista régio deveria assim iniciar-se na Brava e, no cumprimento de um plano que articulava ordens régias com apoios e logística locais, previa-se que deveria percorrer as diferentes ilhas do arquipélago, procedendo à recolha de todo o tipo de “produções naturais” a remeter para o Real Gabinete de História Natural do Jardim Botânico da Ajuda.

Treze anos depois, em setembro de 1796, João da Silva Feijó estava de regresso a Lisboa. Pelo meio ficaram não só as deambulações e vicissitudes de um naturalista no quotidiano do seu trabalho, a curiosidade insaciável de tudo apreender e comunicar, as muitas hesitações quanto à escolha das amostras e a responsabilidade dessa mesma escolha, como também as dificuldades na concretização das tarefas, os maus ares que traziam doenças e impunham tempos de imobilidade e interrupção nos trabalhos, a escassez de meios e a falta de apoio, a desconfiança e o menosprezo das autoridades locais pelas suas atividades, as prioridades do Império.

Os percursos e permanências possíveis de identificar¹, testemunham a realização de expedições de reconhecimento e recolhas sistemáticas nas Ilhas da Brava, Fogo, Sto. Antão, S. Nicolau e Santiago, e de expedições mais pontuais às restantes Ilhas do arquipélago. Umhas e outras convenientemente certificadas pelos muitos exemplares recolhidos, cuidadosamente preparados e identificados nas diferentes listas que acompanhavam o seu envio para o reino. Entre as listas de remessas e as cartas que enquadram essas recolhas precisa-se a natureza dos trabalhos e as regiões onde estes se concretizaram de forma mais sistemática, tornando evidente as contingências locais mas permitindo, em simultâneo, um quadro relativamente preciso dos recursos naturais potenciais das ilhas visitadas.

O propósito destas expedições extravasou, naturalmente e em muito, o reconhecimento fitogeográfico e botânico das ilhas de Cabo Verde. Ainda que consideradas as expectativas régias de potenciar a exploração económica de alguns dos recursos já conhecidos, como o dragoeiro, o anil ou a urzela², esta última com exploração comercial comprovada desde 1469 (*História Geral de Cabo Verde, 1991: 226*), ou de outros cuja ocorrência era até então desconhecida na região, como a erva cinza³, a diversidade das amostras recolhidas testemunha aspetos específicos da flora e da fauna bem como particularidades geomorfológicas do arquipélago, com destaque notório para a natureza vulcânica das ilhas e a aridez de alguns solos.

Por sua vez, a singularidade dos fósseis marinhos, insetos, borboletas, pássaros e peixes que acentuava a peculiaridade do território, impôs ao naturalista trabalhos acrescidos na preparação das espécies recolhidas. Fazendo uso dos meios à sua disposição, insetos e borboletas foram acomodados em tabuleiros de madeira ou de folha, amostras de terra, rochas, minerais e conchas foram acondicionadas em caixotes, as aves em barris ou em caixas de folha e os peixes em barris. Na impossibilidade de serem enviados vivos, as aves e os peixes impuseram ainda procedimentos complementares tendo em vista a sua conservação. Procedimentos estes que, no caso dos peixes, obrigaram quase sempre a que viessem acondicionados em barris cheios de aguardente pois, o enfaixamento em tiras de pano de bretanha ou o uso do sal, estavam longe de garantir a sua correta preservação.

Neste contexto, a preparação e acondicionamento das espécies vegetais mereceu também cuidados especiais já que toda a colheita de amostras pressupunha não só o conhecimento prévio do processo de herborização, como também o das condições específicas em que o mesmo poderia ocorrer. E estas nem sempre estavam garantidas, obrigando a refazer

1 ROQUE, Ana Cristina e TORRÃO, Maria Manuel (Coordenação), 2013:115-117.

2 Mais do que os outros produtos, a urzela e o anil continuaram a ser objeto de particular atenção por parte de João da Silva Feijó, como atestam a elaboração, “Memória sobre a Real Fábrica do Anil da Ilha de Santo Antão”(1789?) e da “Memória sobre a Urzela de Cabo Verde” (s/d).

3 Ainda que fugaz, a referência à “Erva cinza” fazia prever a possibilidade desta poder vir constituir objeto de um possível investimento. “Tão bem ali vi a muita erva pera fazer Barril pera a fabrica dos vidros, e sabão, cuja cinza preparada, diz ele [João da Silva Feijó], se compra nessa corte aos Estrangeiros a 600 R. a libra, e que lhe encomendara muito V.S. o exame deste produto. Fizemos da dita Erva cinza que trouxemos pera fazer experiencia della, quando houver tempo.” (*Carta do Bispo de Cabo Verde...*, 1783)

5 ROQUE, A.C. e TORRÃO, M.M. “Um Naturalista nas Ilhas de Cabo Verde: a circulação do conhecimento científico no Século XVIII”. In ROQUE, Ana Cristina e TORRÃO, M. Manuel, (Coordenação), 2013:11-23.

percursos e a completar trabalhos ao ritmo próprio das estações que os permitiam, ou aproveitando as situações excecionais que, inesperadamente, se ofereciam.

“Este anno tem chovido muito e por consequência fico na diligencia de fazer nova coleção de Sementes de plantas para lhas remeter” (*Carta para Julio Mattiazi...s/d*).

Exceção feita à planta do anil “cortada em Agosto, e fora do tempo” (*Memória sobre a Real Fábrica do Anil...* 1885: 416), sementes e exemplares para o herbário colhiam-se sempre que “as agoas” o consentiam, desvendando espécies impossíveis de prever e colher fora da “estação própria”; sendo que apenas a experiência deixava ao alcance dos amantes da natureza o conhecimento dos endemismos e o reconhecimento da espantosa biodiversidade do arquipélago.

“Sendo no tempo Secco, esta Ilha tão arida por cauza das agoas, he tão abundante de plantas Naturaes no tempo das Xuvas, o que não deixa de cauzar grade gosto e prazer a vista, e atenção ao que for inclinado as observasoens da Natureza, que variedade de vegetaes, e alguas tão novas como esquisitas” (*Itinerario Flosifico...*, 1783: fls. 43v-44.)

Ainda assim, apesar destes constrangimentos, em dezembro de 1783, estava pronto e a aguardar expedição para o Reino, um primeiro conjunto de recolhas, incluindo plantas e sementes da Ilha do Fogo que integravam um “herbário de 50 e tantas hervas”, acondicionado de acordo com as normas e preceitos que deveriam ser seguidas, num “Caixão de plantas em papéis”, a que acresciam 2 caixões de terra com plantas vivas, um conjunto de plantas que se diz corresponderem a “géneros novos” e uma coleção de sementes de todas as espécies recolhidas (*Lista dos Caixotes...* 1783.).

Desconhece-se o destino que terão tido estes caixotes e supomos que estes sejam os mesmos a que Feijó fizera já referência em setembro quando, em carta a Martinho de Melo e Castro se queixava “...pois tendo eu 6 Caixoens, ou mais de produtos para remeter a V. Excelência não acho meios para o fazer, porque nem mesmo da Sociedade sequer apparece por aqui embarcação alguma para iSso, Seguindo-se aSsim grande prejuízo de se corromperem a maior das plantas, Sementes, peixes e paSsaros, que tenho recolhido, e não ser depois tempo para o tornar a fazer, por que passado este tempo das agoas, não há planta alguma.” (*Carta para Martinho de Melo e Castro...*, 1783)

Porém, não havendo lista de remessa relativa ao envio destas recolhas e tendo em conta as palavras de Feijó, é de presumir que as dificuldades no seu transporte para o Reino, tenham obrigado a que estes caixotes só viessem a ser expedidos para Lisboa, em janeiro do ano seguinte, integrando o conjunto de produtos incluídos na *Lista da Remessa da Expedição da Ilha do Fogo*, datada de 28 de janeiro de 1784.

Porém, o cotejar das duas listagens pouco ou nada permite concluir. As diferentes amostras repartem-se por novos “caixões” sem correspondência com a sua primitiva organização. A coleção de sementes reduz-se a 8 espécies (erva doce, tamarindo, imbondeiro, purgueira, alfarrobeira, manjerição, funcho e mimosa) que partilham um caixote maioritariamente ocupado por pedras e amostras de terra, e do herbário das 50 e tantas ervas, pode presumir-se que alguns dos exemplares sejam os que aparecem identificados como incluídos num outro caixote (folhas de monduro, rolos de tabaco, “fiados” de bombardeiro e de algodão, espigas de milho) onde se enviam também frascos com ameixas e manipolos em aguardente e frutos de embondeiro.

Já no que respeita às plantas vivas, não volta a encontrar-se qualquer outra referência sobre o possível destino destas. No entanto, considerando o tempo que terão ficado à espera de transporte, é de supor que lhes tenha acontecido o mesmo que aos dois caixotes que, em 1794, ficaram em Santiago “...com algumas plantas coriozas do pays, vivas.... que por falta de comodidade e de aguada não foi possível” embarcar no Patacho da Urzela com as restantes curiosidades da Ilha. (*Carta para Martinho de Melo e Castro...*, 1783)

Retomando a lista de remessa de 1784, e tanto quanto nos foi dado analisar, esta parece corresponder ao primeiro conjunto de produtos a enviar de Cabo Verde para Lisboa. Porém, não nos é possível garantir que estes tenham efetivamente chegado ao Reino pois, até agora, não encontramos nenhum documento em que se acuse a sua receção. Aliás, a iniciativa do naturalista escrever para Lisboa, sobre não ser da sua responsabilidade que as amostras recolhidas não chegassem ao Reino, faz pensar que nem todos os produtos que se listavam para enviar, eram efetivamente enviados.

Em carta a Julio Mattiazzi, datada de 1790, escreve Feijó que “depois de ter apromptado hua remessa para eSse Real Muzeo constando de dois Caixoens com taboleiros de diferentes insectos, e hum barRilinho com paSsaros e alguns peixes, e entregado ao Governodor conforme as ordens de Sua Excellência, eu tenho o desprazer de os ver ficar com o risco de tudo se perder” por impossibilidade de serem embarcados “debaixo de Coberta enxuta e bem acondicionados”. (*Carta para Julio Mattiazi...* 1790).

Referida para Santiago esta é, no entanto, uma situação comum à maior parte das remessas desta expedição, designadamente as que respeitam ao herbário. Com efeito, a documentação analisada aponta para que muitas das recolhas não tenham sequer deixado os portos de Cabo Verde. Entre a falta dos materiais necessários à sua preparação e acondicionamento e as dificuldades no seu transporte, muitas foram as amostras que podem não ter sido expedidas ou que chegaram a Lisboa danificadas, como se depreende da carta de Julio Mattiazzi, onde se lê:

“No que respeita aos peixes Sua Excelência ordena que Vmercê remeta novamente todos os que tem mandado, e os mais que achar porque os que remetteo Salgados, chegaram todos podres... [e]... ate agora não remetteo no seu ervário senão de escaleteo de plantas mas que hum até dois e a maior parte sem flores e nem fructo Capas de se examinar...” (*Carta*

(*cópia*) de Julio Mattiazi..., 1785).

No que respeita especificamente às plantas, é impossível contabilizar efetivamente o número de espécies enviadas já que, para além de não terem sido encontradas as listas supramencionadas, o herbário chegado a Lisboa teve apenas uma passagem meteórica pelo Real Jardim Botânico da Ajuda, de onde foi levado por E. G. Saint-Hilaire para Paris, em 1808, durante as invasões napoleónicas.

Deste modo, às dificuldades que condicionaram a formação e o percurso atribulado deste herbário, e que já de si constituíam dificuldades de peso ao seu estudo, veio juntar-se a separação entre o material herborizado e a documentação escrita, tornando ainda mais difícil o estudo sistemático das recolhas botânicas efetuadas por Feijó e a avaliação da importância do seu contributo para o conhecimento da flora de Cabo Verde.

Mais de dois séculos passados, mantêm-se em Paris os materiais de herbário⁴ e persistem em Lisboa os escritos que os complementam.

Ainda assim, considerado como referência por quem se tem ocupado da flora de Cabo Verde⁵, o herbário de João da Silva Feijó tem sido recorrentemente citado pelo seu carácter pioneiro e, sobretudo, pela informação disponibilizada e que, em regra, corresponde à primeira referência sobre as espécies características da flora de Cabo Verde, designadamente as espécies endémicas.

Ainda que se reconheçam algumas falhas e, sobretudo, a impossibilidade de articulação entre os espécimes de herbário e os registos escritos, os primeiros trabalhos sobre a flora de Cabo Verde apontam para um número superior a 560 amostras de plantas que terão sido recolhidas por Feijó, durante as suas viagens por quase todas as ilhas do arquipélago. Esta informação, veiculada pelo Conde de Ficalho com base numa nota manuscrita de Welwitsch (Ficalho, 1947:61), teria permitido a Sir P. Barker Webb a elaboração de um catálogo específico de 293 espécies da flora de Cabo Verde, integrado na sua *Spicilegia Gorgonea*, editada em 1849 (Ficalho, 1947:61). Ainda segundo Ficalho, Webb pode estudar a coleção de Feijó em Paris mas esta estava “desacompanhada de quaisquer listas ou documentos escritos que, sem dúvida, se haviam perdido”(Ficalho, 1947:62), o que não permitiu que neste catálogo figurassem nem os nomes vulgares das plantas, nem o seu uso ou potencial aproveitamento.

Com efeito, a coleção não tinha registo escrito a enquadrá-la mas, como sabemos hoje, a documentação não estava perdida. Desconhecendo-se a sua existência ou considerada irrelevante, esta documentação foi deixada nos arquivos do Jardim Botânico da Ajuda e constitui o fundo específico do Museu de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa que aqui se publica. Fundo este, que nos permitiu aceder a alguma informação suplementar sobre esta coleção.

Assim, neste contexto e sem que se ponha em causa o número de espécimes referidos por Welwitsch, o conjunto de plantas com registo na documentação escrita que ficou em Lisboa, está longe de suportar tanto a quantidade quanto a dispersão geográfica das recolhas efetuadas. Efetivamente, nesta documentação, referem-se pouco mais de duas centenas de exemplares recolhidos, correspondentes a uma área de distribuição que se identifica com 3 das Ilhas visitadas, a saber, Brava, Fogo e Sto. Antão, com uma clara preponderância das espécies ocorrentes na Ilha do Fogo. E embora se informe que foram igualmente remetidas para Lisboa, plantas e sementes recolhidas em Santiago (*Carta para Julio Mattiazi...* 1786), as listas de remessas que se conhecem dos produtos desta Ilha não incluem espécies vegetais.

Infelizmente também não foi possível encontrar a relação das 63 espécies diferentes de “sementes das mais curiosas Plantas daquelas Ilhas” (*Carta para Domingos Vandelli...*, 1796), entregues pessoalmente por Feijó a Domingos Vandelli, aquando do seu regresso a Lisboa em setembro de 1796, para serem semeadas no Real Jardim Botânico da Ajuda; nem tão pouco as descrições de algumas dessas espécies feitas pelo “Methodo Linneano” a que, em algumas cartas, se faz referência.⁶

Assim, o Catalogo Sistemático respeitante às plantas da ilha do Fogo e da Brava incluído no seu *Itinerario Flosifico* (1783) constitui, do ponto de vista da documentação escrita de suporte e enquadramento das plantas recolhidas, o documento de base a partir do qual é possível inferir sobre o que pode ter sido o herbário resultante da expedição naturalista de João da Silva Feijó a Cabo Verde, entre 1783 e 1796. É este Catálogo que permite perceber a diversidade de espécies vegetais em Cabo Verde no final do século XVIII, e esboçar um quadro de referência histórica que nos possibilita hoje uma melhor apreciação da flora do arquipélago.

4 Segundo Cardoso Júnior, as primeiras diligências no sentido de recuperar o herbário remontam aos finais do século XIX (CARDOSO JÚNIOR, 1902:80). Segundo informação do responsável pelo Herbario du Musée National d’Histoire Naturelle de Paris, em fevereiro de 2013, este museu não dispõe de informação escrita relacionada com o herbário de João da Silva Feijó, que foi integrado na coleção geral do Museu. Atualmente, a coleção do MNHN consta de cerca de 8 milhões de espécimes e o herbário de Feijó, tendo perdido a sua unidade enquanto coleção, está, como os restantes espécimes, acessível a pesquisa apenas por classificação taxonómica.

5 Vd. referências em GRANDVAUX-BARBOSA, 1961.

6 Apesar de na enumeração das espécies que constam do herbário, que integra a lista da Expedição da Ilha Brava inserida no *Itinerario Flosifico* (1783), referir para o Alecrim brabo “Vide aminha discripção no meu Fasciculo plantas” (fls. 5), de que se depreende que 1783 Feijó já ter teria feito e enviado a descrição de algumas espécies, a única descrição escrita que, até agora, foi possível encontrar data de 1788 - *Plantae Insulae Prom. Viridis variae secundum Linnean methodum discriptae*.

Efetivamente, com base na informação disponível e em função das plantas recolhidas na viragem do século XVIII, o herbário de Feijó testemunha a ocorrência de 44 famílias, possíveis de identificar, pelas quais se distribuíam 108 das espécies recolhidas, e às quais acresciam mais 105 espécies, cuja designação vulgar não permitiu chegar ainda à sua identificação (Quadro 1). Para além destas registam-se ainda 80 amostras de plantas, correspondendo eventualmente a espécies ou géneros novos que Feijó identificou muito genericamente, e ainda as espécies cultivadas, consideradas de valor económico tanto na perspetiva agrícola, alimentar - milho, arroz, feijão, mandioca, cana-de-açúcar, amendoim (mancarra), árvores de fruto, hortícolas... - quanto na perspetiva industrial – sangue de drago, café, tabaco, algodão, urzela, anil... -, muitas das quais não constam das listas de remessas mas integram quer os manuscritos que agora se publicam, quer os do Arquivo da Academia das Ciências de Lisboa, publicados em 1815 nas *Memórias Económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa* (vd. Bibliografia).

Tendo em conta que muita da informação recolhida por Feijó é corroborada em trabalhos posteriores, como por exemplo os trabalhos de Ferrão (1898) para a Ilha de Sto. Antão, os de Andrade (1908) para o Fogo e a Brava ou, mais recentemente, os trabalhos em curso no arquipélago tendo em vista o reconhecimento da flora medicinal (eg. Gomes, *et al*, 2008; Romeiras, *et al*, 2010), parece-nos ser de sublinhar a importância dos trabalhos e resultados desta expedição para o reconhecimento botânico de Cabo Verde e a construção de um sistema de informação histórico-geográfico de referência sobre a flora deste Arquipélago que permita uma melhor compreensão da evolução histórica da distribuição geográfica das diferentes espécies nestas Ilhas.

DOCUMENTAÇÃO E BIBLIOGRAFIA

FEIJÓ, João da Silva (1783), “Carta para Martinho de Melo e Castro. Ilha do Fogo, 20 de setembro de 1783”. AHU, CU, Cabo Verde, Caixa 41, Doc. 51.

FEIJÓ, João da Silva (1783), ITINERARIO FLOSOFICO que contem a Rellação das Ilhas de cabo Verde despp.osto pelo methodo epistolar dirigidas ao Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor Martinho de Melo e Castro pello Naturalista Regio das mesmas Ilhas. João da Sylva Feijó, 1783 (53 fls.) que contem a Rellação das ilhas de cabo Verde despp.osto pelo methodo epistolar dirigidas ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Martinho de Melo e Castro, pello Naturalista Régio das mesmas Ilhas, João da Sylva Feijó. BNP Reservados Cód.12847.

FEIJÓ, João da Silva (1783), “Lista dos caixotes que estão prontos para serem enviados para Lisboa. Ilha do Fogo, 21 de Dezembro de 1783”. AHU, CU, Cabo Verde, Caixa 41, Doc.57. In: ROQUE, Ana Cristina e TORRÃO, Maria Manuel (coordenação), *De Cabo Verde para Lisboa: Cartas e Remessas Científicas da Expedição Naturalista de João da Silva Feijó (1783-1796)*. Vol.I – Documentação do Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa: IICT/FCT, 2013:31.

FEIJÓ, João da Silva (1784), “Lista da Remessa da Expedição da Ilha do Fogo 1784 - 1. Expedição da Ilha do Fogo”. AHMUL-MUHNAC FRMJBA Rem 558f.

FEIJÓ, João da Silva (1785), “Lista da Remessa das Produções da Ilha de Santo Antão feita na Real Expedição Para o Real Gabinete de Historia Natural do Principe Nosso Senhor pelo Naturalista João da Silva Feijó. 16/6/17 85”. AHMUL-MUHNAC FRMJBA Rem 558d.

FEIJÓ, João da Silva (1786), “Carta para Julio Mattiazi. Ilha do Fogo, 1 de agosto de 1786. AHMUL-MUHNAC FRMJBA CN/F-14.

FEIJÓ, João da Silva (1786), “Relação dos Produtos Naturaes da Ilha do Fogo Remetidos na presente expedição para o Real Gabinete do Principe Nosso Senhor, em 11 de Agosto de 1786, pelo naturalista João da Silva Feijó”. AHU, CU, Cabo Verde, Caixa 43, Doc.62. In: ROQUE, Ana Cristina e TORRÃO, Maria Manuel (coordenação), *De Cabo Verde para Lisboa: Cartas e Remessas Científicas da Expedição Naturalista de João da Silva Feijó (1783-1796)*. Vol.I – Documentação do Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa: IICT/FCT, 2013:60-75.

FEIJÓ, João da Silva (1788), *Plantae Insulae Prom. Viridis variae secundum Linnean methodum discriptae*. Academia das Ciências de Lisboa. ACL, mss. Vermelho 723, n°8.

FEIJÓ, João da Silva (1789?), “Memória sobre a Fabrica Real do Anil na Ilha de Santo Antão”, *Memórias Económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa*, Tomo I, Lisboa: Academia Real das Ciências, 1885:415-430.

FEIJÓ, João da Silva (1790), “Carta para Julio Mattiazi. Ilha de S.Thiago, 25 de abril de 1790. AHMUL-MUHNAC FRMJBA CN/F-18.

FEIJÓ, João da Silva (1796), Carta para Domingos Vandelli. 23 de setembro de 1796. AHMUL-MUHNAC FRMJBA CN/F-21.

FEIJÓ, João da Silva (1797), “Ensaio Económico sobre as Ilhas de Cabo Verde”, *Memórias Económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa*, Tomo V, Lisboa: Academia Real das Ciências, 1815:172-193.

FEIJÓ, João da Silva (s/d), “Memória sobre a Urzella de Cabo Verde”, *Memórias Económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa*, Tomo V, Lisboa: Academia Real das Ciências, 1815:145-154.

FEIJÓ, João da Silva (s/d), “Carta para Julio Mattiazi.” AHMUL-MUHNAC FRMJBA CN/F-22.

MATTIAZI, Júlio (1785), “Carta (cópia) de Júlio Mattiazi para João da Silva Feijó. Lisboa, 25 de novembro de 1785”. AHMUL-MUHNAC FRMJBA CN/F-13.

*

ALBUQUERQUE, L. e SANTOS, M. E. M. (Coordenação), (1991), *História Geral de Cabo Verde. Vol. I*. Lisboa - Praia: Instituto de Investigação Científica Tropical - Instituto Nacional de Cultura.

ANDRADE, A. da C. e (1908), “Notícia da Flora das Ilhas de Cabo Verde. I – Fogo e Brava”, Separata da *Revista Official da Missão Agronómica*, n°4 de 1908, Praia: Imprensa Nacional.

CARDOSO JÚNIOR, J. (1902), *Subsídios para Matéria Médica e Therapeutica das Possessões Ultramarinas Portuguezas*, 2 vols. Lisboa: Academia Real das Ciências.

DINIZ, M. A., DUARTE, M.C., MARTINS, E. S., MATOS G. C. & MOREIRA, I (2002), *Flora das Culturas Agrícolas de Cabo Verde*, Lisboa: IICT.

DUARTE, M.C., MOREIRA, I., GOMES, S. e GOMES, I. (1996), “Flora das culturas agrícolas da Ilha de Santiago (Cabo Verde)”. In: *Garcia de Orta*, Série Botânica, Lisboa, 13 (1): 71-82.

GOMES, L. e PIMENTEL, A.S. (2011), *Nhó N°Ton Julinhe & Nhó Candinhe*, Lisboa: Ed. Colibri.

GOMES, A. R., VASCONCELOS, T. e ALMEIDA, M. H. G. (2008), “Plantas na Medicina Tradicional de Cabo Verde”, *Atas do Workshop Plantas Medicinais e Práticas Fitoterapêuticas nos Trópicos*, Lisboa, 29-31 de Outubro de 2008. Lisboa: IICT. Disponível on-line para download em <http://www2.iict.pt/?ide=15&idi=14082>

GRANDVAUX -BARBOSA, L. A. (1961), “Subsídios para um dicionário utilitário e glossário dos nomes vernáculos das plantas do arquipélago de cabo verde (com uma introdução sobre a explorações botânicas realizadas no arquipélago)”. In: *Garcia de Orta*, Série Botânica, Lisboa 9 (1): 37-91.

FICALHO, C. de (1947), *Plantas úteis da África Portuguesa*, Lisboa: Agência Geral das Colónias.

FEIJÃO, R. O. (1963), *Elucidário Fitológico. Plantas vasculares de Portugal Continental, Insular e Ultramarino (P-Z)*, Lisboa: Instituto Botânico de Lisboa 3 (10).

FERRÃO, C. R. (1898), *Estudos sobre a Ilha de Santo Antão*, Lisboa: Imprensa Nacional.

LINNEUS, C. (1759) *Systema Naturae, Tomo II – Vegetabilia*, Ed. Decima. Facsimile por J. Cramer, New York: Weldon and Wesley, Ltd., 1962.

INIDA (1995), *Plantas endêmicas e árvores indígenas de Cabo Verde*, Praia.

ROMEIRAS, M. M., CATARINO, L., TORRÃO, M. M., CATARINO, L. e DUARTE, M. C. (2011), “Diversity and origin of medicinal exotic flora in Cape Verde Island”, *Plant Ecology and Evolution* 142 (2):214-225.

ROMEIRAS, M. M., TAVARES, J., TORRÃO, M.M., CATARINO, L. e DUARTE, M. C. (2010), “Preservation and knowledge of medicinal herbs in Cape Verde Islands: diversity and uses of exotic species since the colonization of this archipelago”, poster apresentado ao XIXth AETFAT Congress, Madagascar, 25-30 April 2010.

VAZ, G. (1929), “Arborização das Ilhas de Cabo Verde”. In: *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Lisboa, 5 (45):14-52.

**QUADRO 1
FLORA DO ARQUIPÉLAGO DE CABO VERDE NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XVIII
HERBÁRIO DA EXPEDIÇÃO DO NATURALISTA JOÃO DA SILVA FEIJÓ: Ilhas do Fogo, Brava
e Sto. Antão (1783-1796)**

Família	Nome vulgar1	Nome científico2	Local de recolha
AMARANTHACEAE	Bredos	<i>Amaranthus viridis</i> L. <i>Amaranthus blitum</i> subsp. <i>oleraceus</i> (L.) Costea*	Fogo
	Malpica	<i>Achyranthes aspera</i> L.	Fogo; Brava
	Bredos brancos	<i>Amaranthus</i> spp.?	Fogo; Brava
AMARYLLIDACEAE	Alho bravo (alho brabo)	<i>Allium sativum</i> L.	Fogo; Sto Antão
ANACARDIACEAE	Manipolos (maniplos)	<i>Spondias mombin</i> L.**	Fogo
ANNONACEAE	Pinha	<i>Annona squamosa</i> L.	Fogo
APIACEAE	Funxo (funcho; funtcho; aipo)	<i>Tornabenea</i> sp.	Fogo; Brava
	Herva doce (erva dose; erva dosse; funcho)	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill	Fogo; Brava
ASCLEPIADACEAE	Abelão (alvatão; ervatão; gestiva; sistiba)	<i>Sarcostemma daltonii</i> Decne. ex Webb	Fogo
	Bombardeiro	<i>Calatropis procera</i> (Aiton) W. T. Aiton	Fogo
	Degistiva (dezistiva; gestiba ?)	<i>Sarcostemma daltonii</i> Decne. ex Webb	Fogo; Brava
ASPARAGACEAE	Carrapato (carrepateira)	<i>Furcraea foetida</i> (L.) Haw.	Fogo
	Cebola albaram	<i>Urginea</i> spp.**	Fogo
ASTERACEAE	Losna (lasna)	<i>Artemisia gorgonum</i> Webb	Fogo; Brava
	Marcella (marsela; marcela)	<i>Nauplius daltonii</i> (Webb) Wiklund	Fogo; Brava
	Marselinha (marcelinha)	<i>Conyza varia</i> (Webb) Wild	Fogo
	Serralha (sarralha)	<i>Sonchus oleraceus</i> L.	Fogo
	Talga (Taba?)	-	Fogo
BORAGINACEAE	Borragem (borragem)	<i>Borago officinalis</i> L. **	Fogo
	Lingoa de vaca	<i>Echium vulcanorum</i> A. Chev. <i>Echium</i> spp.	Fogo; Brava

Família	Nome vulgar	Nome científico	Local de recolha
BRASSICACEAE	Solda (palha solda)	<i>Lepidium didymum</i> L.*	Fogo
CAESALPINIACEAE	Senne de Palma	<i>Cassia</i> sp.	Fogo
	Tamarindo (tambarina)	<i>Tamarindus indica</i> Willd.	Fogo
CARYOPHYLLACEAE	Palha bodião (palha bidião)	<i>Polycarpeae gayi</i> Webb	Sto. Antão
CHENOPODIACEAE	Fedegoza	<i>Chenopodium murale</i> L.	Brava
CISTACEAE	Piorno amarelo (piorno de flor amarela)	<i>Helianthemum gorgoneum</i> Webb	Fogo
COMMELINACEAE	Orelha de rato (oredja-rato)	<i>Commelina diffusa</i> Burm. f. subsp. <i>diffusa</i>	Fogo
CONVOLVULACEAE	Batata c.	<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	Brava
	Batata do mar	<i>Ipomoea pes-caprae</i> (L.) R. Br.*	Brava
	Corriola (curriola)	-	Fogo; Brava
CUCURBITACEAE	Olho de vaca (melancia brava)	<i>Citrullus colocynthis</i> (L.) Schrad.	Fogo; Brava
	S. Caetano (banana-rato; sacaltano)	<i>Momordica charantia</i> L.	Fogo
CYPERACEAE	Junsa (junça; jumsa; djunça; junco)	<i>Cyperus rotundus</i> L. e <i>Cyperus</i> sp. <i>Cyperus esculentus</i> L.	Fogo, Brava
	Barba de bode (capim barba-de-bode)	<i>Cyperus compressus</i> L.	Fogo
EUPHORBIACEAE	Barba de torta olho	<i>Euphorbia tuckeyana</i> Steud. ex Webb	Brava
	Torta olha (tira-olho; tortolho)	<i>Euphorbia tuckeyana</i> Steud. ex Webb	Fogo
	Mandioca	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Fogo
	Purgeira	<i>Jatropha curcas</i> L.	Fogo
FABACEAE	Alfarroba	<i>Ceratonia siliqua</i> L.	Fogo
	Baguinha de codornis (caixinha de codornis; bachinha de codornis; palha-lobes)	<i>Clitoria ternatea</i> L.*	Fogo
	Bananas de sanxo (banana-sancho)	<i>Indigofera hirsuta</i> L. var. <i>hirsuta</i>	Fogo
	Bongoló (feijão bongolom?)	<i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp.	Fogo
	Cana fistula (canafistula)	<i>Cassia fistula</i> L.	Fogo
	Fava (feijão-fava)	<i>Phaseolus lunatus</i> L.	Fogo
	Feijão figueira árvore (feijão congo)	<i>Cajanus indicus</i> Spreng.	Brava

1- O nome vulgar corresponde à designação que aparece nos manuscritos de Feijó. Entre parênteses apresentam-se outras designações colhidas nas fontes que serviram de base para a elaboração deste quadro.

2 - Identificação feita com base em ANDRADE, 1908; DUARTE, M.C. *et al.*, 1996; FERRÃO, 1898; GOMES, I. e PIMENTEL, A., 2011; GRANDVAUX-BARBOSA, L.A., 1961; INIDA, 1995; ROMEIRAS, M.M. *et al.*, 2010 e 2011. Revisão e atualização da nomenclatura, em 2015, por Maria Cristina Duarte

Família	Nome vulgar	<i>Nome científico</i>	Local de recolha
FABACEAE	Mancarra (amendoim)	<i>Arachis hypogaea</i> L.	Fogo
	Monduro (munduro)	<i>Sesbania grandiflora</i> (L.) Pers.	Fogo
	Munduro maxo	-	Fogo
	Santa Clara	<i>Abrus precatorius</i> L.	Brava
	Santa Clara preta	<i>Abrus precatorius</i> L.	Fogo
	Santa Clara vermelha	<i>Abrus precatorius</i> L.	Fogo
	Tinta femea	<i>Indigofera tinctoria</i> L. et aff.	Fogo
	Tinta maxa	<i>Indigofera tinctoria</i> L. et aff.	Fogo
LAMIACEAE	Herva Cidreira (erva sidreira)	<i>Micromeria forbesii</i> Benth.	Fogo
	Mangericão	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Fogo
	Mangerona	<i>Origanum majorana</i> L.	Brava
	Monvoio (marroio; morroyo; morroio)	<i>Marrubium vulgare</i> L. * <i>Leucas martinicensis</i> (Jacq.) R. Br	Fogo
	Piorrinho (mata-piolho)	<i>Ajuga iva</i> (L.) Schreb. *	Fogo
	Rosmaninho (rosmaninhum)	<i>Lavandula dentata</i> L.	Fogo; Sto. Antão
	Aipo (aypo C.V. urgevão; aipo da rocha; gibão)	<i>Lavandula rotundifolia</i> Benth.	Fogo; Brava; Sto. Antão
	MALVACEAE	Algodoeiro	<i>Gossypium hirsutum</i> L.
Caccao de Serra Leoa		<i>Theobroma cacao</i> L.	Fogo
Calbaseira asinore		<i>Adansonia digitata</i> L.	Fogo
Loló		<i>Melochia spicata</i> (L.) Fryxell. **	Fogo
Lolo preto		<i>Sida</i> spp. ou <i>Sida urens</i> L. <i>Sida rhombifolia</i> L.	Fogo
Malva brava		<i>Malva sylvestris</i> L. **	Brava
Malvaisco (alteia)		<i>Althaea officinalis</i> L. **	Fogo
Algodão amarello lantilhado		<i>Gossypium</i> spp.?	Fogo
MIMOSACEAE	Espinho	-	Fogo
	Espinho preto (espinheiro preto)	<i>Acacia farnesiana</i> (L.) Willd.	Fogo
	Espinho branco (espinheiro branco)	<i>Faidherbia albida</i> (Delile) A. Chev.	Fogo; Brava

Família	Nome vulgar	<i>Nome científico</i>	Local de recolha
NYCTAGINACEAE	Batata de asno (batata de purga)	<i>Mirabilis jalapa</i> L.	Fogo
	Batata burro (batata-de-burro)	<i>Boerhavia diffusa</i> L. ou <i>Mirabilis jalapa</i> L.	Fogo
	Palha de branco (palha branca)	<i>Boerhavia</i> spp.	Fogo
OLACACEAE	Ameixa	<i>Ximenia americana</i> L.	Fogo
OXALIDACEAE ?	Azedinha	-	Brava
PAPAVERACEAE	Cardo (cardo-santo)	<i>Argemone mexicana</i> L.	Sto. Antão
PERIPLOCACEAE	Lentisco (lantisco)	<i>Periploca chevalieri</i> Browicz	Fogo; Brava
PHYLLANTHACEAE	Soldinha (soldrinha; palha soldrinha)	<i>Andrachne telephioides</i> L.	Fogo
POACEAE	Milho roxo	<i>Zea mays</i> L.	Fogo
	Milho preto	<i>Zea mays</i> L.	Fogo
	Milho vermelho	<i>Zea mays</i> L.	Fogo
	Palha basoura (palha de vassoura)	<i>Tricholaena teneriffae</i> (L. f.) Link	Fogo; Brava
	Palha guiné	<i>Hyparrhenia hirta</i> (L.) Stapf	Fogo
	Pega saia (pega caya)	<i>Setaria verticillata</i> (L.) P. Beauv.	Fogo; Brava
	Pé de galinha	<i>Dactyloctenium aegyptiacum</i> (L.) Willd.	Fogo; Brava: St. Antão
	Rabo de gato	<i>Aristida</i> sp.	Fogo
	Sorgo	<i>Sorghum bicolor</i> (L.) Moench	Fogo
	PTERIDACEAE	Avenca (albenca)	<i>Adiantum capillus-veneris</i> L.
Douradinha (doradinha)		<i>Cosentinia vellea</i> (Aiton) Tod.	Fogo
RHAMNACEAE	Zimbrão	<i>Ziziphus mauritiana</i> Lam.	Fogo
ROCELLACEAE	Urzela	<i>Rocella tinctoria</i> DC.	Fogo
	Urzela roza	<i>Rocella tinctoria</i> DC.	Fogo
	Urzela verde	<i>Rocella tinctoria</i> DC.	Fogo
	Urzela de barba	<i>Rocella tinctoria</i> DC.	Fogo
RUBIACEAE	Velho tezo (bedjo-teso; beio-teso)	<i>Spermacoce verticillata</i> L.	Fogo; Brava
RUTACEAE	Laranjeiras	<i>Citrus</i> spp.	Fogo
SCROPHULARIACEAE	Alecrim brabo	<i>Campylanthus glaber</i> Benth. subsp. <i>glaber</i>	Fogo; Brava

Família	Nome vulgar	<i>Nome científico</i>	Local de recolha
SOLANACEAE	Birbilhaca (burbilhaca)	<i>Datura metel</i> L. e <i>Datura</i> spp.	Fogo
	Figueira do Inferno (barbiaca; estramónio)	<i>Datura stramonium</i> L.	Fogo
	Herva moura (erva moira, solano)	<i>Solanum nigrum</i> L.	Fogo; Brava
	Tabaco	<i>Nicotina tabacum</i> L.	Fogo
STERCULIACEAE	Lolo branco	<i>Melhania ovata</i> (Cav.) Spreng.	Fogo; Brava
TAMARICACEAE	Tarafe (tarrafe; tamargueira)	<i>Tamarix senegalensis</i> DC.	Fogo
TILIACEAE	Balneda (barnedo?)	<i>Grewia villosa</i> Willd.	Fogo
URTICACEAE	Urtiga	<i>Forskaolea procrisifolia</i> Webb	Fogo; Brava
ZINGIBERACEAE	Pimenta de Guiné	<i>Aframomum melegueta</i> (Roscoe) K. Schum.	Fogo
ZYGOPHYLLACEAE	Abrolho (cardo)	<i>Tribulus cistoides</i> L.	Fogo
SEM IDENTIFICAÇÃO	Avenquinha		Fogo
	Baguinha de xinxirote (chinxirote)		Fogo
	Balanco		Fogo
	Banana de finado(s)		Fogo
	Basal (bassalo)		Fogo
	Begueije (begueje; bequeje)		Fogo; Brava
	Bolha botão		Brava
	Bongolim		Fogo; Sto. Antão
	Bonge amargozo		Fogo
	Borraga brava		Fogo
	Cabasa		Fogo
	Cabeleira de S. Filipe		Fogo
	Calbaginha		Fogo
	Calbaseira de porco		Fogo
	Canudo		Brava
	Celsia		Fogo
	Cheira bem (palha cheirosa)		Brava
	Cheira mal		Fogo
	Cheira peixe (chera peixe)		Fogo
	Coçacosa (cossa cossa)		Sto. Antão
Cordão de frade		Fogo	

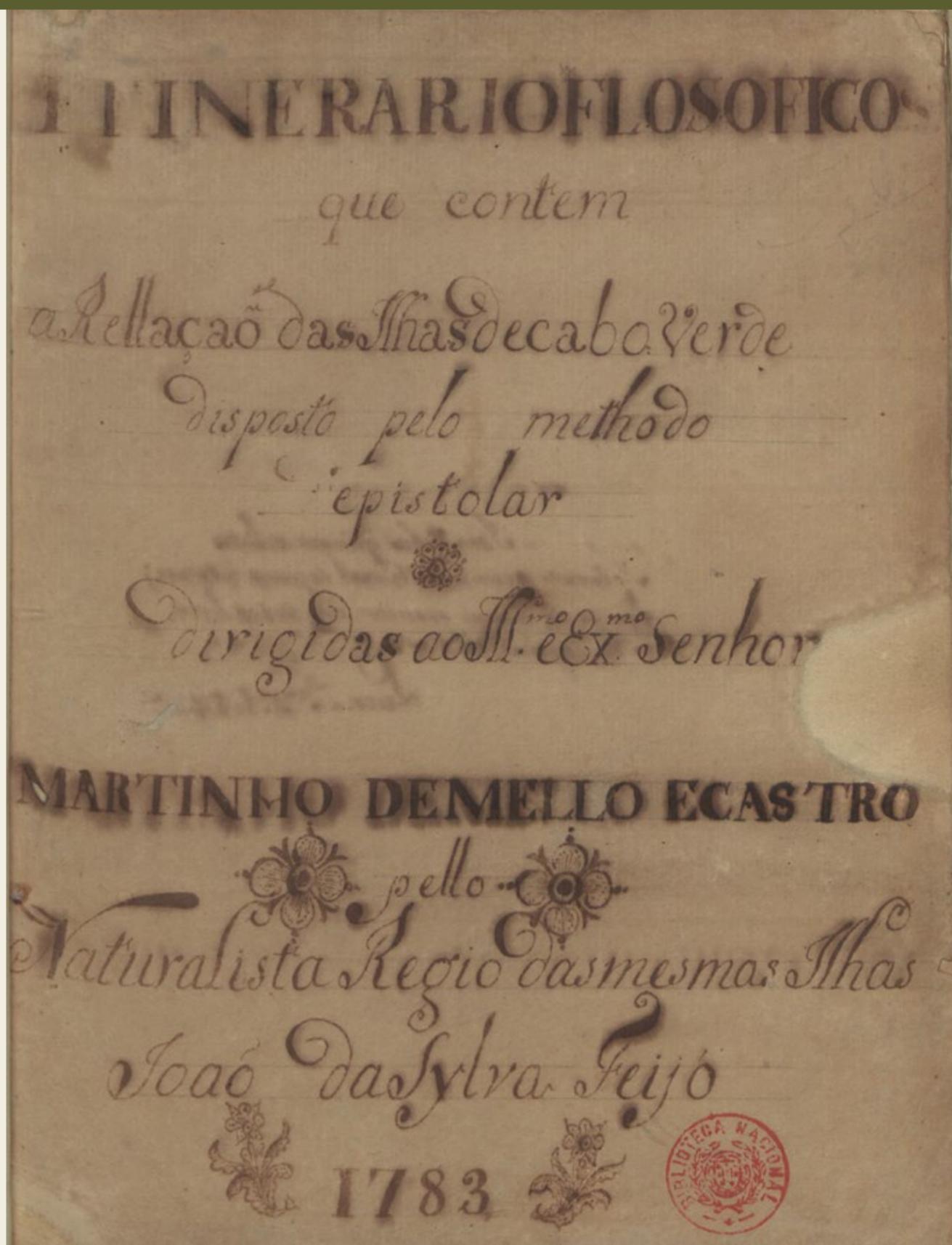
Família	Nome vulgar	<i>Nome científico</i>	Local de recolha
SEM IDENTIFICAÇÃO	Cravos de defuntos		Fogo
	Crensaje		Fogo
	Cubre		Brava
	Dominguinho		Fogo
	Fava de feiticeira (fava de feiticeira)		Fogo; Brava
	Favateira		Fogo; Brava
	Feijão bravo		Brava
	Feijão cavallo		Fogo
	Fetal		Fogo; Brava; Sto. Antão
	Fetal de parede		Fogo
	Feno		Fogo
	Finca preta		Fogo
	Fransinea		Fogo
	Gaimão		Fogo
	Gegé (gege)		Fogo; Brava
	Gogo		Fogo
	Grão de rato (gram de rato)		Fogo; Brava
	Guarda caminho		Fogo
	Joamea		Fogo
	Juelho de cabra		Brava
Junta de cabra		Brava	
Junsinha		Fogo; Brava	
Lagainha		Fogo	
Lasso de finado (lapso de finado; pau de finado?)		Fogo	
Losninha		Fogo	
Marra vaca		Brava	
Marcella branca		Fogo; Sto. Antão	
Mastrusos		Brava	
Maria xinga (maria chingua; mariachina)		Fogo; Brava	

Família	Nome vulgar	<i>Nome científico</i>	Local de recolha
	Maria xinga verde (maria chingua verde)		Fogo
	Matapasto		Fogo
	Melansia de sanxo		Fogo
	Melão de sanxo		Fogo
	Milho “abortivo”		Fogo
	Milho de Manuel Ledo (milho de maneledo)		Fogo
	Monco de Perú (monco de perum)		Fogo
	Murrasa		Brava
	Nho Jom (Nho Tom)		Fogo
	Orchis (raiz de)		Fogo
	Ori		Brava
	Palha canna (outra espécie)		Brava
	Palha cana (outra espécie)		Brava
	Palha chinxirote		Fogo
	Palha corda		Fogo; Brava
	Palha cordinha		Fogo
	Palha cortume		Fogo
	Palha de pardal		Sto. Antão
	Palha do bixo (palha de bixo)		Fogo; Brava
	Palha de bixo (outra espécie)		Brava
	Palha femea		Brava
	Palha forquilha		Brava
	Palha forquilha maxa		Fogo
	(palha) Forquilha fêmea		Fogo
	Palha gorgoleta		Fogo
	Palha pastor		Brava
	Palha salema		Sto. Antão
	Palhinha do rollo do mar (palhinha derol de mar; palhinha de rolla de mar)		Fogo; Brava

Família	Nome vulgar	<i>Nome científico</i>	Local de recolha
SEM IDENTIFICAÇÃO	Panasco		Fogo
	Pastel		Fogo
	Pé de galo		Fogo
	Pega cão		Fogo
	Pega meia (pega meya)		Fogo
	Perpetuas bravas		Fogo
	Piorno preto		Fogo; Brava
	Rabo de capão		Fogo
	Rais amargosa		Fogo
	Rupitaia (rapucaya)		Fogo
	Sabão de cativo		Fogo
	Sapato de sanxo estreito		Fogo
	Sapato de sanxo largo		Fogo
	Segonha (bico de segonha)		Fogo; Brava
	Serralha brava		Fogo
	Seta		Fogo
	Seta de cão		Fogo
	Seta de porco		Fogo
	Sururú		Fogo; Brava
	Tona		Fogo
	Tousa		Fogo
	Vergonha d’homem		Fogo; Brava
	Zagaia de sanxo		Fogo
Zagainha		Fogo	

* Não se conhecem referências bibliográficas que suportem a atual ocorrência da espécie na ilha. Note-se que poderá, no entanto, tratar-se de uma espécie cultivada.

** Não se conhecem referências bibliográficas que suportem a atual ocorrência da espécie no Arquipélago de Cabo Verde. Note-se que poderá, no entanto, tratar-se de uma espécie cultivada.



§ 22

[fl.1] ITINERARIO FLOSOFICO

que contem a

Rellação das Ilhas de cabo Verde

despp.osto pelo methodo

epistolar

dirigidas ao Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor

Martinho de Melo e Castro

pello

Naturalista Regio das mesmas Ilhas

João da Sylva Feijó

1783

[fl.1v.] Jam rebus quisque relictis
Natura in primum Studeat cognoscere rerum;
Temperis eterni quoniam non unice hera,
Ambiqitur Icatu ..."

Lucr. L.3º v. 1 e 8 [ilegível]...//

§ 23

// [fl.2] Carta

Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor

Ilha Brava 17^{1/6} 83

A relação que tenho a honra de apresentar a V. Excelência, das muitas viagens na real expedição destas Ilhas de Cabo Verde, de que por ordem de Sua Magestade F.F. e Sabia direcção de V. Excelência fui encarregado, não he por hora maiz do que hum Itinerário das minhas primeiras observasoens, as quais conforme as ultimas instruccoens, que recebi do Doutor Franzini, por ordem de V. Excelência, Compreenderão em Summa, a Oryctografia, a Geografia fisica, com a Moral destes povos, Sem as longas, e particulares explicasoens, que Se me não perderão de vista para as comunicar a V. Excelência quando me permitir.

A Sabedoria, e Prudencia de V. Excelência {notando os innumeraveis erros, que necessariamente devo commeter em huma coiza para mim toda nova} não deixarão de os relevar, e emendar, atendendo não Sô aos // [fl.2v] aos poucos e imperfeitos conhecimentos, que V. Excelência alegre o meu espirito; como também porque viajando não pode hum Naturalista aSegurarse de coiza algua, que se lhe offerece.

Para esta Relação não acho, Excelentíssimo Senhor outro methodo mais acomodado, que o Epistular, entre tanto que o descanso de hum corpo fatigado, e molesto, e o Socego de hum espirito turvado com tantos, e tam multiplicadas Idéas, possão algum dia fazer vêr a V. Excelência para meu Credito, huã historia mais pura, e mais circunstanciada destas Ilhas, confiado no Patrocínio de V. Excelência e na Sabedoria de quem me instruir, e conduzir.

Principio, Senhor, pela minha primeira Carta, que comprehenderã desde a Sahida da Cidade de Lisboa athe a chegada da Ilha Brava, onde me acho.

Tendo partido de Lisboa no dia 3. de Fevereiro depois de 16 dias de viagem com repetidos temporaes do Sul, fomos avistar a Ilha da Madeira pela tarde com hum fortissimo furacão de vento Norte, que por espaso de 4 horas fês andar a ronqueira Embarcação em que vinha 34. milhas // [fl.3] milhas e árvore Secca com não pequeno perigo de novas vidas: deste ponto com o mesmo vento porem mais moderado, em 11 dias avistouse a ilha do Sal, hua das dezertas do Cabo Verde, com a desconfianca no Mestre de já as haver varado pelo tempo que Se gastou em Correr para ellas, e no Seguinte dia 28. do mesmo

mêz pela manhã avistamos a de S. Nicolao onde pelas 12 Surgimos no porto Chamado da Perguisa.

Huns montes áridos, vermelhos cortados de innumeraveis valles, terminados pela parte do már em ellevadas e escarpadas roxas a pique, foi a primeira idea, que concebi desta Ilha Logo que Se me representou do már; Saltei em terra, e dali fui conduzido a Povoação distante deste porto boas duas Legoas pela Ilha dentro, onde fui hospedado pelo Excelentíssimo Bispo destas Ilhas D. Frei Francisco de S. Simão a quem eu tive a honra de Ser recomendado por V. Excelência o qual tinha ali a sua residencia.

A demora que aqui tive que forão 2. mezes darmehia muito Lugar a comunicar agora a V. Excelência algumas observaoens Filozoficas desta Ilha, e remetter ao real Gabinete as mostras de Suas produccoens, Se não Se antepozesse a este meu dezejo a Sinistra intenção daquelle Prelado a Cujas ordens vim cometido, o que deixo para quando Se me offerecer occasião // [fl.3v] occasião, pois tentando eu dar logo por ali principio me não quis permitir, dizendome que hiria dar principio pela Ilha Brava ao que o respeito e Subordinação me fes obedecer em prejuizo meu, pois assim quis a minha fortuna para que mais tempo andasse¹ por huns paizes tão disgrasados como estes.

Passados os 2. mezes a 16. de Abril parti em companhia do dito Prelado para S. Thiago, com escalla pela Ilha do Maio onde em o dia Seguinte 17. Surgimos em o porto do Pau Seco, e ali Se demorou o dito Bispo no enteresse de Suas madeiras fragmentos de hua Nau Dinamarqueza, que ali deu a costa, em os baixos chamados do Galeão, que ficaõ ao Norte da Ilha, cuja madeira elle havia arrematado como quis a Fazenda real Com não pouco prejuizo da mesma.

Não posso deixar de reflectir aqui neste lugar, a lastima que me cauzou aquelle spectacolo de tanta riqueza perdida: tanta madeira, adoellas de toneis, ainda Sem trabalho; 60 e tantos mastros reaes de 5 e mais palmos de diametro, enteiros, e novos, grande numero de vergas, pessos innumeraveis de Cabo, ferro, chumbo, 100 e tantos barris de pez, grandes // [fl.4] Grandes Carretas de pessos, artilharia etc.² amontoadas por aquelle areal occupavão hua boa meia Legoa de distancia, excepto o que dizem estar espalhado por toda aquella baia como caixoens compridos, que mostrão Ser de armamento, artilharia; pessos d'amarras etc.³ que a negligencia daquelles habitantes, e do Feitor da Fazenda Real ali deixa perder.

A Curiozidade de ver conxas me fes correr em os 8 dias, que ali nos demoramos, grande parte daquellas praias, e havendo recolhido grande porção dellas, porque o Bispo me não concentio conduzillas, alegando não haver commodidade, lá ficarão não com pouco pezar meo, amontoados em hum canto da barraca, e entre ellas alguns esquelletos, e craneos de grandes animaes marinhos.

Passados os 8. dias partimos para S. Tiago, e em 6. horas Surgimos em o porto da Villa da Praia, onde estão fundiadas huaz poucas de Naos olandezas, e Inglezas; desembarcamos pela tarde, e logo tomamos o caminho da Cidade onde Chegamos pelas 8. da noite.

Ali nos detivemos, emquanto passavão os dias Sanctos da Pascoa, em que o Prelado em rezão de Seu ministerio tinha obrigação de ali aSis// [fl.4v] assistir: passada a ultima oitava recebo o dito Prelado a posse do governo interino destas Ilhas, em que Sua Magestade tinha feito a honra de o promover.

Recebida a posse e deixando em Seu Lugar para o governo da Ilha o official de maior Patente, partimos para a ribeira da Prata, Sitio junto ao Tarrafal, que elle havia escolhido como o mais Saudavel daquella Ilha para a Sua residencia, e fundação de hum Seminario que devia Servir para educação da mocidade destas Ilhas, e nesta jornada gastamos todo hum dia a andar pela força do Sol de Maio, que já então naquella Ilha abraza.

Hum Lugar mui dezabrido, mui calido, esteril, doentio e dezerto, onde Só Se vem roxas escarpadas povoadas de innumeraveis cabras bravas, e Xusmas de macacos devoradores, e destruidores de todos os Fructos, que ali Se pudesse produzir: eis aqui Senhor, em poucas palavras a verdadeira discripção³ do bello Sitio que este Prelado, Contra o parecer de todos os principaes da Ilha, tem escolhido para huma plantação de letras; desprezando então hum dos Sítios mais aprazivel, maiz fresco, e mais fértil daquella Ilha qual he a ribeira da Trindade, de que a mesma Mitra he Senhora.

Depois de aLi passarmos alguns dias debaixo de nossas barracas, Como // // [fl.5] Como Anacoretas, mal comido, e mal dormido emquanto o Seu Bargantim descarregava naquella costa, tentou o dito Prelado chegar outra vez a Ilha de Maio, como com efeito partio, deixandome ali com tres rapazes de Sua familia por espasso de 8 dias, no fim dos quaes tornou a voltar ao mesmo Sitio, onde chegou aos 16 de Maio Com tenção de fazerme transportar para a Ilha Brava, por muitas, e repetidas instancias minhas. Com efeito no dia 19. pelas 4 horas da tarde embarcamos em a boca da ribeira de Maria, que he um valle, que está entre a ribeira da Prata e o Chambam³ do Tarrafal, por não podermos embarcar na Praia da ribeira da Prata, pelo grande már que fazia naquella Costa, preferindo á este perigo, outro de não menos Cuidado, qual foi o aspero, terrivel, e perigozissimo Caminho por onde nos conduzimos a dita Ribeira de Maria, por Ser roxa podre, e Sobre o mar.

As 6. horas da mesma tarde demos vella para a Ilha Brava com o rumo d'oeste, e vento lesnoroste em o dia Seguinte amanhecemos junto a Ilha do Fogo, e todo aquelle dia 20. andamos em calma pela costa do Norte daquela Ilha junto a terra;

da 6. para 7 da tarde principiou a refrescar o vento, e por Ser já noite, e estarmos junto da terra da Ilha Brava, fezse no bordo do már, athe ao outro dia pela manha a 21. em que das 9. para as 10. horas do dia Surgimos // // [fl.5v] Surgimos no porto chamado da Furna daquella Ilha, fundiando-se junto a terra dentro da baia em altura de 19. brassas de agoa: tão grande he a profundidade daquelle porto; as 11. appareceo o Cappitam Môr da Ilha, e logo desembarcamos, e fomos conduzidos por elle ao Sitio de Sancta Barbara, onde Sua Excelência, e eu fomos hospedados pelo dito Cappitam Môr em huas cazas, que ali tem, em que faz a Sua maior residencia por ter ali a loge do Contracto.

Passados 6. dias aos 26 do mesmo mêz tornou Sua Excelência a embarcar no mesmo porto para a ribeira da Prata, com a intenção de abordar a Ilha do Fogo, para fazer conduzir conSigo officaes de pedreiros, e carpinteiros, para onde deu a vella em o dia seguinte; ficando eu ali para dâr principio, Segundo as Suaz determinasoens, as minhas observaoens, com ordem de Logo que as acabasse me passasse a Ilha do Fogo, onde se encontraria Com migo por todo o mêz de Agosto; e dali a 7 dias, tempo que se gastou em aprontar gente e fazer conduzir as cargas que estavam no porto, dei principio ao meu trabalho, que vai a fazer o objecto das Seguintes Cartas.

O Supremo Creador permitta ajudarme e incaminharme, para que Cumprindo eu bem com os meus deveres, alcansse da minha // [fl.6] da minha Augusta Soberana a grasa, e de V. Excelência a prometida protecção, e ambos dillatar, e fazer prosperar os seos preciosos dias.

Sou com o mais profundo respeito
Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor
De V. Excelência
O mais humilde, e obediente Subdito e Criado
João da Silva Feijó

2ª Carta

Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor

Ilha Brava 17 ^{1/7} 83

Em a minha precedente carta eu tive a honra de fazer ver a V. Excelência a minha digressão athe aqui, passo a mostrar a V. Excelência as minhas primeiras observaoens, relatando primeiramente a situação // [fl.6v] a Situação geografica da Ilha e a natureza, ou qualidade do Seu terreno, em Segundo Lugar a Sua historia passando depois a fazer huma piquena reflexão sobre o moral dos Seus habitantes.

No dia 1 de Junho parti do Sitio de Sancta Barbara com 12 homens e hum official para os dirigir, e pratico para me enSinuar os passos, e logo tomei o Caminho da Povoação, donde, depois de ouvir Missa tomando para a parte do N.OEst para o Sitio chamado Pedrinha, principiei a correr a Ilha em redondo, athe vir terminar outra vez ao mesmo ponto passando depois a vizitar o interior, Cujo trabalho conclui em 18 dias, que vai a fazer objecto da presente Carta.

A Ilha de S. João {que assim Se chama esta denominada Brava} está Situada a 14 gr. 45m. de latitude ao N. dalquinosial Sobre 353.24 de longitude Justamente ao Est da Ilha do Fogo na distancia de 4 Legoas de canal, esta he Sem duvida de todas as Ilhas de cabo verde povoadas a mais piquena, pois tem de comprimento, ou Latitude 2. Legoas com pouca differença Sobre de largura, ou Longitude 2 ½ Cuja circumferencia total montara // [fl.7] montara pouco mais ou menos em 7 Legoas.

He toda Composta de montes, os quais Correm com a direção de Nors'este por SuEst pouco mais, ou menos, e estes São Compostos de bancos de cos aSentados Sobre outros de pedra areenta dura, e pezada em que Se observão Christaes de Bazaltes¹ de diferentes cores: entre estes bancos Se descobrem veias de varias qualidades de terras, e pedras pela ordem que Logo mostrarei quando occasião o permitir.

Os Montes que correm pelo Centro da Ilha tem huma figura y comprehendendo em cada angollo huma plainisse, a 1ª que olhe para o N. Chamada da Povoação, a 2ª que athe para o Est que Se Chama Campo, e a 3ª que fica para o Sul, que os habitantes denominão de caxaso.

Contão-se em toda esta Circumferencia 9 portos 4 de Navios que nem em todos os tempos São de uzo, quaz São: hum da parte do Leste chamado Furna, que So Serve para o tempo secco, outro ao N.Oeste a que chamão de Feijão d'agoa, que serve para o tempo das agoas: o 3º dos Terrenos ao SudOeste que Serve ao mesmo tempo que o da Furna, // [fl.7v] o da

¹ Palavra sublinhada no manuscrito

¹ Palavra escrita sobre a linha

² Palavra escrita sobre a linha

³ Palavra escrita sobre a linha

Furna, o 4º d'Ansião ao Sul que não he uzado apezar de ter capacidade pela Sua baia; os outros 5 São de lanchas, ainda que estes So Se tornão em cazo de necessidade pelo que lhe chamão rogadores; taes são o da Pedrinha, Sorne, Portete, Aguada, e Aguadilha: eu passo a relatallos mais Largamente.

A Pedrinha he huma costa continuada pelo escarpado de hum monte, em Cujos roxedos, que São de huma pedra aspera, e dura a que os Naturalistas chamão Cos (1) Se observão varios veios perpendiculares, e delgados de gesso puro em abundancia, e facil de se extrahir.

Esta costa corre para o N. NoEst da mesma Sorte athe onde chamão Espilão mediando hum espasso chamado Bante, este Espilão he hum alto monte com hum grande despenhadeiro para o mâr, justamente em o Sitio Chamado Braga, pelo que lhe chamão espilão de Braga, que he hum dos mais altos da Ilha; he por este monte que os habitantes conhecem Se hade, ou não Chover, porque Logo que as nuvens o cobrem a Sua Sumidade he certo chover na Ilha, he composto de roxedos vagos de enorme grandeza de hua pedra a que os Naturalistas chamão Saxum (2) mui // [fl.8] mui compacta: estes roxedos estão embutidos em huma terra composta de varias qualidades de lavas entre as quais hua em grande quantidade esbranquisada calcarea, a que os habitantes Chamão Cinza da que Servem as molheres do paiz depois de algua maneira purificada a Seu modo para untarem os dedos quando estão a fiar algodão: Sobre este monte Se vê muita Urzella, e alem deste Lichem outro a que os habitantes Chamão falsa Urzella por Ser mais fina; pela experiencia que fis, esta dá mesma cor que a outra, e julgo perder-se por negligencia.

Esta Costa continua ao Espilão athe o porto da Ribeira, de Feijão d'agoa com os montes da mesma natureza, mediando neste espasso a Ribeira de Sorne, Cujá embocadura forma no mâr huma piquena enSeada a que chamão rogador, e este he o 2º porto das Lanxas (3) esta ribeira não he mais que hum piqueno valle, que esta entre o monte do Espilão que lhe fica da parte do Lest, e do Figueiral ao Est; a agoa que tem he de huma piquena fonte, que Se acha assima do Valle, a qual por ser de mui pouca agoa, não tem esquanta ao mâr; esta // [fl.8v] Esta he grossa, e de mau Sabor Similhante a outra que aparece enxarcada em huma piquena fagita que medea entre a ribeira de Sorne, e espilão a qual porque he nascida de huma piquena fonte, por isso se chama fontinha, e he desta a de que Se Serve os habitantes daquelle Sitio para Seus uzos.

Todos estes montes que Correm do Espilão São da mesma natureza de Cos mui grosso, e friavel.

A Cadea de montes que eu disse atravessa a Ilha, vem a terminar immediatamente na ribeira de Feijão d'agoa na ponta do escarboeiro terminação do monte do risco Vermelho, que fica ao Est de Sorne, nome que lhe² dão por Ser a terra ocracea; de Sobre este monte se descobre huma grande baixa ou valle Semicircular chea de verdura a qual lhe chamão Lavadura e toda aquella ribeira de Feijão d'agoa que dali continua athe o mâr. Para descer do risco vermelho a esta baixa da Lavadura tem hum caminho mui terrivel, e ingrime praticado em o mesmo monte do risco Vermelho que ali he como cortado perpendicularmente, que formando Semicircularmente hum altíssimo, e orrorozo despenhadeiro abraça aquella plainisse. Esta // [fl.9] Esta me pairesse não ser mais do que huma grande deroptura de hum Só monte, que ou o mâr na sua formação, ou outra alguma revolução natural fazendo abater aquella porção deixou ficar aquelle plano: na elevação de todo este despenhadeiro deixa a natureza ver melhor a formação interior daquelles montes, ali Se vem bancos de pedra Calcaria Confusamente misturada com Lava, isto he, pedras queimadas e christaes de Schol pretos, verdes etc. os quais Se desfazem facilmente a primeira pancada do Martello.

Há nesta Xam huma grande fonte d'agoa excellente, que Sahindo por baixo de huma roxa por duas outras bocas em grande quantidade forma aLi hum tanque: Esta agoa ainda que em abundancia não chega a hir desagoar abaixo Senão no tempo das agoas, por Ser toda dividida em porsosens que passam a Servir de regar as ortas dos habitantes daquelle Sitio, que ali formozeão aquella plainisse, Sumindose depoiz pela terra para hir Sahir outra ves mais abaixo dando origem a nova fonte, que com outras forma a Ribeira de Feijão d'agoa.

Estas nascendo em // [fl.9v] em abundancia no Sitio Chamado encontro, que esta justamente por baixo do monte do risco Vermelho vai em distancia de hum quarto de legoa desagoar ao mâr regando de caminho por diferentes partes immensidade de bananeyras, e vinhas, que fazem ameno, e aprazivel aquelle Sitio; e entre estas fontes Se observa huma com mui grande abundancia d'agoa, que despenhando-se por hua roxa abaixo fas hum ruido Similhante ao de huma grande cascata a qual lhe chamão espanadeiro do encontro.

He na boca desta ribeira que o mâr formando entre o morro de Garboeiro da parte do Norte, que assima disse fazia o extremo do risco vermelho, e de outro Lado a ponta do Padre huma enseada, Constitui o porto daquela ribeira de Feijão d'agoa, hum como já disse, dos principaes da Ilha. A ponta do Padre he assim denominada huma grande pedra que ali dentro do mar Se vê entre outras, a qual a primeira vista representa hum Padre em acção d'absolver hum penitente vivamente representado a Seus pêz, em outro penedo, e por detras deste outro como curvado em acção de quem espera que aquelle Se levante para elle ajoelhar: na verdade não pode // [fl.10] não pode haver couza maes viva, e naturalmente representada: igualmente do outro Lado da Bahia junto ao Garboeiro esta outro roxedo ponteagudo, izolado, a que chamão baixa, aguda, que de longe representa hua Lanxa a vella, e ao perto hua pyrameda; e he justamente para dentro deste roxedo, e deste Lado

do Norte que dão fundo as Embarçoens: este he o melhor de todos os portos da Ilha de Novembro athe Mayo tanto pela Segurança das embarçoens, como pela facilidade que tem de fazerem commodamente a Suas agoadas porque a agoa, pela Sua abundancia, corre daquella ribeira athe o mâr Sobre Calhaos roliços, de que he corberta aquella praia.

Daqui continuão estes estes³ montes a ccorrer com⁴ a dirrecção de Lest, oEst pouco mais ou menos, hindo a terminar ao Chamado monte do Espigão, que divide este porto de Feijão d'agoa do Portete: para hir a esta enSeada do Portete Se passa por huma Xam chamada Javatal do Portete, onde Se vê hum grande algodoeiro comprehendido em hum bom quarto de legoa todo absolutamente queimado por causa de hum⁵ incendio que em o mês de Fevereiro proximo passa= // [fl.10v] Passado havia por descuido abrazado todas aquellas fazendas, destruição que não deixará de cauzar consideravel perda, e dano aos Seus donos.

Todo este terreno athe o porto he arento, e ocraceo, e esteril por conSequencia, e Só proprio para algodoeiros: dali descendo por huaz roxas escarpadas da mesma natureza se vai dâr a praia do Portete: este he hum dos rogadores de Lanxas, ou enSeada não piquena que ali fas o mâr naquella Costa d'Oest: mui Suja no Seu fundo, Sua praia he d'area preta, e Calhaos de diferentes cores, fragmentoz das pedras dos montes Circumvizinhos: por entre os bancos daquellas roxas, Se observão veios perpendiculares horizontaes de quartzo branco; e outros de lava escura com christaes de Schol mui friaveiz; Estas roxas, ou montes continuão por toda aquella costa Lansando no mâr da parte do Sul da baia hua ponta a que chamão ponta da Costa em que Se observão também em⁶ varias ropturas, bancos, Estrados, e veios de pedras e terras arentas, tintas de diferentes Cores de que he composta toda aquella Cadea de montes, que correm por ali fora: Estrados de // [fl.11] de Stelectites de grossura de 1-2 polegadas Se observão, Sustentar em partes aquelles bancos de cos: em outros Lugares vem-Se bancos dezordenados de hua terra ocrácea, vermelha, impura com calhaos de Lava cos etc. embutidos, e veios d'argilla roxa enterpostas em outros bancos de lava branca como crata justamente como a terra Cinza do Espilão de Braga: ainda mais para dentro os mesmos bancos continuão os mesmos Sortes de veios ocracios: e todos estes bancos, São dispostos huns em planos horizontaes, outros em declives correndo com a mesma derecção dos montes.

Daqui deixando aquella costa por Ser invadiavel que corre a Oes o esSuettomando nomes de costa do Canisso, e Prainha por onde ainda continuão os mesmos montes da mesma natureza vaise a dar a ribeira dos Ferreiros.

Esta Ribeira hê hum dos mais funebrissimos valles, nao mui comprido praticado em as Ruinas daquelles montes, que vem continuando do Portete: ella he toda Cercada de roxas podres que formão perigozos despenha= // [fl.11v] despenhadeiros alem de ter mui pouca agoa, que toda Se consome em regar algumas vinhas, e algodoeiros que aLi Se ve, he de pessima qualidade de Sorte que cauz a aos que a bebem {e não São com ella costumados} dôr de cabeça: Será talves pela mà digestão que occazona a qualidade de todo este terreno he o mesmo que o do Portete.

Este Porto dos Ferreiros hum dos 4 principaes da Ilha he outra enSeada não piquena que aLi fas a costa em a qual pode fundiar qualquer embarcação, por Ser Limpa em Seu fundo: Esta enSeada principia em a ponta do Tantum que fica ao Norte, e correndo pela enSeada do mesmo nome vai terminar a outra ponta da parte do Sul chamada de Mathiaz, toda a Sua praia he coberta de montoens de calhaos de diferente grandeza.

Todos os montes que Correm por huma e por outra parte desta ribeira, São construidos de bancos de cos mui compacto, Sobrepostos a outros de pedra Calcaria, principalmente os da parte do Norte que he hua continuação dos do Portete; entre alguns destes bancos Se observão Veios de hua argilla parda huns estrados de hum // [fl.11] de huma pedra Cinzenta friavel composta d'area grossa; alem disto achao Se pedras vagas e embutidas de hua natureza ocracea Leves e algumas cavernozas que mostrão Serem Lançadas por algum volcano.

Daqui continua a correr os mesmos bancos athe o porto d'Ancião que fica ao Sul da Ilha: para hir a este porto vaise a passar por hum dos Ramos da Cadea dos montes que atravessa a Ilha a que chamão monte de Vigia ficando a parte do Lest hua plainisse chamada Porca: deste monte Se descobre toda parte do Sul da Ilha; deste lado toda a costa he innacesivel e chea de precipicios e todo e terreno arido: ao Lado do Est deste monte de vigia continua os montes, ou roxas que formão a costa a que chamão Cassador, e Lapa de Miguel.

Na ponta deste monte de vigia que olhe para o Sul há outro mais piqueno a que chamão Xam de Ouro, Cujá Superficie he coberto de talco amarelo donde lhe vem o nome, e todos estes montes São Compostos d'Estrados de terras ocracea, e bancos de cos entre os quaes Se vê huma Subida do // [fl.12v] Subida do monte da vigia de cor preta de grossura de 2 polegadas, e mui friavel: todo este terreno que corre dali athe Anciãõ monte de Miranda etc.³ he coberto de huma terra ocracea arenta mui Subtil com fragmentos do mesmo talco: o qual constitui hum veio do mesmo monte misturado com Lava branca e cinzenta mui friavel de 4. palmos de grossura: este mesmo veio com todos os mais bancos que constitui em aquellez montes tomando opozição inclinada seguem a mesma direcção de Lest Oest com pouca diferencia como a Cadea dos mesmos montes.

3 Palavra rasurada no texto.

4 Palavra acrescentada sobre a linha.

5 Palavra acrescentada sobre a linha.

6 Palavra acrescentada sobre a linha.

2 Palavra escrita sobre a linha

O Xam de Ouro pega com outro monte a que chamão quebra Cabessa e este em outro que forma a ponta da Costa de Sud oest chamada Roxa calida daLi continuando para o Sul vaise dâr a outra enSeada a que chamão porto d'Ancião hum do 4. Capazes de poder dâr fundo os Navios ainda que não he uzado por não ter Caminho para hir para o interior da terra por Ser todo praticado em elevadas, e escarpadíssimas roxaz que athe os mesmos Naturaes temem Subir, ou des // [fl.13] Subir, ou descer pelo Seu grande perigo.

Em huma destas roxas que botão Sobre o mâr neste porto he onde apparese em hum piqueno, e delgado veio de terra calcaria o chamado Salitre da Ilha Brava que não he outra coiza mais do que hum Sal de baze terrea Similhante ao que chamão Sal d'Epson, ou amargo de Inglaterra: o Seu Sabor he amargo, exposto ao contacto immediato do âr Liquidificase, Lançado Sobre brazas ardentes depois delle tomar tanto Calor detona, ou ferve como o Nitro; dissolvido no acido Vvitiolico faz huma piquena efervescencia, o que não fâz com alcalinos; ex aqui em Suma a analize que o tempo permitio fazer neste Sal.

Este quando fosse hum producto de concideração Se fazia pouco apreciavel tanto pela pouquissima quantidade que delle ha nesta Ilha porque só se acha neste Lugar, e entre pedras, como pelo grave perigo em que se expoem quem vai a tirallo; por Ser necessario desser pela roxa atado pela Sintura e de // [fl.13v] e dependurado como que vai tirar Urzella, por cauza da iminencia e despenhadeiro daquella Roxa.

Daqui deste porto continua a correr a mesma Costa formada de roxas da mesma natureza: junto ao Ancião ao Suest sahe huma ponta de terra ao mâr a que chamão Xam fermozo e daLi continuando a mesma Costa vai formando para Lest LesNordest athe a Ribeira do Vinagre outras piquenas enSeadas como São, Aguada de Miguel, Jacanda, Ponta do Sal, Cova do Âr, Cural Novo onde vai desagoar nomes de agoas huma Ribeira do mesmo nome, aonde ha huma piquena fonte de mâ qualidade de pouca consideração.

Immediatamente a esta piquena enseada esta outra Separada pela ponta chamada de Morea, a que chamão Agoada onde vem desagoar outra ribeira da mesma natureza que a precedente, e onde há outra piquena fonte, adiante segue-se ainda outra piquena enSeada a que chamão Agoadinha mediada pela ponta chamada Resernando ficando-lhe ao Norte outra cha // [fl.14] chamado do Minhoto.

Deixando esta continuação, passo a discrever o interior do Portete: ao Norte deste porto esta o Campo chamado do Cachaso, que he hua piquena plainisse que fica ao Suest quazi da Ilha no 3º angollo que forma a Cadea dos montes que eu disse atravessava a Ilha; ao Sul deste Campo fica hum Monte a que chamão de Miranda de Sima do qual Se descobre toda a Costa do Sul e do Est da mesma Ilha: todos estes montes, e plainos desta parte da Ilha São Cobertos na Sua Superficie de hua terra areenta mui Subtil com fragmentos de bazalteos, e na ropturas de algum de dez Se deixa ver Serem Compostos de bancos de Cos grosso hum pouco dezordenadamente dispostos, Separados por alguns veios de huma terra ocracea vermelha, e de outra Cinzenta vulcanica.

Deste Campo do Cachaso Caminhando para o Norte Se atravessa aquella Cadea de montes entre os quaes esta hum chamado do Mato grande que dessendo vai dâr a hum grande Valle coberto de grandes Titimalos a que chamão // [fl.14v] Torta olhos, o qual lhe chamão ribeira funda por onde no tempo das agoas corre ao mâr; a boca desta ribeira he huma enSeada que forma ao mâr com o mesmo nome, junto a ponta do Minhoto que lhe fica ao Sul demorandolhe ao outro lado a ponta do Cagareiro, que divide a boca da ribeira funda da ribeira do Vinagre.

Do mato grande Se vem dâr ao Citio chamado Garça em cujos montes Se acha abundancia d'ocra amarello como tambem na mesma ribeira funda, em Estratos, e hum roxo terra em pedra algum tanto ordinario: daLi para baixo Correm huns Valles, e piquenos outeiros que vão dâr a ribeira do vinagre, em Cujos escarpados Se observão ainda mais veios de hua terra ocracea, escura, de hum barro vermelho, e outro amarello de hua ocrá vermelha ordinaria entrepostos em bancos de hua pedra dura, e pezada a que os Naturalistas Chamão Saxum, e hum estrada de hua pedra Cinzenta friavel com fragmentos de Christaes brancos {da natureza daquelles que eu disse Se achavão dispersos na Superficie do monte de Miranda} Com glotinados, no qual Se achão alguns peda= // [fl.15] alguns pedaços que parecem terem Sahidos de volcanos.

Esta Ribeira do vinagre he hum Valle, que Logo ali mediatamente Se acha formado na ropturas daquelles mesmos montes, daquelles mesmos montes (sic) que formão aquella Cadea: ella tem Sua origem em hua fonte que emana d'entre huas grossas Roxas, a qual correndo vai desagoar a huma enSeada na mesma costa do Lest junto a ponta do Garboeiro formando a Sua embocadura entre esta ponta, e a outra que lhe fica da parte do Norte com o mesmo nome da ponta do Vinagre.

A agoa desta fonte tem hum Sabor aSido vitriolico mui forte, donde lhe vem o nome d'agoa do vinagre: Porem não deixa Sedimento algum de terra Marcial; misturados com qualquer dos Saes alchalinis fas huma piquena effervescencia, e muda em vermelho a cor azul do TornaSol: Parece que ella vem por alguma mina do Sal da natureza da d. Epsom; porque com o tempo deixa hum Sedimento branco Salino com o Sabor amargo, // [fl.15v] Amargo e adstringento.

Os Habitantes desta Ilha estão tão acostumados com ella que dificultozamente bebem outra de diferente qualidade; e tem para Si que trazida para Caza passados três dias perde o gosto aSido, e fica mais doce do que me não pude convencer, porque Sempre achava com mesmo Sabor terrivel.

ASima da ponta do vinagre Se vé hum piqueno Burgo a que chamão Sancta Cruz, e caminhando mais para o Norte fica o Sitio de Sancta Barbara onde dizem foi antigamente o primeiro assento da Povoação: Correndo pela Costa passado a

ponta do Vinagre, está outra piquena enSeada chamada de Lega Cao adiante da qual Segue-se mediatamente a Bahia da Furna.

Esta Bahia, ou Enseada hum dos primeiros portos d'embarçoens desta Ilha que fica da parte do LesN. he formada naquella costa de hua maneira toda diferente porque correndo esta com a terra desde a ponta do vinagre athe a do Navio quebrado, // [fl.16] Quebrado; que demora na embocadura do porto, entra para dentro fazendo ali hum cane golfo, e depoiz torna a Sahir e vai formar a outra ponta do outro lado da embocadura a que chamão Salunga: e daLi continua a correr athe a Pedrinha: Toda esta Furna he rodeada de roxas altas, e a pique Sua boca he virada para o Sul não he certamente mui Larga, pelo que fosse preciso Ser pratico para por ella entrar e muyto principalmente para Sahir pelo grande risco em que Se corre de encostar a qualquer das pontas tanto pela estreiteza desta entrada, Como pelas grandes correntes que ali o mâr fâz: mais dentro achao as embarcoens hum mui bom e Seguro porto Com fundo de 17 athe 19 bracas d'agoa: porem he necessario que não Seja tempo que não reinão os Suess e Suestes porque então há marezias, e necessariamente deve hir vizitar a praia; Logo que huma qualquer embarcação Se acha dentro fundiada he-lhe necessario {quando não queira Sahir a reboque, e com cabos á terra com o perigo de Cahir Sobre as pontas com as correntes} // [fl.16v] Correntes} esperar o terral que mui poucas vezes ali Se Sente pela altura das roxas: porque quem he pratico Sempre procura o bom estado da boca e a reboque com cabos Lansados da embarcação a hua das pontas Se poem fora.

Para dentro desta ponta de Jalunga, ha outra a que chamao de Badejo: para dentro do qual dão fundo az embarçoens: Sobre esta ponta de Jalunga corre para OEst hum monte a que dizem Favatal: todos os maes que correm desde a ribeira do vinagre, Sancta Barbara athe ali São Compostos de bancos enormes de Cos mui compacto, cor Cinzenta, com alguns veios de terra ocraceas, e argillozas de diferentes cores, entre as quaes Se observa huma cor de tabaco em o Sitio de Sancta Barbara, e outro de huma terra preta, e aspera Cujo veio continua athe Furna em hua palavra.

Esta Ilha he toda construida de montes da 2ª e 3ª Clace; Estes como já disse correm com a direcção quazi de Lest oest e a proporção que vão formando o Centro da Ilha vão tomando tambem maior elevação: Estes da 1ª Clace São formados de hua pedra areenta rija mui compacta que Sustenta bancos de côs // [fl.17] bancos de côs e de outras pedras calcarias confuzamente disposta nos quaes Se vem embutidos pedaços de outras pedras etorogeneas de diferentes grandezas, ali bem deixão ver, juntamente pelos grandes valles que entre elles Se observão terem Sufrido algua revolução natural: todos os mais montes da 3ª Clace São de hua natureza Calcária e areenta a que chamão Cos: athe aqui tenho mostrado a geographia fizica desta Ilha: passo agora a mostrar a Sua historia com a moral de Seos habitantes: o que vai a fazer objecto da Seguinte Carta para a qual espero de V. Excelência a mesma attenção.

Sou com o mais profundo respeito
De V. Excelência Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor
O mais humilde Subdito e Criado
João da Silva Feijó //

[fl.17v]

3ª Carta

Excelência Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor

Ilha Brava, [ilegível] 17^{8/7} 83

Na uLtima Carta eu tive a honra de Relatar a V. Excelência o mais resumido que pode Ser a discripcão Geographica fizica desta Ilha agora restame, para complemento deste mesmo objecto, mostrar qual srja o seu clima pela Situação em que demora; qual a Sua fertilidade; quaes as doenzaz indemicaz que Se experimentao ali; os medicamentos de que Se Servem os Seos habitantes; qual a natureza Character, vida e costumes delles; e como finalmente foi o Seu descobrimento etc.^a. o que eu confiado na mesma atenção de V. Excelência passo a dizer como Souber.

Esta Ilha quazi Sempre esta coberta de espessas nevoas, e por isso he fria como nenhua das outras; a humidade ali he tanta que não Se pode conservar papel algum, pelo que os Seus Cartorios estão na do Fogo; os mesmos faltos do uzo apodressem com facilidade e por isso mesmo he das maiz farteiz tambem: ali // [fl.18] ali produz muito milho, muito feijão, muita ortalissa, muita batata, muita banana, e muito vinho este Se fas duas vezes no anno; porque duas vezes dá uvas no anno; alem disso seus montes quazi se vem cobertos de diferentes qualidades de plantas particulares, como em hua Lista eu fis ver a V. Excelência e algumas tão esquizitas como novas ao Conhecimento dos Naturalistas: em hua palavra de todos os viveres he mui abundante de Sorte que hua Galinha nunca passa de 2. vintens, hum porco por maior que Seja dois mil reis, hum alquer de milho hum tostão e o mais a porpoção disto.

Certamente he mui Sadiã e a unica doensa que nella Se experimenta mais perigoza he a do cabruncolo de que morrem muitos dos Seus habitantes; Serã talvez pelo mau methodo de os Curar. o remedio geral que para elles Se aplica he o ferro Logo no principio, e depois hum emplasto de pez alcatrão, e azeite de peixe: há tambem alguas febres nos tempos das Navidades e estas São Curadas com Sangrias, Sarjas, e quintilio, de Sorte que a este ultimo pelo grande uzo que delle fazem lhe chamão por antomazia o Sancto quintilio tanta he a ffe que to // [fl.18v] que todos os naturaes destas Ilhas poem neste mal introduzido remedio, e posso aSegurar, que muitos morrem por tomarem intempestivamente este medicamento, pois por qualquer coiza de Oppressão ou do Estamago, ou de Cabessa, que experimentem, Logo tomão 10 – 12 -16 athe 24.gr. delle; tudo isto por falta de quem Saiba conhecer as doensas, e aplicar lhes o devido medicamento: porque Se algum Sururgião por aqui apparese he certamente daquelles que nem Ler o curvo Saibem: tal he a mizeria em que vivem os pobres habitantes destas Ilhas.

Este mesmo Clima enflue tão vizivelmente nos temperamentos dos Seos habitantes que Logo que elles deixão aquella Ilha para outra São immediatamente atacados de febres agudas que depoiz Se transmütão para a Classe dos intermitentes, e por isso receião muito de Sahir para outra principalmente para a de S. Tiago, para a de Maio, e Boavista.

São quazi todos os naturaes desta Ilha, fulos, dotados de hum genio docil e Sincero algum tanto maliciosos, mui obedientes aos brancos principalmente aos Seos Superiores; São naturalmente inclinados a preguiça, excepto no tempo das Agoas, em que a necessidade obr// [fl.19] obriga a todos procurar de Semear Seu milho, feijão, e abobra para terem que comer no restante do anno; São demaiz a mais Ignorantissimos, Libidenoziissimos, e lascivos em estremo principalmente as molheres, que de mais a mais São immodestas de todos os modos contempladas: todo o tempo empregão em bailes a que chamão Zambunaes, e outros divertimentos reprehensiveis acompanhados d'acçoens, e movimentos Licencioziissimos, que dezagradão a honestidade; finalmente São Supersticiozos em alguns pontos de religião como na Suas Nupcias, e funeraes.

Não há Coiza que maez me provoque o rizo, que o ver hum Cazamento neste paíz: premitame V. Excelência fazerlhe Sobre este objecto hua piquena descripção: A noiva vestida a maneira daz nossas mascras vai para a Igreja tão serza, tão direita, e tão immovel da Cinta para Sima, que athe para alimpar o Suor do rosto Leva hua molher ao pé de Si com hum Lenço para este fim, que d'ordinario he a madrinha; ahinda que nunca Se calçasse como he Costume naquella Ilha, naquelle dia há-de Sofrer a mortificação do Sapato hum dos maiores martirios para ellas: // [fl.19v] para ellas: Segue-se logo atras da Noiva huma multidão de mulheres como criadas, e depois os convidados com o Noivo, que tambem há-de Soportar o mesmo incommodo do calçado para hir de cazaca, bengalla, e chapeo de galão, ainda que este Seja o tambor do Prezidio poiz he neste aparato que elles poem toda a sua Vamgloria, e brío.

Na vinda para Caza São acompanhados dos chamados muzicos da Igreja com o Mestre da Capela, que São os que depoiz com a Sua dezesperada Muzica fazem a melhor parte daquella função: não há 3. annos Sem duvida ainda que estes muzicos andavão na Igreja, e vinhão a estas funcçoens de Sobrepelizes aCompanhados do Parocho tão-bem de Sobrepeliz, e estola, Cujo abuzo foi presentemente tirado por este Prelado não com pouco Custo: tanto pode a má, e preverssa educação.

Chegão finalmente os Noivos a Suaz cazas, e antes d'entrarem poem-se a porta ambos com os Padrinhos de hum e outro Lado para Comprimentarem a Seu modo todo aquelle acompanhamento, e então concluida esta Ceremonia // [fl.20] Ceremonia entrão para dentro com todo o Sequito Seguindo-se logo as comidas, e bebidas.

Acabado o jantar recolhem-se todos os convidados, tornandose depois a juntar na Caza da Noiva para fazerem o que elles chamão fogueira que Sahirem daLi a hir procurar Noivo que dizem estar fugido e vão emfim todos com grande festa a busca- lo, e o trazem a Noiva para Se reconciliar com ella, a qual Sentada defronte da porta com muitos infeitos, o espera com abraços, e beijos que mutua, e publicamente ali Se dão Sem respeito: que deshonestidade, Senhor que pouco respeito a religião Catholica que professamos!

Feita esta entrega entrão todos para caza da Noiva: immediatamente Seguem-se as comidas, e bebidas e os deshonestos bailes acompanhados de repetidissimas palmadas, toques de tambor, e das mal concertadas Cantilenas de mulheres, a cujo dezorganizado, desconcertado, e dezesperado Som aCompanha o Mestre da Capela, ou outro qualquer muzico, com hua velha, destemperada, e mal encordeada Arpa, ou viola, a Cujã // [fl.20v] A Cujã função não deixão jámais d'assistir oz principaes da Ilha ainda mesmo aquelles em Cujas maons esta depozitado e entregue o publico governo. Estes espiritos todos movidos pela violencia daquellas Lascivas acçoens e agitados pela força dos incansaveis, inquietos, e repetidos frascos de vinho, e agoa ardente bem deixão Ver a V. Excelência as boaz consequencias que podem produzir contra todas as Leis.

São os Funeraes não menos celebres: morre hum Sugeito immediatamente Se ajuntão em Sua Caza todos os parentes e vizinhos que com choros involuntarios e hua longa Catilena onde relatão toda a vida do defunto fazem hum inSoportavel alarido a que chamão Guiza athe Sahir o corpo, e depoiz vão da mesma Sorte atras do Corpo a maneira das antigaz Carpideiras athe chegar a Sepultura.

Os orphaons, e viuvãs não fazem comida por alguns diaz a que chamão estar d'esteira, e então lhes mandão os parentes, e amigos o jantar, e a cea, e em todos aquelles diaz Se vão a jantar // [fl.21] a jantar na caza delle para os acompanhar nos choros que todos São obrigados a fazer ainda que Seja involuntariamente Sob pena de Ser tido por Innimigo do defunto que os não imitar.

No fim de algum tempo deste alarido passão a comer, e beber de Sorte que acabada a vizita vão pela maior parte das vezes bebados para Suas cazas, e Se socede entrar algua vizita a dar os pezames estando elles a comer, assim mesmo com as bocas

Cheas tornão a pegar nas mesmas gritarias, e choros Sem comtudo deixarem de continuar na mesma deligencia; objecto este, Senhor, que não deixão excitar o rizo ainda ao Espirito mais serio.

De tantos a tantos diaz vão todos os parentes, e amigos a Igreja a emcomendar a DEos a Alma daquelle defunto onde estão Com profundo Silencio, e humildade, acção esta unica de religião Se observa entre elles praticar-se, e Seria Sem duvida Completa Se a não dezmanchassem com o que fazem quando Se recolhem para caza da viuva, ou orphãa, onde depois de // [fl.21v] de tornarem com a mesma Chamada guiza, fazem nos Seus bangales de que Sahem outra ves todos mui turbados do Espirito. Não he menor a Supersticioza idea que Se forma da vinda, ou aparição das Almas daquelles finados e he tão forte este erro que para com elles não há verdade maes incontestavel: e este prejuizo não me admiro Ser introduzido entre o povo mas Sim admirame Ser o primeiro principio da Educação e Sciencia dos Sacerdotes: dizemme que este mesmo costume se pratica em todas as outras Ilhaz e se he assim ainda mais me confundo com a generalidade deste ridiculo prejuizo nacido de hua cracissima, e vencivel ignorancia: o mesmo Credito dão tambem a Arte de nigromancia donde procede frequentemente contendã judiciaes em prejuizo do Credito de muitas famílias.

Tudo isto provem da falta de Educação da mocidade: esta he entregue por necessidade pelos Paiz às maons da natureza nos¹ doiz primeiros annos, São trazidos a cavallo nas costas das Maiz a maneira dos macacos // [fl.22] dos macacos de Sorte que fazem ellas todo qualquer trabalho Sem as tirar daquella ridicula postura; athe idade da poberdade trazemnos nüz que então, obrigados pelas constituicçoens Parochiaes vestem os rapazes hua Camiza {que poucaz vezes a trazem} e as raparigas hum trapo que mal as cobre da Cinta athe o joelho tão Somente não Se lhes dando d'apparecerem assim mesmo diante dos homens, as mesmas Mais e as filhas donzellaz ainda que Seção dos principaes da terra, excepto nos Domingos e dias Sanctos, que então Se vestem de panos a maneira de toalhaz, nuns emRolados pela Cintura em Lugar de Saya e atão os pela Cintura com hum orelo, outros com que Se Cobrem em Lugar de manto; sem Colete nem Couza Similhante que as aperte, e que as faça honesta Com hum Lenço branco amarrado na cabeça a maneira de Turbante e com o pescosso, e pulsos endeados com fiadas de missangas, Coraes e outros vidrilhos Similhanes com intreposicçoens de diferentes moedas de prata: ex aqui o traje, Excelentíssimo Senhor, destaz molheres, que os homens Lá imitão no Seu modo de trajar aos nossos Camponezes, descalsos quazi todos, ainda os chamados princi= // [fl.22v] Principaes que So se calção e Se vestem nos dias Festivos, ou quando entrão de goarda.

Ha hum Sugeito que por piedade ensina os rapazes a ler e escrever, tão grande he a mizeria de Mestres, ainda os mesmos chamados estudantes que São os que Se destinaõ para Se ordenarem, nunca o podem Ser, primeiramente por cauza dos mesmos professores da Latinidade, Segundo Lugar dos Livros Clazicos: de que nasce a vida de² Libertina em que vivem os mesmos estudantes de Sorte que quando chegão ao Estado Sacerdotal, já tem Sido Paiz de muitos filhos: o Vigario, ou outro Similhante por caridade tem tomado a Si o cuidado d'ensinar alguns daquelles estudantes; mais Se elles não Sabem tão-bem a Gramatica Latina Como podem ensinar aos maiz ? a maior parte dos Esudantes andão Vinte, a vinte e Sinco annos a aprender a traduzir as Liçoens do Breviario para Se porem correntes quando São destinados ao exame para Serem admetidos as ordens, e he o em que unicamente Se ocupão, isto he quando estudaõ: neste paralelo mesmo me dizem correm a educação das mais Ilhas. // [fl.23] das mais Ilhas.

Nutrem-se estes povos de Leites, e alguma Carne de cabra, de milho Seco torrado a que chamão milho Liado, ou cozido a que chamão manchupa, e no Brazil Canjica, poucos há que reduzem este milho a farinha com que fazem hua espesia de bicouto a que chamão Cúscuz, ou hua especie de bolo assado nas brazaz com o nome de batanca: e não he tambem de menor Socorro para elles a grande abundancia de feijão e abobras que ali produz.

Em toda esta Ilha Se contão trezentos e Secenta quatro fogos espalhados por todas as ribeiras que comprehendem 1461 almas entre Cazados, Solteiros, viuvos, filhos, e Agregados como melhor pode V. Excelência ver em o Mapa que incluzo apresento: todas estas almas São unidas debaixo de hua so freguezia administrada por dois Sacerdotes hum Vigario, outro Cura ao primeiro he a que está inconvido a judicatura eccleziastica he hum filho da tẽrra, o Segundo he filho do Reino com o titulo de Beneficiado com a congrua de 24. // [fl.23v] a Congrua de 24. mil reiz, e aquelle de 50 ambos pagos pela Fazenda Real com o producto dos dizimos da mesma Ilha, e ambos de pouca Literatura athe da propria moral de Farraga por onde Leem.

Em huma palavra Excelentíssimo Senhor, a grande dissolução de todos os costumes de ambos os Sexos junto com o pouco conhecimento dos mesmos Padres de Seus deveres religiosos dão hua evidente prova da Sua boa e Completa administração.

A Economia do bem Commum desta Ilha he entregue Sem Sellecção a quatro pretos a que chamaõ Vereadores, e as causas Sevis e Criminaes, aos doiz primeiros que São Juizes ordinarios, os quaes pela Sua educação, nascimento, vida, e costumes bem deixão ver o que podem produzir na boa administração da Justiça, o que Só posso dizer he porque elles todos ignoraõ as Leiz, ou porque São parentes huns dos outros, andão as causas Sempre em Litigio de huns para outros Juizes annos, e annos Sem haver accommodação, donde nascem innumeracivz dezordens que Continuamente Se praticão, tudo // [fl.24] tudo em prejuizo tando do mesmo povo, como da Real Fazenda, porque por cauza deste parentesco os Juizes não São obedecidos a Justiça he ultrajada, e o Feitor não embolssa couza alguma da tença dos foros do Concelho que São obrigados Saptisfazer.

1 Palavra emendada no texto

2 Palavra rasurada no texto

Todos os habitantes Varoens de Idade de doze annos athe 60. São Soldados huns de praça, outros dos portos repartidos em 3. Companhias Comandados {alem dos Seus officiaes} por hum Cappitam Cabo com o titulo de Cappitam môr provido pelo governador destas Ilhas Sem Confirmação de Sua Majestade; ao qual he entregue o governo da Ilha Com obrigação de alistar a gente e por Sentinelas nos portos etc.^a este he hoje hum filho do Reino digno pelo Seuz merecimentos de maior emprego, pelo que Se faz estimavel de todos os estrangeiros que aLi abórdão, e dos mesmos Seus Subditos, que todos o estimao.

O Mão estado destas tres administraçoens he Sem duvida huma das cauzas da grande deCadencia, e mizeria em que Se contempla hoje esta Ilha como julgo milita // [fl.24v] Milita na maiz: o povo entregue a ociozidade pela falta de forçaz, e de animo que de ordinario São movidaz pela Certeza de hum enteresse fisico não Se contentão maiz que Cultivarem o quanto basta para o Seu parco Sustento; poiz como se lhes não premitte Comerciar, desprezão a Sua Agricultura, e as Suaz Manufacturaz de panos d'algodão, donde nasce, e deve necessariamente nascer a decadencia das rendas da Fazenda Real tanto na demenuição dos dizimos, Como nos direitos.

Se não fosse esta opressao em que vivem por Serem considerados maiz como Escravos da Sociedade, do que Como vassalos, havião necessariamente trabalhar Sem Comparação as Suaz terras, e daqui havia nascer maior numero de habitantez.

Antes do flagelo da fome que por 4. annos Sucessivos contados do anno de 71, athe o anno de 75. desbastou a maior parte dos habitantes destas Ilhaz, havia aqui perto de 5 mil almas, e então a Ilha era muito maiz abundante, tanto em mantimentos de todos os generos do paiz, como de gado a que hoje não Se ob// [fl.25] A que hoje não Se observa.

Esta Ilha que foi descoberta Sete annos depoiz de descobrimento da Ilha do Fogo pelos annos de 1450 e tantos dava o Seu donatario {que dizem alguns dos velhoz Ser de huma Condessa, Cujo titulo Se ignora por falta dos ducumentos} todos os annos huma embarcação Carregada de mantimento, pelames, e coiros, mantega, e Sebo, e hoje tirada a piquena porção de Urzela, não ha Couza alguma maiz de consideração.

Jâ que falamos do donatario desta Ilha prermittame V. Excelência fazerme hua piquena relação historica de Seus principios Segundo eu pude Coligir. Esta Ilha {como já disse} foi descoberta por cauza d'estar Sempre coberta de Nevoa, dizem que fora Conhecida Sette annos depois de descoberta a do Fogo, e duada a huma Condessa Portugueza por o Senhor Rey Dom Affonso quinto, mas ignorase aqui o titulo della; esta tinha aqui nesta Ilha, Seuz escravos que cuidavão em Seuz gados, e todos os annoz mandava huma embarcação Sua ao porto de Feijão d'agoa a buscar as pelles, Coiros etc.^a. de que fazia // [fl.25v] de que fazia a Ssua Carregaçã maior, e o Cappelao que vinha na dita embarcação {porque não havia ali Igreja nem Padres} Levantava então hum altar onde dava missa, baptizava os meninos nascidos daquelle anno, fazia os Cazamentos; e confessava os habitantes, depoiz mudou a embarcação do porto vindo fundiar no da Furna³ o fizerão dentro de huma grande Lapa que fica no mesmo porto para parte do Sul; Sucedeo que em hua occazião esta abateu em tempo que o Sacerdote estava Celebrando o Sancto Sacrificio da Missa ficando com elle Sepultados todos os assistentes que por alguns diaz estiverão alguns delles vivos por Se lhes ouvirem os eccos das vozes por aquelles que ficarão illezos do Sucesso, os quaes movidos de piedade, e caridade tentarão abrir por Sima hum buraco para por elle tirarem os que pedião Socorro, como hoje ainda se deixa ver pela cova que comessarão a fazer que a não Concluirão, ou porque gastarião maiz tempo do necessario em que acabarião de perecer os que davão eccos, ou porque não terião farramentas para acabarem de penetrar a mesma roxa de que Se componha aquella Lapa fi// [fl.26] Lapa ficando esta então denominada pelo Sucesso a Lapa do Frade.

Depoiz deste acontecimento no anno Seguinte dizem que a dita Condessa mandara official de pedreiro fabricar no Sitio a que chamão hoje de Sancta Barbara huma ermida em que Se coLocou huma Imagem do mesmo nome, que Sempre durou athe o tempo da fome de 75, não como fora feita, mas Sim a Similhada ao mesmo modo, de que hoje Só preserverão os vestigios.

Neste mesmo Sitio dizem por tradição os filhos daquelle Ilha foi o primeiro assento da povoação que depoiz com o tempo Se passou mais assima na plainisse em que hoje Se vé fundada a chamada povoação de S. João, que propriamente falando não he maiz que huma Xam onde todos annos⁴ Se Semea milho, abobras e feijão donde procede a maior fartura da terra, em Cujã xam Se observão algumas cazas aqui e ali espalhadas Sem ordem, e longe huas⁵ das outraz // [fl.26v] Eis aqui Senhor o que eu posso dizer ao prezente Sobre a Ilha Brava emquanto tempo com Sucego de espirito me deixe fazer huma Relação mais pura e mais Circunstanciada dessa Ilha. DEOS Guarde e faça felizes os dias de V. Excelência por muitos annos como lhe dezeja quem he com o maiz profundo Respeito

De V. Excelência
Illustríssimo e Excelentissimo Senhor
O maiz humilde Subdito e Criado
João da Silva Feijó//

3 Na margem esquerda do manuscrito está escrito pelo seu autor o seguinte “e como costumavão fazer altar em terra emquanto presestião no porto: no da Furna o fizerão”.

4 Palavra escrita sobre a linha.

5 Palavra escrita sobre a linha.

Illustríssimo e Excelentissimo Senhor

Ilha do Fogo 17^{1/11}83

Depoiz de haver concluido a expedição da Ilha Brava, para cumprir com as ordens que me havia deixado o Excelentissimo Prelado, me fis transportar para esta Ilha em huma Lanxa de pau de Figueira da terra, de boca aberta de 15 palmos de Comprimento, em que a obrigação d'obediencia me fes arriscar a vida na passagem daquelle canal hum dos perigozos destas Ilhaz: em o dia 20. de Junho pelas 2, horas da tarde fis dêr a vella do porto da Furna, e tendo navegado com o vento Norte, e proa de Leste pelas 12 da noite do mesmo dia, Surgimos no porto chamado da villa, aonde desembarquei na mesma hora: passados 8 diaz de descansso, dei principio a minha obrigação observando, e recolhendo tudo quanto foi possivel, e este trabalho foi concluido no fim do mêz de Outubro proximo passado e he Excelentissimo Senhor o que vai a fazer o objecto das Seguintes Cartas, que fiado na mesma attenção, passo a discrevellas.

// [fl.2] Esta Ilha de S. Philippe que assim Se chama a do Fogo demora a 14 gr. e 1 min de lat. 354 gr. e 4 min. de long. justamente a Lest de Brava com a distancia de 4 Legoas de Canal e a oest de S. Thiago em distancia de 12 athe 13 Legoas de Canal; terá de Comprimento 9 Legoaz com pouca diferencia Sobre 5 de latitude, ou Largura.

Não ha em toda esta Ilha maiz que 2 portos de Navios, e amboz na mesma enSeada da parte d'oest, athe o Sudoest hum a que chamão da villa, que fica na direitura da povoação, outro mais ao Sudoest chamado de Nossa Senhora da Lux, e todos com perigozos desembarcadores por Ser tudo huma Costa continuamente brava; o 1º Serve para o tempo Secco, o 2º para o tempo das agoas; há mais outro para a parte do Sul chamado da Telha, onde, dizem vinhão antigamente as embarcasoens do Reino Carregar pelames: ha maiz outros 2. de lanxaz hum a que chamão de Salina, outro dos Mozteiros dos quaes Se falará quando Se oferecer occazião.

Toda esta Ilha em Redor Se pode dizer he huma Continuada Costa brava acompanhada d'elevadissimas roxas // [fl.3] roxas a pique, donde vem a Ser innacessivel a mesma Ilha; áthe os mesmos valles do exterior São profundissimos, e terminão em altos despenhadeiros.

Toda Ilha he muntuoza, e os montes, tanto mais vão caminhando para o centro da Ilha, quanto mais altos vão Sendo terminando em hua Cadea a qual chamão Serra, a qual formando hum como Semicirculo comprehende entre as duaz pontas outro monte izollado, ainda mais alto, a que chamão Pico, que dizem terá, pela estimativa 1 Legoa d'altura; este Pico que olha para Lest da parte da Serra, he baixo, e da outra parte termina em huma Ladeira que vai acabar em o Sitio a que Chamão Balea teremos occazião de falar mais particularmente della em outra Carta.

Há tantos valles nesta Ilha a que chamão ribeiraz, por onde não corre agoa Senão no tempo das agoaz, que Se contão da villa, athe o Sitio dos Mosteiros 14 dos maes profundos, e todos tem a Sua origem na Serra; ex aqui a ordem delles: Sahindo da villa e tomando caminho do Norte vai-se dar ao 1º // [fl.4] Ao 1º valle a que chamão Ribeira da Trindade, a qual nascendo no Sitio da Cova da Tina, vai terminar junto a villa em hum despenhadeiro, onde Chamão fonte da villa, assim chamado por hum poço d'agoa Salobra que ali há debaixo da mesma roxa; todos os montes aqui neste valle São Compostos de bancos de cos Sobrepostos em outros de huma pedra azulada dura compacta, que os Naturalistas Chamão quartzum e de outras pedras exponjozas, Cujos bancos São da grossura de 2.athe 4. palmos, huns, e outros cheios de Christaes de Schoel; entre estes Se achão outros veios de terraz ocraceaz, e algumas pedraZ vagas, humas Carcumidas como hum velho madeiro; outras como deretidas formando columnas, e tudo bem, deixa vêr, que foi alterado pelo Fogo.

Debaixo destes mesmos bancoz Se vêem outros estrados de outra especie de coz tincto d'ocra vermelha, com embutido de christaes de Schoel; este valle em o Sitio chamado Lapa de Fundão he interrompido por hum alto despenhadeiro mui a pique, a que chamão Fundão d'Escada: abaixo desta Lapa, mesmo no meio da ribeira encontra-se hum piqueno Mon= // [fl.5] Monte de pedra Calcaria impura, de que Se fãz cal na Ilha, e ao Sul deste está outro a que chamão monte de Barro, onde Se encontrão varios veios de terra argilloza tinctas de ocre de Ferro, de que Se faz hua mui grosseira e ordinaria Lousa.

Caminhando desta ribeira para adiante, Se observa Ser todo daquelle terreno de hua terra glasozã assentada Sobre bancos de cos grosso, e friavel, com partes tincta d'ocra, e vai-se dar a pouca distancia ao regato de Varella, no qual se deixa vêr grossos bancos de pedra azulada dura, Compacta, de que já fis menção, e veios de terras ocraceas: continuando daqui vai-se dêr ao Sitio a que chamão Trindade, onde há outra ribeira Chamada Pedregal, cujo alveo he de enormes roxedos de que a pouco falei de huma pedra dura mui compacta etc.^a, e pezadissima; e este valle vai terminar adiante do da Trindade no Sitio a que chamão porto de valle de Cavaleiros; este valle de Cavaleiros, he a ponta d'enSeada do porto da villa, a qual termina em hum piqueno Ilheo, com Separação pouco mais de huma brassa, e Seria ali hum bom porto, Se não fora esta abertura, por // [fl.6] porque como fica a N.Sul o már entra Sempre com inpetuozidade entre aquella ponta, e o Ilheo o que fãz Ser de perigo daquelle porto, porem Se estivesse entulhado este canal {que com facilidade Se fazia} Sem duvida Seria para aquella Ilha de grande utilidade: toda aquella enSeada

1 No original, há 2 fólhos em branco antes desta carta após o que a numeração recomeça em 1.

athe ali he limpa dizem, e pode qualquer embarcação fundiar seguramente.

Da Ribeira do Pedregal, caminhando para diante, Se vai dar a hum monte a que chamão Almada, que he a extremidade de huma Cadea de montes, que principiando ali em o Noroest, entra pela Ilha dentro formando com a Serra, de que ja assim falei, hum como simicirculo, e vai terminar ao Suest, mudando Sempre de nomes; estes montes São mais baixos do que a Serra, e todos formados de bancos de coz Sobrepostos em bancos de pedra azulada dura, e pezada, entremediado de veios de terras ocraceaz, e estrados de pedra como Calcareia, porem tudo alterado pelo fogo Suterraneo.

Ao Norte deste monte d'Almada, está outro grande valle; a que chamão ribeira do Pico, que nascendo // [fl.7] nascendo tambem na Serra, vai terminar adiante do valle de Cavaleiros: a natureza destes montes que formão este valle he a mesma que tenho ditto: adiante da ribeira do Pico, está a chamada da Sanha que he dos maiores valles que vem da Serra, e vai dar ao mâr; por elle Se observão muitos espanadeiros, que formao outros tantos tanques d'agoa, quando por ella corre no tempo das ágoas, assim Como Sucede em alguns dos outros, nos quaes tanques bebem os Animaes, e ainda mesmo os habitantez da Ilha naquelle tempo: o alveo desta ribeira he da mesma pedra azulada, e dura que o das outraz como fica dito, e os montes São compostos de bancos de cos grosso e veios de terras ocraceas etc.² esta ribeira antes de vir acabar no mâr, passa pelo Sitio chamado boca de Fonte, onde ha algumas Fazendas, e cazas disperssas, com huma Cappela de Nossa Senhora da Lux: he na boca desta ribeira na costa que forma o mâr, desde a ponta de Cavaleiros athe ali a que chamão Praia de Ladrão, em que está a fonte de donde bebem os habitantes da povoação, e se todo aquelle contorno, por Ser a unica d'agoa doce que há mais perto, esta está justamente // [fl.8] a borda do mâr por baixo de huma elevadissima roxa a pique, de que muitas vezes Sucede despegar de Sima alguma pedra, e vir ofender a quem esta ali a lavar ou a tirar agoa: em esta Costa do Valle de Cavaleiros há hum grande baixo junto a terra a que chamão do Rui Pereira onde por falta de pratica, tem perdido alguaz embarçoens.

Da boca da Fonte caminho ao Norte, vai-se dar ao monte Travasso, que he composto de bancos de cos, e d'outros d'escora de grossura de 10 palmos ou maiz, e adiante deste monte esta outro valle a que chamão ribeira de Torta olho, onde ha na roptura de Seus montes, alem das pedras e terras mencionadas, hum veio de terra vermelha Sobre outro de huma terra parda, e outro de hua escora miúda: Caminhando por ella abaixo pelo Sitio chamado achada Mentiroza vai-se dar a Garssa que he hum monte onde achei outra ves estrados da mesma escora: ao N. deste monte há outro valle profundo a que chamão ribeira da Garssa, na qual Se observa Ser da mesma natureza os montes que os da Sanha: aqui Se vem bellas Fazendas de Sim// [fl.9] de simenteiras, e algodoeiros que fãz agradavel o dezerto daquelle Sitio, principalmente onde chamão garsa de dentro.

Aqui junto ha hum monte não muito alto; porem comprido chamado o Ledo pelo qual Se Sobe para vir Sahir ao outro caminho que vai dâr ao Sitio a que chamão Lomba onde Se vé tambem bellissimas terras de Simentera; aqui há outra ribeira a que chamão ribeira de Mulato, na qual Se observão veios de terras ocraceaz, e bancos de cos da mesma maneira que fica ditto: este valle vai dâr ao mâr, e ali tem o nome de Bomba, onde há em hua elevada roxa a pique, que olha para o mâr entre bancos de cos e pedra dura e compacta como queimada, 3 veios de hua terra particular, hua de Cor avermelhada, outra branca, e outra parda, e todas mui Leves, formada em laminas que n'agoa Se Separão; parecendo Ser alguma especie de Lava.

Daqui caminhando para diante encontrão-se outros valles athe o Sitio de Feijanzinha, que São a ribeira de Luzia, Punhal, a de Philippe, o de S. Jorge, o de calcum, o de Zombaria, o grande valle, ou Ribeira // [fl.10] ou Ribeira d'Agoada assim chamada por haver no tempo das chuvas muitaz conxas, onde ficão muitas agoas retidas; o de Mangericão, o da Crux por cruzar nelle este outro medonho e profundissimo Chamado de Inferno, no da Cruz ha 2 vertedores d'agoa a que chamão Xupadeiros entre bancos de coz: o do Inferno he assim chamado por haver nelle hum tão alto despenhadeiro, que tera 300 brassas d'altura, de Sorte que Lansada hua pedra, não Se Sente estrondo algum no cahir; o do Logedo que quanto maiz vai descendo para o mâr, tanto maiz profundo vai Sendo; o d'Ozaria ao norte do qual há outro Xupadeiro entre bancos de Cos que he a pedra principal que constitui todos estes montes, o qual Xupadeiro consta de 7 olhos d'agoa vertente: este valle vai terminar em Lago grande, onde pode andar hua Lanxa a vella, o qual vai desagoar ao mâr defronte do Ilheo, que ali ha no sitio da Talaia, donde vem o nome fonte de Morro do Illeo de Talaia, Cuja agoa fica Sendo inutil, por não Ser acessivel por terra: he este Sitio de Talaia mui remoto; porem mui fertil para mantimentos, e ali tem Suaz fazendas alguns dos habitantes da Ilha.

A Lest deste valle // [fl.11] d'Ozaria está hum grande monte chamado de João Fernandes: este he arido, e nelle não vegetão plantas, he composto todo de huma pedra queimada vermelha coglotinada, com particulas de Talco e tudo assentado Sobre bancos de Cos.

Dessendo deste monte pelo Nordest Se vai dâr a outro valle fundo a que chamão Ribeira de columjum, onde há algumas bananeiras; aqui Se observa hum veio de terra ocracea vermelha delicada a que chamão Almagre, e outro d'area fina entre bancos de cos: daqui Se vai dar ao monte vermelho, que descendo-se por hua roxa a pique, Se vai a dâr a hum valle, ou plano, que fica ao N.dest. quazi a borda do mâr, a que chamão Feijanzinha, onde há huma piquena povoação, parte da Freguezia dos Mosteiros.

Este plano Com a mesma roxa do monte vermelho continua emthe Lest em distancia de 3 Legoas boas, e dali vai virando para o Sul, e vai terminar ao Sitio do Alcatraz, e toda he coberta d'algodoeiros que he onde ha a maior abundancia na Ilha que pertence aos habitantes, excepto a parte que corre // [fl.12] Corre para o Sul, que he da Fazenda real; Sobre estes montes, que já ficão junto da Serra, ou para melhor dizer, que já fazem parte della, há hum Sitio chamado monte queimado, feixado pela natureza, e difficil de Ser entrado, e todo cheio de guaiabeiraz², e Figueiras etc.³ esta he constituída em hum morgadio.

2 Palavra emendada.

Caminhando pela plainise de Feijanzinha para Leste, Logo adiante está hum monte isolado, ou Separado da Serra {que como já disse, por ali corre toda a pique} de cos rude, o qual da parte do N. he todo cortado perpendicularmente; por onde deixa vêr mui bem a sua composição, e extractura interna; este he o chamado monte de Sumbango: as agoaz correndo no tempo das chuvas por este escarpado, abaixo tem feito com o tempo {ou alguma revolução Subterranea} e tem Lavrado de tal Sorte aquelle monte naquella parte, que ao Longe parece hum daquelles antigos edificios romanos, donde mostrando columnas, varandas etc.⁴. vem a chamar-se aquelle Sitio os Mosteiros: este mesmo monte da parte da Serra he coberto d'erva, e algodoeiros; observa-se nelle duaz concavidades grandes, em as quaiz acha-se // [fl.13] apegado as paredes hum certo fluor Salino, porem em piquena quantidade: este Sal he da natureza do Sal gema com alguma mistura d'amoniaco, pelo Sabor que dá.

Por detraz deste monte de Sumbango junto a Serra onde lhe chamão Guinzo, há hum grande buraco Subterraneo de 5 varaz de largura Sobre 6 ou maiz d'altura, que corre por baixo daquelle plainise por espasso dilatado, pois entrando eu dentro e havendo-se-me apagado a Lux que adiante Levava não pude ver o Seu fim; aLi há muitas concamarasoens dignas de Se verem: esta Caverna bem deixa ver pelos monticulos d'escora que tem junto a boca, e pelas pedraz queimadaz, que dentro Se observão, e pelo estado daquelle plainise, Ser hum extincto volcano ainda que não ha ali memoria disso: os monticulos que ali Se vem na boca, São de huma escora, ou pedra queimada ocracea, e a plainise he toda coberta de huma materia deretida, vidrada, parda, e como em ondas de grossura de 1. athe 2. palmos, e toda por baixo he occa como Se deixa vêr pelo eccos ubterraneo que forma quando Se anda a cavalo por Sima e por algumas roxaz, que frequentemente Se encontrão na mesma plainise, o que não deixa de Cauzar grande terror aos Caminhantes que uzarem de reflexção // [fl.14] de reflexção e he por ali, não Só a frequente passagem daquelles povos, como aSento da parte da povoação daquelle freguezia.

Dentro desta gruta, alem das pedras volcanicaz, que eu disse Se vião, observa-se pelas Suaz paredes internaz hua Chrialização branca emcrustas de huma terra calcarea; toda esta gruta está a verter agoa em o tecto, que forma algumas pousas, a qual não he de vtilidade alguma pelo Sitio em que está: Sobre esta Caverna justamente no meio da roxa a pique há hum veio de puro enxofre, que alem de ser de piquena consequencia pela pouca quantidade, he quaze innaccessivel: toda esta roxa que por ali corre, he da mesma natureza dos montes de que já assim falei.

Daqui do Sumbango caminho do Leste vai-se dar ao Sitio da Igreja de Nossa Senhora d'Ajuda, onde há outra piquena povoação, e dali vai continuando CazaS ali, e aqui, a que chamão Mosteiros Altos, e he no Sitio da Igreja, onde o mâr com a Costa forma o porto de lanxas, o qual poucas vezes he capaz pelas muitas pedraz que ali há, e pela braveza da Costa: tudo por aqui São queimadas lansadas pelo Pico, ou por outro // [fl.15] ou por outro extincto volcano.

Adiante da Igreja ha hum Sitio chamado Fonte de curral, que he outra plainise coberta de grandes queimadaz, e junto ao mar há huma grande Caverna Subterranea d'agoa Salobra, que para Se ver he necessario desser por ella abaixo 10 ou 12 degr: todos os baixos desta costa são de hum stalactite branco a quem chamão rife o qual Serve para os habitantes fazerem Cal.

Deste Sitio da Fonte do curral ha 2, Caminhos para hir ao Pico, hum he Subir Logo pela Serra assim pelo Sitio chamado Sará, outro he rodear a ponta do Lest, para vir para o Sul da Ilha; os que vão por este caminho ultimo, Sahem da Fonte de Cural caminho de leste, vão dar ao Corvo, onde Se acha huma grande gruta, Cujoo tecto interior he coberto de Stelectitez queimados, formando varias figuras Curiozas, dali, ou toma-se pelo primeiro caminho por sima da Serra pelo sitio a que chamão Sará, e vai-se dar a Xam a que chamão de Caldeira, onde está o Pico, ou Caminhasse do Corvo para diante, e vaise dar ao Sitio a que chamão Balea que he a ponta da baze do Pico, e dali virando para o Sul, esta o Sitio a que chamão cova figueira, onde a // [fl.16] onde a Fazenda Real tem hua grande fazenda, que antigamente era das milhores e mais bonitas de toda a Ilha, porque alem das terras de Simenteiras que tinha, havia³ hum bello pumar d'espinho de toda a qualidade, boas figueiras bravaz etc.⁴ hoje tudo esta destruido pela Cubissa, e Avareza de seu Rendeiro que ha 20 annos tem tudo destruido com a Criação de 20 carneiros: dali vai-se dar a costa de Feijam, e dali a ribeira do Patim, e para diante continua aquella Dezerta e secca Ilha athe o Sitio da Telha que he na ponta do sul, onde eu disse era o 3º porto de Navios, antigamente o primeiro e unico conhecido: desta parte do Sul da Ilha não há tantos valles, e tão profundos como na do Norte, toda he Muntuoza, porem os montes não São tao elevados, e São⁴ compostos de bancos de Cos, veios de terraz ocreaceaz, e pedras queimadaz, aSentado tudo em grossos bancos de pedra azulada dura de que falei assim, e tudo pertense a Fazenda real, que só serve para pastos de gados, e he secca em extremo porque não há agoa Senão do Sudoest para diante.

Da Telha vem Se dar ao Sitio de Nossa Senhora do Socorro, onde há huma ermida com a mesma invocação, e dali continua a correr a costa athe a Penna: da Nossa Senhora do Socorro athe aqui, he onde Se acha algua agoa doce a borda do mar, porem quazi toda innaccessivel // [fl.17] e inutil, pois só na Penna he que vem a Servir o gado que ali pasta naquelles montados, que por Costume So vem a beber de 3. em 3. dias, e para virem a esta fonte da Penna, he com tanto risco hum a hum, e Se Sucede emcontrarem-se doiz bois 1 há de necessariamente Cahir pela Roxa abaixo onde chega em pedaços: esta fonte da Penna he hum grande tanque, que se não estivesse entulhado com hum pedasso de roxa, que há annos que cahio, Seria Capaz de nella andar hua embarcação piquena a vella.

3 Palavra acrescentada sobre a linha.

4 Estas duas palavras foram acrescentadas sobre a linha.

Da Penna vem-se a Lageta, que Serve algumas vezes de porto para Lanxaz; para Subir por fora he mui dificultozo, e perigozo por Ser tudo Rroxaz: daqui já principia a enSeada do porto de Nossa Senhora da Lus, que he huma Continuada praia como disse athe a villa, acompanhada d'elevada e continuada roxa: no sitio de Nossa Senhora da Luz há huma Cappela com a mesma invocação, e hum forte onde estão acavalgadas 3 pessas d'artelharia de ferro mais velhaz: athe aqui todo o terreno he arido esteril coberto de huma terra areenta tincta d'ocra de ferro, Composto interiormente de bancos de Cos friavel, e veios de terras argillozaz ocreaceas aSentados Sobre outros de pedra dura azulada já mencionada: sobre o si // [fl.18] o Sitio de logeta onde chamão Massiel em hum regato que ali há, ve-se hum estrada de huma pedra Composta de huma conglotinação de terra argilloza ocreacea que Sendo fluida pelo fogo, e coagulando-se apanhou em Si quantidade de Bazaltes formando Como hua obra muzaica, couza digna de Se ver: assim da fonte de Nossa Senhora há huma piquena ribeira do mesmo nome, onde Se observa hum Lagedo de huma pedra marmorea com particulas de Talco, e outro e hua pedra como Stelectites formada pela depozição de pedras Calcareas.

De Nossa Senhora caminhando para a villa athe o Sitio da ribeira de S. João, continuão os mesmos montes de Cos, onde Se achão veios de diferentes terras da mesma natureza que já fica dito, humas Cinzentaz, outras vermelhas ocreaceaz, outros cor de tabaco etc.^a. entre a villa, e o forte de Nossa Senhora há outro Sitio a que chamão Fonte Nova, onde Se ve, em hum piqueno valle entre os bancos de Cos, veios de huma terra areenta como escora, outra de huma area conglutinada com fragmentos de Christaes de Schoel, outro de greda cor de Carne, outro da mesma maiz escura etc.^a. adiante finalmente da Fonte Nova està o Sitio a que chamão Boqueirão, que he a boca da ribeira de S. João, assim chamada por huma Cappela // [fl.19] Cappela do mesmo Sancto que ali está, esta ribeira he na mesma villa, e da parte do leste sobre o boqueirão está outra Cappela com invocação de S. Philippe Padroeiro da Ilha, e foi naquella Sitio, onde Se fundou a primeira povoação, que Continuava athe S. João como ainda hoje Se deixa ver nos vestigios d'alguns alicerssez que ali há: athe aqui a historia topografica, e fisica da Ilha; passo a discripção do Pico volcanico que vai a fazer o objecto da Seguinte Letra.

Sou com o mais profundo Respeito
Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor
de V. Excelência
O mais humilde Subdito e Criado
João da Silva Feijó

Carta 5^a

Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor

Ilha do Fogo 17^{8/1183}

Antes que eu de a V. excelência a discripção da // [fl.20] da natureza, e clima desta Ilha, passo a discrever o Pico do Fogo, e a Xam de Caldeira, que athe aqui ainda não tem sido observado, nem descripto por alguém, com a historia de Suas antigaz, e novas errupsoens, e producçoens.

O Pico he huma montanha mui ellevada de figura Conica, Situada junto a Serra da parte do Lest; porem izollado, ou separado da mesma Cadea de montes, que constituem a Serra: sua altura da parte da Serra he mais baixa do que da parte do már, que tem hua boa Legoa todo em hum plano inclinado desde a sua Sumidade athe a baze onde lhe chamão Balea.

A Serra Como disse, he a terminação dos montes da Ilha que unidos formão da parte do Pico hum como muro a pique, que com a metade da circumferência do mesmo Pico discreve hum Simicirculo Comcentrico, a qual não he Separada delle Senão por hum grande valle, a que chamão Xam de Caldeira: esta tem de hua boca, ou ponta a outra huma Legoa quazi de comprimento sobre ¼ de largura, isto he da Serra ao Pico: sua altura he maior do que a do Pico: a figura exterior, ou da parte d'Oest he como hum Conico truncado, e Sua Superficie interior // [fl.21] interior alem de Ser a pique, como disse, he irregular.

Esta pozição que Se assimelha com a de muitos volcanos extinctos d'Italia, me persuade primeiramente que esta Serra, e o Pico não erão antigamente mais do que huma Só montanha de figura conica infinitamente maiz vasta, e mais ellevada do que não he hoje o mesmo Pico; 2º que sua Somidade foi rebatada por algum fogo Subterraneo; donde vindo a bater dentro de Si mesmo, tem dado origem a hum valle Circular, Cujo ponto Central foi o Pico, de que não resta hoje mais que a meia Circumferencia que comprehende a Xam de Caldeira e quem Sabe Se este Pico algum dia virá tambem abater, porque está occo no Seu interior, e passará a formar com as Suaz paredes huma Circumferencia, e Seu fundo, ou Centro hum piqueno Lago Circular, como tem Succedido em muitos volcanos extinctos?

A Somidade deste Pico tem variado conforme as diferentes irrupsoens que tem havido; ali he que está a principal boca daquella volcano; ella tem huma figura quazi elliptica, e Seu interior he da figura de hum Funil, e a cavidade // [fl.22] e a cavidade he mui profunda.

Toda a Superficie exterior he coberta de pedassos de lava huaz avermelhadas, outras pretas misturadas com cinzas, ou

escoras de diferentes cores Lansados pela boca durante as errupsoens.

Estas Lavas ou cinzas tem constituído varios monticolos ao pe do mesmo Pico, naquella Xam, taes São os montes chamados de losna, e outros mais piquenos: Em a erupção do anno de 57, este monte foi aberto pelo Lado do Les Sueste, e formou junto a boca outro monticolo ao pé do que chamão monte de Aipo, outro de igual origem.

Tem havido alguas errupsoens violentaz, e nellas tem estas bocaz lançado pedras ensendiadas com terriveiz estrondos, e Ribeiras de fogo de pedraz deretidas com enxofre, a que chegou entulhar hum grande valle, que havia da parte da Balea, que não parece que, ouve ali tal valle, e foi tão abundante, e tão forte aquella Corrente, que Correo athe o már, onde fes huma ponta comprida, e queimou se Muitos peixe, e a ultima erupção foi ha 12 annos pouco mais ou menoS, em a qual lansou o Pico por alguns dias // [fl.23] dias nuvens de Cinza, e com tanta velocidade que chegarão a cahir a 40 ou mais legoas ao már: na Boavista se apanhava a bordo das embarcassoens em baldez, e As nuvens erão tão espessas que fazia grande escuridão na mesma Ilha do Fogo: e dizem que estas Cinzas erão de diversas Cores durante a mesma erupção.

ACha-se tãobem quantidade d'enxofre hum puro e outro ja descomposto, e reduzido a huma terra branca, e no plano da Balea alguns possos de Sal commum procedido d'agoa do már que o mesmo Pico nas SuaS errupsoens tem lansado, e depoiz coagulado com o calor do Sol.

A Lava que este volcano tem lansado em estado de fuzão, e fluidez, dizem durou por muitos tempos ardente; eu ainda vi da parte do monte d'Aipo hum homem escaldar a mão apanhando enxofre, que eu mandava Recolher para examinar.

Toda aquella Serra, e mais montes da Ilha São cobertos de lava e cinza volcanica, e mesmo muitas collinas, principalmente as chegadas ao Pico, e Serra: são formados de bancos de cos regulares, e irregulares compostos de Lava, e de outros compostoz Confuzamente de pedras de diferentes grandezas, e te// [fl.24] e terra Solta: estes São de grossura de 2 brassaz assentados Sobre outros grandes, e grossos bancos de hua pedra dura rigissima como vidrenta a que os Naturalistas chamão Saxum, em que Se achão embutidoS quantidade de christaes de bazaltes pretos, pardos etc.^a. e tudo alterado pela força do Fogo.

A formação destes montes, ou collinas, bem reflectida, deixão pensar Ser feita pela depozição das agoaz, porque Seos estrados, e veios São mais ou menos delgados a proporção que as cinzaz que as compoem forão maiz, ou menos grossas, e mais ou menos misturadaz de piquenas pedraz, depois com o tempo unindose estas Cinzas, e endurecendo-se pelo seu pezo especifico pelas agoas das chuvas pelo frio, pelo Calor etc.^a tem dado origem a hua especie de pedra solida, e compacta de que communente são compostas aquellas collinas: a inclinação que nellas Se observa, ou provem de terem az Cinzas assentado Sobre planos inclinados, ou d'alguma Revolução que tiverão por algum tremor Subterraneo.

He desta pedra que os habitantes Se Servem para construção // [fl.25] Construção de Suaz cazas: muitas collinaz destaz contem estrados destas Cinzas volcanicas ainda Solta como area, como Se vê na ribeira de Sanha Trindade Balea etc.^a. e esta he aquella terra a qual os Naturalistaz chamão Pozolana, nome que provem da primeira que foi tirada em Pozolla: esta terra tem a propriedade de ligar-se com a cal intimamente, e de Se emdurecer, de Sorte que rezulta hua massa impenetravel d'agoa, pelo que vem a Ser de grande utilidade, principalmente na construção de grandes edeficios; esta propriedade de ligar-lhe vem como diz Cronstedt das particulas ferruginozas que ella contem.

Dizem que este Pico communicasse interiormente com o mar com toda aquella Xam de Caldeira; e mesmo com toda a Serra, eu não Sei Se he isto verdade o que he Certo, porem he que os Laboratorios Subterraneos em que Se preparão as errupsoens, devem Ser immensoz, o que confirma a grande quantidade de materias ensendiadaz que tem Lansado em todas as Suaz errupsoens, a força immensa das Correntes do ar, que São as primeiras Cauzas dos movimentos dos volcanos: o Sal que aparece depoiz na Superficie deste Pico, bem deixa ver que elle tem lansado alguma agoa do már e esta comunicação com o már, parece-me que bem Se comprova pelo SenSivel movimento, em que se poem o mar daquella // [fl.26] daquella costa quando ha errupsoens, e tremores Subterraneos naquella Pico.

Com certeza não Se pode dizer qual Seja a cauza das errupsoens deste Pico, esta ou provenha da inflamação das Substancias, Sulfuras, ou periticozas, ou calcareas com acidos que a agoa das chuvas tem posto em hum movimento de fermentação, ou a grande compressão do ar interior etc.^a tudo he possivel: que este movimento Se fãas em grande profundidade daquella Pico, e que este he comunicado com muitos outros montes, isto Se comprova pela grande abundancia de materias que tem Sahido do Seu interior, as quaes tem formado novos montes, e tem chegado a correr athe dentro do mesmo már; e Se fosse possivel ajuntalos todos, achar-se-hia hum volume muitaz vezes maior do que a totalidade do mesmo Pico.

As producçoens que tem Lansado, São essencialmente os mesmos: que aquella cavidade Se comunica com o interior da Xam de caldeira, comprovasse pelo ar que Se Sente Sahir pelas aberturas que Se observão naquella Xam; e eu julgo, que esta comunicação vai a dár tambem ao extincto volcano do Guinxo, de que eu falei na precedente Carta: ali perto a esta Xam de Caldeira na entrada de Sará ha huma grande Furna na Superficie da terra, a qual continua muito Longe, Seria alguma boca d'algum antiquissimo volcano. // [fl.27] Para Se hir a boca do Pico, não ha caminho algum praticado, porem para Se Subir assim a o melhor he hir pela parte da Xam ainda que he muito trabalho; comtudo he maiz Curto, Se he dificultozo no Subir, no descer he mui facil, porque como tudo he Lava, e cinza Solta que se enterra hum homem athe o joelho, basta deixar-se vir com pezo do Corpo.

Todo este Sitio he Secco em extremo, e Só na roxa da Serra que bota para a Xam junto ao monte de losna, he que Se acha hua fonte d'excelente agoa, que Logo ali Se Some no exterior da terra, e vem a ser de nenhuma utilidade aos habitantes, por lhes ficar muito distante.

He tam fértil, todo aquelle terreno que he coberto de lavas que produz infinitamente mais do que em outra qualquer parte da Ilha, ali dá o milho melhor, a melhor fruta, e o melhor vinho, mas he necessario quando Se planta Cavar a terra profundamente.

Podia Se tirar Lucro concideravel deste Pico, unicamente em extração d' enxofre, que ali há em tão grande abundancia, e tão perfeito como o que he purifi [fl.28] purificado nas demais officinas d'Italia, e que vantagem não rezultaria ao comercio nasonal, e Se este fosse animado como deve, visto o cabedal que Sahe do Reyno Annualmente no consumo deste efeito? PodiaSe pôr huma utilissima fabrica d' enxofre nesta Ilha, e só nas mãos de V. Excelência esta o mostrar a aquelles nacionaes, e fazer-lhes aproveitar, o que por indolencia, e ignorancia desprezão: Ex aqui Excelentíssimo Senhor o que eu posso dizer ao prezente deste vulcano, passo a discrever o Clima, fertilidade da Ilha, Character e costumes de Seus habitantes, que vai a fazer o objecto da Seguinte Carta.

Carta 6ª

Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor

Ilha do Fogo d'17 ^{5/12}83

Esta Ilha quanto ao terreno he Secca, e arida em extremo; não há em toda ella huma fonte d' agoa vertente, de que possam os habitantes Se Servir, excepto alguns possos d' agoa Salobra, que a necessidade os obriga abrir junto das praias, para os Seus uzos, Só em o Sitio da praia Chamada do Ladrão, há huma fonte em distancia de boas 2 legoas da villa, porem esta Só Serve, ou para // [fl.29] Ou para os que morão ali naquelle Sitio, ou para quem tem possibilidades d' a fazer conduzir para a villa, e ali he tão estimada hua gota d' agoa doce, que Se conserva em frisqueiras como agoa ardente, ou vinho, e por isso he dificultozo achar-se hum copo d' agoa para Se beber tanta he a falta: os habitantes estão tão habituados com a Salobra dos possos, que não gostão dos da fonte corrente.

Esta mesma falta d' agoas tem posto os animaes, athe os mesmos passaros, em tal costume, que não bebem, e Se bebem he o gado vacuum e este de 3 em 3 dias: a fonte maior que ha em toda a Ilha, he como disse no Sitio da Penna na parte do Sul da Ilha, para esta mesma he dificultoza para o mesmo gado, pelo perigo em que se expoem na descida da Roxa.

Quanto ao Clima, ella he quente em extremo, porem Sadia principalmente da parte do Norte, as doenssas que ali Se experimentão, São algumas febres agudas no tempo das agoas, mas estas não São de tanto perigo como em a Capital, tambem há a mesma enfermidade do Cabruncolo que na Ilha Brava, porem não he tão perigoza.

Se chove no tempo // [fl.30] no tempo das agoas, he das mais ferteis Sem duvida, porque produz infinitamente mais do que em outra qualquer; o Ordinario he dar hum moio de milho de colheita por $\frac{1}{4}$ de Simenteira; na ultima colheita Segundo o calculo que Se fes pelo manifesto, ouve de Simenteira 367 alquerez em toda a Ilha, e colheo-se 33651 alquerez de milho, que vem a Ser na Freguezia da villa semeou-se 234 alquerez e colheo-se 16414, na de São Lourenço Semeou-se 82 alqueres, e colheo-se 10591, e na dos Mosteiros Semeou-se 61 alquer, e colheo-se 6646, e este nunca passa de 200 reiz ao alquer da terra: o feijão he tanto Senhor, e de varias Castaz, que nem Se Semea, e nem Se mede na Sua Colheita: e vende-se pelo mesmo presso do milho: produz tambem muita ortalissa, e tão boa Como no Reino, e alem das fructas do paiz algumaz d' Europa como a Pêra, o figo, o marmello etc.^a dá taobem muito algodão, e tabaco, e este excelente, que parece como o de Virgina propriamente; neste ultimo anno colheo-se na primeira Freguezia 1523 livras de tabaco, na Segunda 3388℥, na Terceira 264℥, que tudo fas o total de 5175℥, e Se vende a 100 reis a ℥ e mais darião Se houvesse delle extração: o algodão há 2 para 3 annos dizem não tem produzido nada em comparação dos mais annos: nesta última colheita na primeira Freguezia 1292℥ em S. Lourenço 1337℥ e nos Mosteiros 701 que tudo junto dá o total // [fl.31] dá o total de 3333℥ V. Excelência vera mais claramente tudo isto no Mappa do Manifesto das produsoens que incluzo apresento: e por elle conhecera V.^a Excelência a fertilidade de huma Ilha toda queimada, e Coberta de Cinzas volcanicaz, Secca e arida, que a primeira vista parece huma das Arcadas: advertindo que Só isto he da parte do Norte; porque do Sul está rezervada para montados reaes, onde pasta todo o gado da Ilha, e os montes no tempo das chuvas São vistozissimos pela variedade de plantas naturaes que ali Se crião, e he tão grande abundancia, que o maior trabalho he na monda das Simenteiros: estas Servem de Sustentar a 2193 cabessas de gado Vacuum e a 18040 do Cabrum, e a 259 de cavalari e a 390 de bestas menores, alem de 20 e tantos carneiros que tudo faz o total de 2288 e tantos animaes como V.^a Excelência pode vêr melhor no mesmo Mappa que offereso.

Toda a Ilha he dividida em tres Freguezias a 1ª he da villa que contem 224 fogos que São 180 de cazaes, 59 de viuvos e 45 de Solteiros, os quaes comprehendem 1896 almas entre filhos, agregados, escravos etc.^a só d' escravos contão-se 871 nesta freguezia a 2ª he a de S. Lourenço no enterino da Ilha onde chamão os Picos comprehende 373 fogos espalhados, e estes 1766 almas // [fl.32] almas entrando 101 escravos: a 3ª he nos confins da Ilha onde lhe chamão os Mosteiros cujo Rogo he Nossa Senhora da Ajuda comprehende 343 fogos e estas 1848 almaz em que entrão 40 escravos, Cujo total he de 940 fogos, e 5510 almaz em que entrão 1012 escravos, o que maes claramente V.^a Excelência verá no mesmo Mappa que tenho offerecido.

A primeira Freguezia he administrada por 2 Sacerdotes, hum filho da Ilha, e outro do Reino, o 1º he que esta incumbido a judicaturia ecclesiastica sem duvida he hum homem de virtude, e digno de todo o merecimento; este tem a Congrua de 60\$ reis, e aquele de 24\$ com 40 de pregador e 62 de Thizoueiro, excepto ao pê do altar, a 2ª he administrada por outros 2, o 1º com a Congrua de 50\$ reis, e o 2º de 24, com o titulo de beneficiado, a 3ª he administrada por hum Só a

quem S. Magestade ha pouco mandou contribuir lhe com 50\$ reis por anno.

A maior parte dos habitantes da Ilha São mistissos, por haver muitos brancos, e deSedentes de brancos naquela Ilha poiz a maior parte dos habitantes da villa São do Reino ou deSedentes de filhos do Reino: os naturaes São mui Sinceros, e obedientez, amantes dos brancos em extremo, e trabalhadores, e amigos de procurar meios de viver: ali acha-se o Carpinteiro, o pedreiro, // [fl.33] o pedreiro, o fereiro, o Sarralheiro etc.^a tudo para propria abildade, os melhores tesseloens São os daquella Ilha, qualquer Senhor tem 2, 3, ou 4 e mais escravos que atualmente estão no tear a tesser, os pannos, que vão para Guinè para o negocio daquella Costa, e outros d'outras muitas qualidades que Servem para as molheres se vestirem; ali se tessem as milhores colchas, e outras manufacturas d' algodão mui Curiozas, porem não Sabem tesser Senão em pentes de palmos, pelo que todos os Seuz pannos são feitos de bandas, cosidas huaz nas outras, e isto julgo ser por falta de quem os ensine.

O Seu trajar quanto aos homens, he como no Reino, as molherez excepto os filhos e mulherez dos brancos que andão de Saias, capas, ou mantos, as mais andão de pannos como nas mais Ilhas, e de turbante na Cabessa: estas São mui afaveis, e não tão Licenciozas, nem tão balhadeiras como nas mais Ilhaz, os Seus enfeites São como disse na minha Segunda Carta falando das molheres da Ilha Brava, porque isto he o ordinario em todas as Ilhas.

Os Seus filhos São educados da mesma maneira que na mesma carta fica dito, excepto os filhos dos brancos // [fl.34] dos brancos ou deSedentes de brancos, porque {segundo a possibilidade da Ilha}, São criados a maneira do Reino: finalmente he das mais Civilizadas de todas.

A Villa he das maiz bem assentadas, e mais aseada de todas as povoasoens das outras Ilhas, por Suas Cazas Serem construidas de pedra, e cal, e cobertas de Telha, no exterior; Suas Sallas São ornadas com asseio a maneira do Reino, não todos, porem dos que tem posses: os Seus habitantes, aquelles que Se chamão principaes, São abastados, e possuem Seus escravos, Suas terras, Livres porque ali não São penssionadas, excepto algumas que estão constituídas em Morgadios, das quaes há muitos que tem mais de pensão, do que de Renda, donde tem nascido a ruina de muitas Cazas, que estarião ainda Sobre pó, Se não fossem essas pensoens de Cappelas, e morgadios, que lhes oprimem.

O mesmo estillo, e costume praticão em Seus cazamentos, e funeraes, como eu disse dos habitantes da Ilha Brava, e igualmente Seguem o mesmo prejuizo Sobre a aparição das almas dos mortos, feiticeiros, etc.^a tanta he a força de hua má educação.

O Clima influe na fecundidade das molheres: ali pelo calculo que fis // [fl.35] Que fis dos resemnascidos em os annos de 80-81-82 e 83, e dos mortos dos mesmos annos achei primeiramente, que o numero dos nascidos era maior do que o dos mortos, 2º que dos nascidos o maior numero era das femeas, e dos mortos era o dos homens.

Nutrem-se os habitantes desta Ilha Como os da Ilha Brava de milho Secco torrado a que chamão oLeado, ou Reduzido a farinha, e depois Secco a que chamão Cúscuz ou feita em bolo assado a que chamão Batanga ou cozido em grão a que chamão Manxupa; de feijão, d' abobras, e de Carne de cabraz.

O Governo espiritual desta Ilha he mais bem conduzido, e administrado do que os outros 2, Sivil e Militar, e por isso os habitantes não São tão dissolutos, nem tão praticamente libertinos.

A economia do bem Commum he administrada por quatro principaes da Ilha, que fazem o corpo da Camera, e as cauzas Civeis, e criminaes he entregue aos 2 primeiros que são os Juizes ordinarios: estes São pouco instruidos nas Suas obrigasoens por falta de livros, porem assim mesmo fazem muito por aCerta, e os que os destroem he a multiplicidade d' advogados que ha na Ilha, Sem Serem formados, nem entenderem o que dizem, os quaes não // [fl.36] não fazem mais que embrulhar, e atrapalhar os Letigios dando sucesso as frequentes dezordens que Sucedem, athe os mesmo escrivaens fazem no Livro das notas o que bem lhes parece, contra todas as Leys em prejuizo dos que menos podem: Ha mais hum Juiz dos orfaons, este pela maior parte das vezes conssume os bens dos pobres orfaons, donde nassem andarem muitas familias destruidas, e mizeraveiz pela Avareza destes administrantez, porque as partilhas Sempre São feitas mais pela paixão do que pelo equilibrio da Justiça; eu vi praticar hua destas partilhas, que me fêz mover a Compaixão por hum dos pobres orfaons, a quem o mesmo Juiz trazia má intenção.

Estas, e outras dezordens em prejuizo de muitos, me fazia muitas vezes adverti-los de Seus deveres, e lembrar-lhes o delicto que cometiam e, em ves d'agradecimento grangeava o odio delles para Commigo: tal he Senhor a conducta destes Sogeitos.

E que direi do governo Militar desta Ilha? basta em Summa dizer que todos os habitantes varoens, Sem excepção de filhos de viuvas, de velhos, de doentes, ainda de tenra idade estão alistados por Soldados ou por melhor dizer por escravos dos Cappitans Mores daquella Prassa; divididos em 12 companhiaz como d' Auxiliares, e outros chamados dos portos, que he tanto // [fl.37] tanto quanto São as enSeadas da costa da Ilha.

Este governo he nomeado conferido e provido por Sua Magestade em Lisboa em [?] Militar que he Servida os primeiros vierão com a Patente de Cappitans Mores, e hoje de Sargentos Mores commandantes; principiouse este provimento em 1600 e tantos, no Governo da Raynha D. Luiza depois da invazão que fizerão os OLandezes naquela Ilha por pouco Zello, e descuido do Cappitam Cabo, que então governava filho da Ilha, como athe ali era costume.

O Caprixo, o enteresse, e ambição faz em o primeiro ponto da vista deste commandante¹: donde nasce a rigorosa opressão em que vivem aquelles Inssulanos: estes São obrigados a fazerem Suas goardas por termos de 2 em 2 companhias, onde São

¹ A palavra seguinte está rasurada.

empregados 120 homens por Semana nos Servissos do Cappitam Môr como escravos, ou em o trabalho de Suas Lavouras, ou em fiarem-lhe hua Livra d'algodão, ou fazendo-lhes os carros que Se lhes manda; ainda de particulares etc.^a Sem mais outra recompensa, que em Se lhes dizer que he para o Servisso de Sua Magestade debaixo de rigorozas penas pecuniarias e prizoens.

Estes pobres São // [fl.38] que São pobres, são obrigados a trazerem as costaz de Suas moradas, mantimento para se manterem naquelles diaz, e Se faltão São condenados em 200 reiz, e Se acodem São obrigados a comprarem a dita goarda, Sob pena de Serem oprimidos aquelles 8 dias, isto he, a darem cada hum hua teya d'algodão, que he o valor de 200 reis, o que vem a fazer no fim da Semana a Soma de 12\$ reis Só huma das companhiaz, alem deste tributo, São por força obrigados a darem de 6 em 6 mezes cada Soldado, 2\$ nas duas primeiras freguezias, e na dos Mosteiros 3000 com o titulo do Comp.to; alem destas estão obrigados a outra que chamão dos rebates, festas reaes, e mostras geraes, estas Se pagão a 500 nas duas primeiras freguezias, e 1\$ na dos Mosteiros não Se admitindo desculpa alguma nas faltas, ou demoras no acodir do Sinal que Se fãz; daqui provem mandar-se tocar repetidos rebates com fingidos preteistos d'esta, ou daquella obra publica, ou d'aparecer no mâr qualquer qualidade de vella, que d'ordinario vai de longe Seguindo a Sua derota, Cauzando isto hum notavel detrimento, e prejuizo fisico, e moral de todos os modos entindido a estes pobres, e infelizes Inssulanos Sem recurso, Que por habitarem mui Longe, hus nos confins // [fl.39] nos confins da Ilha, outros por estarem doentes, ou Serem de tenra idade ou velhos não podem acudir com aquella prontidão prescripta: passando-se Logo mandados executivos de prizão, e Sucresto, Se logo não pagão, não deixando de proceder-se tambem contra os que acodem com promptidão, o que parecerá incrível, fazendo-os trabalhar rigorozamente com Servissos fantasticos, Só afim de os fazer amedrontar, e fugir: o que mais he, tudo em nome d'Augusta Soberana.

Todo este producto, dá huma Soma avultadíssima de cabedal, que com o titulo de pros e percalsos arecadam em Si os taes commandantes: penSão esta anual, donde nasce o miseravel estado em que Se achão aquelles pobres, e infelizes Inssulanos que não tem comercioz, nem officios nem tempo para os exercer, que apenas cultivão as Suas terras o quanto lhes chegue para Seu Sustento, e de Suas desgraçadas familias, e fabricão Seus pannos, que podem, Segundo as suas posses, para Se vestirem mui mal, pois Só os que tem escravos podem Ser mais abundantes, e já vivem Senhor tão dezesperados, que continua e publicamente clamão² pella Sua Augusta Soberana // [fl.40] Augusta Soberana que os acuda.

A tempo que estas, e outras innumeraveis dezordens Se praticão naquella Ilha, eu cheguei, e movido por hum não Sei que d'espírito excitado dever, que com o nome de Hua Soberana, tão justa, tão Sabia, e tão piedozza Se oprimia a tantos infelices, e já dezesperados vassallos Seus que por espasso de 21 annos gemião debaixo de huma escravidão, tentei enterseder por elles, e que tirei Senhor disso? foi adquirir Sobre mim o odio do mesmo Commandante, e de Seus Sequazes {que poucos são} e queira DEos que que as Suaz malevolenzias não venhão a fulminar contra a minha honra em algum dia males que me fassão perder a graça da minha Soberana, e a proteção de V. Excelência he prudente, e Sua Magestade he Sabia e justa e protectora da innocencia: para gloria minha basta-me o ter-me mostrado Leal e fiel, e para Castigo delles os Seus delictos.

Estes Inssulanos antes do flagello da fome do anno de 1783 e 75, que devastou muitas familias, possuião Sem duvida mais Cabedal, e vivião mais Livremente, e então havia mais Cuidado nas Suaz // [fl.41] nas Suaz manufacturas d'algodão na cultura de Suas terras etc.^a que lhes davão hum Lucro mais avultado, depoiz tudo foi cahindo em mediocridade, e miseria como Se contempla hoje, e he Sem duvida hua das Ilhas de Cabo Verde, que poderia dâr hum Lucro concideravel a coroa de Portugal não Só por elle produz muito mantimento, e refresco: em que as embarcaosens que d'Europa passão para a Índia, ou Brazil Se podem facil e commodamente refazer, porem pello grande commercio que nella se podem fazer em Utilidade do nosso Paiz e dos mesmos habitantes, ou Seja nas Carnes, ou nos pellames e coiramas, ou no enxofre de que já na minha antecedente Carta mostrei a V.^a Ex.^a havia ali grande abundancia: e izto So não Seria para o nosso Commercio nacional de hua vantagem Concideravel? alem destes generos pode fornecer muita goma arabica por haver muita Cassia Nilotica, e demais muito peixe de que Se podia fazer hua fabrica de bacalhao: aqui pairesse-me, que vem a propozito a fallar dos Seus primeiros principios.

Esta Ilha que foi descoberta em o 1º de Julho de 1445 pelo Sele // [fl.42] Selebre Nobre Genovez Antonio Nolle em o tempo em que foi mandado pelo Senhor Infante D. Henrique a continuação do descobrimento da Costa de guiné no dia mesmo em que Se descobrirão as de BoaVista, Ilha do Maio, S. Thiago, foi doada com as mais por morte deste Senhor ao Sr. Infante D. Fernando em os annos seguintes pelo Senhor Rey D. Affonso 5º o qual Senhor a mandou povoar: depoiz passou por morte deste Senhor Infante ao Seu filho o Senhor D. Manoel Duque de Beja por doação que lhe fez o Senhor Rey D. João 2º e como por morte deste Monarca, este Senhor lhe veyo a suceder no Trono, foi anexada com as mais Ilhaz á coroa, athe que foi doada em 1600 e tantos a D. Thomas de Lima vasconcellos Brito e Nogueira 12 visconde da villa Nova da Cerveira com o titutto de Cappitam General da dita Ilha, em cuja caza prezistio então³ por muitos tempos, então esta Ilha dava alguma utilidade aos Seus Donatarios, porque todos os annos vinha huma embarcação Carregar de pellames, Coirama, Sebo etc.^a mas depoiz que passou para a Coroa, como hoje preziste, são maz as despezas, que os Lucros: ex aqui Excelentíssimo Senhor o que eu posso dizer do que diz Respeito ao Fizico, e moral destes povos, passo para Complemento da Rellação desta Ilha a dar a V. Excelência o Cathalogo das plantas naturaes do mesmo Paiz com as discripsions dos novos generos e especiez // [fl.43] e especiez que ali tenho encontrado, o que vai a fazer o objecto da Seguinte Carta.

2 Palavra escrita sobre a linha.

3 Palavra inserida sobre a linha.



MAPPA DAS FOGOS E ALMAS DA ILHA DO FOGO TIRADO NA REAL EXPEDIÇÃO 1783

ILHA	FREGUEZIAS	LUGARES	DIVIZOENS	FOGOS												
				CAZAES		SOLTEIROS				VIUVOS				SOMA		
				NUMERO	SOMA	MAXOS	FEMEAS	SOMA	SOMA	MAXOS	FEMEAS	SOMA	SOMA	TOTAL DOS FOGOS		
DE S.FILIPPE OU DO FOGO	NOSSA SENHORA DO ROZARIO	VILLA	FOGOS	CAZAES		120	573			45	95			59	224	
				SOLTEIROS	MAXOS			24								
					FEMEAS				21							
				VIUVOS	MAXOS							14				
					FEMEAS								45			
				S. LOURENÇO	PICOS	FOGOS		CAZAES				258				
	SOLTEIROS	MAXOS					17									
		FEMEAS						12								
	VIUVOS	MAXOS							10							
		FEMEAS								76						
	NOSSA SENHORA DA AJUDA	MOSTEIROS	FOGOS				CAZAES		195			21	95			49
				SOLTEIROS	MAXOS		16									
FEMEAS							5									
VIUVOS				MAXOS				7								
				FEMEAS					42							

MAPPA DAS PRODUÇÕES DA ILHA DO FOGO TIRADO NA REAL EXPEDIÇÃO 1783

ILHAS	LUGARES	PRODUÇÕES	VEGETAES																			
				MILHO				FEIJAO		ALGUDAO		TABACO		VINHO								
				SEMENTEIRA		COLHEITA	COLHEITA	COLHEITA		COLHEITA		COLHEITA		COLHEITA								
				ALQUEIRE	SOMA	ALQUEIRE	SOMA	ALQUEIRE	SOMA	LIBRAS	SOMA	LIBRAS	SOMA	FRASCOS	SOMA							
S.FILIFE OU FOGO	VILLA	MILHO	SEMENTEIRA	234	477 ¹	COLHEITA	33651	COLHEITA	7000	COLHEITA	3333	COLHEITA	5175	COLHEITA	380							
			COLHEITA													16414						
		FEIJAO	COLHEITA													4000						
		ALGUDAO	COLHEITA													1292						
		TABACO	COLHEITA													1523						
		VINHO	COLHEITA													100						
	PICOS	MILHO	SEMENTEIRA	82		COLHEITA		10591		COLHEITA		2000		COLHEITA		1337	3333	COLHEITA	5175	COLHEITA	380	
			COLHEITA																			
		FEIJAO	COLHEITA																			
		ALGUDAO	COLHEITA																			
		TABACO	COLHEITA																			3388
		VINHO	COLHEITA																			80
	MOSTEIRO	MILHO	SEMENTEIRA	61		COLHEITA		6646		COLHEITA		1000		COLHEITA		704	3333	COLHEITA	5175	COLHEITA	380	
			COLHEITA																			
		FEIJAO	COLHEITA																			
		ALGUDAO	COLHEITA																			
		TABACO	COLHEITA																			264
		VINHO	COLHEITA																			200

Inv. João da Silva Feijó.
Pixit Lourenço de Lima e Mello

¹ Assim no manuscrito embora o valor real da soma seja 344.

Sendo no tempo Secco, esta Ilha tão arida por cauza d'agoas, he tão abundante de plantas Naturaes no tempo das Xuvas, o que não deixa de cauzar grande gosto, e prazer a vista, e atensão o que for inclinado as observasoens da Natureza, que variedade de vegetaes, e alguas tão novas como esquizitas Se apresentavão a meos olhos nesta Ilha, e na Brava quando Segunda ves eu por ali passei com esse fim d'as investigar? hua Longa vida naquelle Paiz não Seria bastante a qualquer Naturalista para obSerrar, e fazer o catalogo de todos estes Seres, e por consequencia que poderia eu fazer Só em tão pouco tempo! O que pude Senhor e não o que devia fazer, e Seria cahir em hum grande descuido Se não desse a V. Excelência o catalogo dellas: estas plantas como são igualmente próprias d'outra Ilha Brava, por isso foi ajuntar todas, e he o que vai a fazer o Seguinte Catalogo Sistemático. // [fl.44] O tempo, e a falta de livros, adequados não me permitirão fazer a redução de todas quantas me forão obvias, razão porque Só neste catalogo eu aponto as que pude Reduzir, reservando para quando for possível a Redução das mais principalmente graminaceas, Syngnezias e Cryptogameas, e estes vão todos com os nomes vulgar, e do Sistema.

Monandria

	N.1	Palha de bixo		Boerhavia
			Diandr.	
	N.2	Aipo		Rosmarinus
	3		Triandr	
	3	Zagaia de Sanxo	.	
	4	Junsa	"	Cyperus
	5	Cheira peixe	"	"
	6	Pega Meia	"	"
	7	Feno	"	Briza
	8	Junsinha	"	Cyperus?
	9	Palha basoura	"	
	10	Milho de Manuel Ledo	"	//
// [fl.45]	11	Tousa	"	Grama
	12	Palha guiné	"	
	13	Pega Saia	"	Phalaris
	14	Rabo de gato	"	
	15	Pé de galinha	"	
	16	Gogo	"	
	17		"	Briza
	18	Baba de bode	"	
	19	Balanco	"	
	20	Finca preta	"	
	21	Gegé	"	
	22	Palha de branco	"	
	23	Orelha de rato	"	Comelina erecta
	28	Alho bravo	"	Genero novo?
	29	Sabão de Cativo	"	Mollugo pontaphil
			Tetradria	
	30		"	Plantago Psyllium?
	31	a b c d	"	Oldelandia
	32		"	Galium
	33	Velho tezo	"	Cephalanthus
			Pentandr.	
	34	Sapato de Sanxo estreito	"	Convolvulus
	43	Legã cão	"	Convolvulus sp..

§5 I



// [fl.46]	+ 45	Batata darro	“	Convolvulus
	+ 47		“	Convolvulus
	+ 51	Palha Corda	“	Convolvulus.?
	+ 54	Corriola	“	Convolvulus ?
	35	Olho de Vaca	“	Solanum
	36	Herva moura	“	Solanum
	37	Lentisco	“	Periploca?
	38	Borrage brava	“	Borago
	39		“	Italica
	40	Dezistiva	“	Asclepias (nova esp.)
	41	Palha gorgoleta	“	Heliotropium
	42	Zimbrão	“	Rhamnus
	44	Banana de finado	“	Hyosiamus? ou Genero novo
	+48	Lasso de finado	“	Asparagus?
	49	Panasco	“	Chenopodium
	52		“	Evolvulus
	53	Calbaseira de porco	“	Ipomeia
	55	Gaimão	“	Asphodellus
	+46	Herva doce	“	
	50	Funxo	“	
Octandr.				
	56	Ameixa	“	Ximenea americana
	57	Santa Clara preta	“	Cardiospermum alicacabc.
	58	Vide 71	“	
Decandr.				
	59		“	Cassia mimosoides
// [fl.47]	60	Cana fistula	“	Cassia fistula
	61	Senne de Palma	“	Cassia (nova esp.?)
	62	Manipolo	“	Spondias Myrobalan
	63	Cabeleira de S. Filipe	“	Fedum
Dodecandr.				
	64	SoLdinha	“	Euphorbia 1
	65	SoLda 2.3	“	Euphorbia 2.3
	66	Torta olho	“	Euphorbia 4
	67		“	Euphorbia 5
Icosandr.				
	68	Figueira do Inferno	“	Cactus
Polyandr.				
	69	Pinha	“	Annona
	70		“	Cistus (nova esp.)
	71	Bananas de Sanxo	“	Corchorus
Didinam.				
	72		“	Lamium?
	73	Herva Cidreira	“	Thymus?
	74	Palhinha do rollo do mar	“	Antinimum
	75	Rosmaninho	“	Stachis ?
	76	Monroio	“	Clinopodium
Tetradin.				
	77	Pastel	“	Isatis
			“	Brasica Eruca
// [fl.48] Monadelph.				

	78	Algodoeira	“	Gosp.
	79		“	Sida Crispa
	80	Segonha	“	Hybisco abelmoze
	81		“	Sida 2
	82	Guarda Caminho	“	
	83	Loló preto	“	
	84	Malvaisco	“	Sida 3
	86	Loló	“	
	85	Loló branco	“	Melochia Concatenata
	87	Basal	“	Stewartia
	88	Begueiji	“	Hybisco
	89		“	Sida?
	90	Calbaseira arvore	“	Adansonia
Diadelph				
	91	Mari xinga verde	“	
	92	Monco de perú	“	
	93	Feijão de gallo	“	
	94	Piorno amarello	“	
	95		“	Polygala
	96	Santa Clara vermelha	“	Abrus precatorius
	97	Grão de rato	“	
	98	Piorno preto	“	
	99	Tinta femea	“	Indigofera
// [fl.49]	100	Maria xinga	“	Hedisarum
	101	Cheiramal	“	
	102	Tinta maxa	“	Indigofera
	103	Piorninho	“	
	104	Mancarra	“	Arachis
	105	Palha forquilha maxa	“	
	106	Forquilha femea	“	
	107	Fava de feitiseira	“	
	108	Palha Cortume	“	
	109	Carrapato	“	
	110	Crensaje	“	
	111	Baginha de Cordonis	“	
	112	Baguinha de Xinxirote	“	
Syngenesia				
	113	Marcella	“	
	114	Cravos de defuntos	“	Tagetes
	115	Marsetinha	“	
	116	Talga	“	
	117	Seta de porco	“	Bidens Subulat
	118		“	Eupatorium
	119	Seta	“	Bidens
	120	Seta de Cão	“	
	121		“	Eupatorium
	122	Losna	“	Absint.
	123		“	Condriila ?
	124		“	Hieratium ?
	125		“	“ variedade
	126		“	Condriila

Documentação do Arquivo Histórico do Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa (MUHNAC). Fundo do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda

Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi comunicando-lhe a sua chegada às ilhas de Cabo Verde e as suas primeiras impressões sobre estas, bem como as dificuldades sentidas no primeiro mês da sua estada naquele arquipélago.

Santiago, 24 de abril de 1783

MUHNAC | FRMJBA
CN/F-1

Senhor Julio Mattiazi

S. Tiago, 24 de Abril de 1783

Depois de 25 dias de viagem, bem incommoda pellos frequentíssimos temporaes que tivemos, entre os quais nos sobreveio hum tam forte aos 15 para 15 na altura da Madeira em que estivemos sem esperanza de vida pella grande forsa com que veio de sorte que fazia andar a Embarcação 8 milhas e meia por hora en arvore secca com muito már, chegamos a Ilha de S. Nicolau, e passado hum mez de demora vim na companhia do Senhor Bispo para eSta Capital de S. Tiago aonde me acho, tendo feito hua digração por oito dias pella Ilha de Maio, e fico em vesporas de partir para a Ilha Brava para segundo as determinasoens do mesmo senhor Bispo dar por ali principio às minhas observoens: Deus permita ajudarme, afim de fazer coiza que seja do Real agrado de minha Soberana, e do Senhor Martinho de Mello.

Pello que tenho visto, ainda que de passagem, nestas 3 Ilhas, ha sem duvida muitos obstaculos muita coiza pella má gente que ha, e por consequencia não ter eu quem me ajude como deve ser, basta dizer que he impossivel o fazer transportar a maior parte dos instrumentos que truxe primeiramente por não haver quem os transporte pella impossibilidade que ha na passagem dos Caminhos em que he neceSsario andar de gatas, e sem olhar para os precipicios. 2º pela gente ser tam mole que para levar hum pequeno caixão he necessario 20, ou 30 homens sem exageração.

Tudo São montes escarpados sem hua Só plantinha, exceto nos valles, ou ribeiros ainda que poucas ha por falta de agoas, onde se acha algumas plantas, porem algumas Curiozas // [fl.1v] de mineraes poder que haja algua Coiza; de Animaes tirados os Peixes, e algumas conxas, e arvores marinhas não ha nada de PaSsaros exceto Pardaes que he praga, algum Flamengo nas Salinas, e hum a que chamão Lince e nada mais; de Insetos, se não forem baratas, grillos, cafanhotos, e moscas, e hua ou 2 especies de Borboletas nada mais ha; mas tenho grande esperanza nas Plantas ainda que poucas, e nos Peixes que são muitos e muí particulares; ponto he que hajão caixons para se fazerem as remesas, que he a duvida que poem o Senhor Bispo e com rezão por não haverem madeiras.

Aqui me acho Senhor Julio quase descalso por não ter com que comprar hum par de sapatos, nem a quem pedir, pois fiado eu no que Vossa Mercê me diSse da parte de Sua Excelência que câ acharia tudo determinado athe mesmo meu Soldo, e que não pensaSse em coiza algua, fui estes dias pedir ao Senhor Bispo que me deSse a conta do meu ordenado algum dinheiro para comprar hum par de Sapatos, e finalmente outros mestres que me são necessarios, como Vossa Mercê não ignora, serem percizos a quem anda por terras semelhantes, me disse que não tinha ordem algua para me dar dinheiro e nem ainda que o tivesse não me daria sem ser especial do Marques d'Anjeja, e que só sim sabia que eu tinha 400\$ de ordenado por Sua Excelência lhe mandar dizer, e que nestes termos visse eu como isso era, pois escreveSse a Sua Excelência e lhe deSse parte nestes termos, veja Senhor Julio que felicidade achar-me dezamparado desta maneira como hum degradado sem ter feito crime algum a Sociedade mais do que ser sempre obediente a todos, paSsiencia Deus se lembre de mim por sua infinita mizericordia ja que todos me oprimem sem eu ter dado Cauza algua, nestes termos Senhor Julio peSso-lhe pello amor de Deus por vida Sua, e de toda a sua caza me valha entersedendo por mim a Sua Excelência para que mande que se me pague nessa cidade ou // [fl.2] ou onde Sua Excelência for servido, aos quarteis, a fim de Soccorer as minhas urgentissimas

// [fl.50]	127		“	Hieratium
	129	Serralha	“	
	130	Dominguinho	“	
	131	Rais amargoza	“	
	132	Perpetuas bravas	“	Gnaphal.
	134	Losninha	“	Gnaphl.
Gynandr.				
	135		“	Orelis Antropon.
	136	Cebola albaran	“	Orchis
Monoecia				
	137	Bredos brancos	“	Amaranthus 1
	139	Bredos	“	Amarant. 2
	138	Vergonha d'homem 1.2	“	Andrachene 1.2
	140	Mandioca	“	Jatropha
	+ 128	Purgeira	“	Jatropha Curcas
	141	Melansia de Sanxo	“	Coloquintid.
	142	Melão de Sanxo	“	Momordica
Dioec.				
	144	Espinho preto	“	Mimosa 1
	145	Espinho branco	“	Mimosa 2
	146	Tarafe	“	
Polygam.				
	147	Alfarroba	“	Ceratonía Siliqua
	148	Urtiga morta	“	Parietaria 1
	149	Rupisaia	“	Parietaria 2
// [fl.51] Criptogam.				
	150	Felal de parede	“	Polypodium
	151	Felal	“	
	152	Nho Jom	“	(Planta nova?)
	153	Douradinha	“	Asplenium
	154	Avenquinha	“	
	155	Avenca	“	Asplen.
	156	Zagainha		
	157	Rabo de Capão	“	Polypodium

Athe aqui, Senhor, o Catalogo das plantas que o tempo, e a estação me permitio recolher, alem de outras, que me parecerão novas, cujas discripsoes ja offereci a V. Excelência, e algumas Sementes que encontrei em plantas Seccas, taes São as da Favateira (Eritrina), Palha Cordinha, Fava, Cabasa, S. Caetano, Bonge amargoza, Bongoló, Feijão Cavallo, Sururú, Batata do mar, Birbilhaca etc.

Deus prospere e Guarde os preciosos dias de V. Excelência por dillatados annos. Sou Com todo o Respeito

De V. Excelência

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Martinho de Melo e Castro

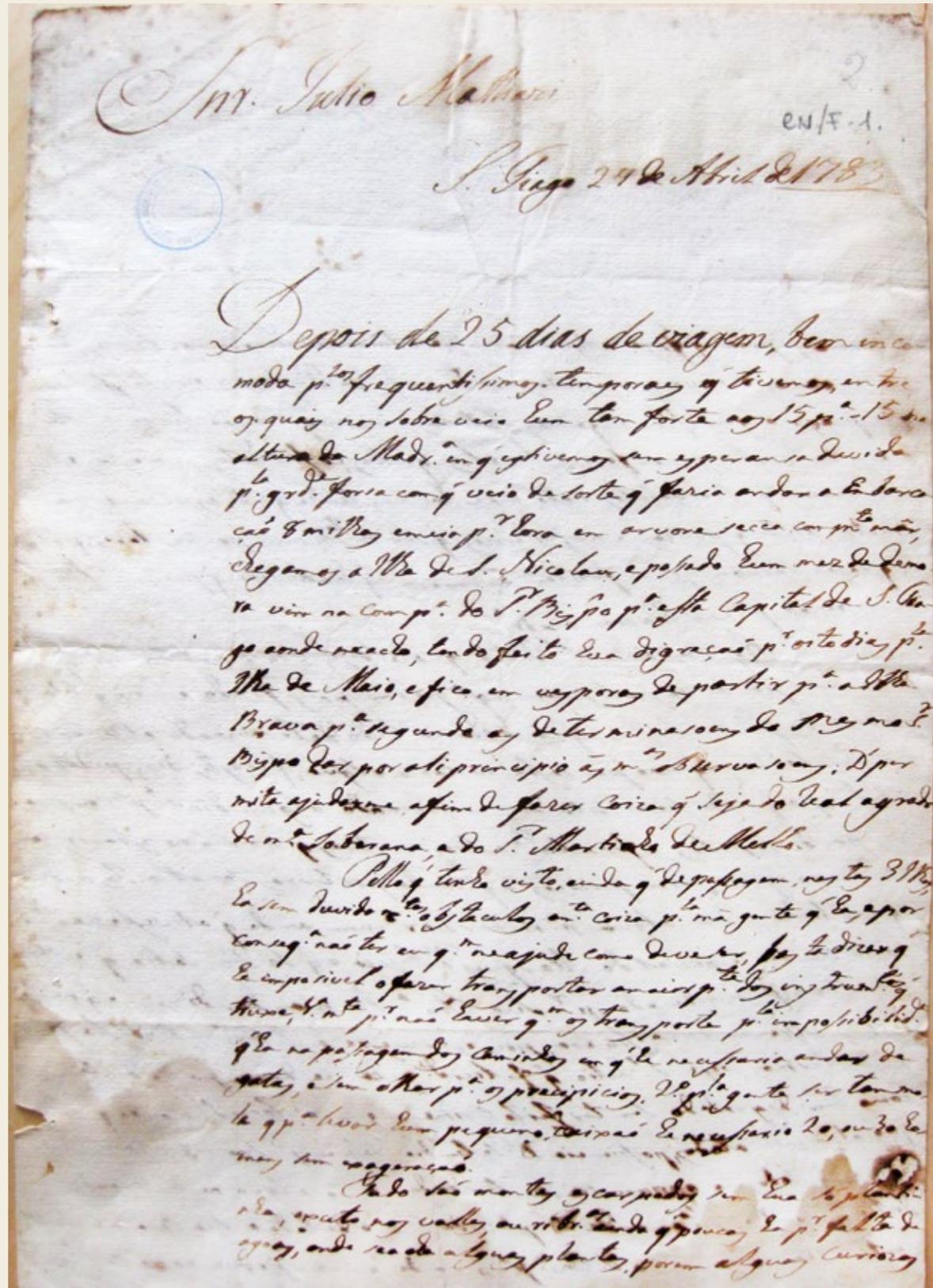
O mais obediente e humilde Subdito

João da Silva Feijó //

necessidades pois Seguro a Vossa Mercê que me acho descalso quaze, e não sei como mandarei fazer hum par de sapatos; ademais, Deus sabe o como passo Senhor: aSim espero na honra de Vossa Mercê fazer-me esta esmola por cuja merce eu não deixarei de me confessar obrigado a Vossa Mercê a quem Deus Guarde muitos anos.

Deste Seu mais humilde e obediente servo
João da Silva Feijó
1783

§56



Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi contestando as repreensões que este lhe apontara sobre os resultados da sua expedição na ilha de São Nicolau. Refere, igualmente, o envio de mais remessas das expedições às ilhas do Barlavento e menciona a sua iminente partida para a ilha de São Vicente.

MUHNAC | FRM/JBA
CN/F-2

Santo Antão, 9 de maio de 1785

Senhor Julio Mattiazi

Sto. Antan 9 de Maio 1785

Recebi hua Sua, e nella a injusta reprehensão que Vmercê me dá, que eu com a mais profunda humildade, e obediencia Recebo por ser determinada, por que foi; porem eu sem duvida athe aqui pareceme não tenho feito por a merecer, mas a minha pouca fortuna aSsim o permite de me conformar com ella.

Athe aqui tenho procurado agradar tanto a Sua Excelência como a Vmercê; pois se a expedição de S. Nicolau não foi tam boa como a da Ilha de Fogo e Brava: seguro a Sua Excelência foi procedido pela minha doensa, ou pois em escapar dou infinitas grassas a Deus, e o mesmo Senhor sabe o como posso, mas sempre mui prompto, e com hum coração alegre para servir a Sua Magestade e Sua Excelência não devia tornar a dar prencipio a Expedição da dita Ilha porem o não faSso sem que Vossa Excelência ou Vmercê em ordem delle me determinem, e aos Administradores, ou ao Governador // [fl.lv] pois entretanto que Sua Excelência determina o que for servido vou continuando com a desta Ilha que he bem estensa, aonde cheguei a pouco.

Seguro a Vmercê que tanto se me dá de por aqui estar mais dois ou 3 ou 4 annos como hum dia sendo sempre no agrado de Sua Excelência e de Vmercê toda a minha vida que foSse, o que só me peza he Sua Excelência estar mal informado de mim, e não atender que 3 annos que estive debaixo de seos olhos dei mostras Suficientes da minha educação, e esta só por morte se me hade acabar; e não acreditar o que muitos malevolos lhe vão dizer em prejuizo meu ahí não posso falar, Senhor Julio, por que não sou atendido, pois se me ouviSsem, eu teria muito que dizer de todos: a mim so resta a morte para tudo se acabar tanta he a minha fortuna!

Nesta occazião julgo remeterão os Administradores a Expedição que se acha athe aqui feita tanto do Resto de S. Nicolao isto he de Santa Luzia etc. e Boa Vista, pois tudo foi entregue por mim aos ditos; cujas listas Remeto nesta mesma occazião a Sua Excelência com a Rellação mais circunstanciada do que tenho observado; a qual he por ora tam somente da Ilha Brava que das mais fico cuidando em dispôr para tambem conferir e remeter como [ilegível] na primeira occazião que se offerecer: a esta presente Rellação acompanha dois mapas hum da gente outro das // [fl.2] produçoens da Ilha que hãode servir para complemento da historia destas Ilhas: se elles não agradarem Vmercê me fará logo avizo para as não continuar, pois conforme as instrucçoens que por Vmercê me forão dadas julgo os devo fazer.

Fico para partir para a Ilha de S. Vicente e de lá espero trazer boa colleção de conxas; se Deos for servido.

Recebi novo avizo para cobrar os meos ordenados, ja não fallo a Vmercê nem a Sua Excelência mais nelles pois pello pouco cazo que os ditos Administradores fazem destes avizos, julgo não ser do gosto do mesmo Senhor o eu ser delles enbolsado, pois não mos querem pagar, e so Deus sabe o prejuizo que isto me tem cauzado eu tenho pedido hua certidão para lha Remeter a Vmercê porem elles ma não querem dár, e do Cappitam do presente Bargantim Vmercê se poderá informar da minha verdade pois ainda que fosse milhões eu não havia de dizer a verdade a Vmercê [ilegível] e o proctetor fara o que bem // [fl.2v] bem lhe parecer comvirme.

Se eu tiver occasião quando acabar daqui tornarei a chegar a S. Nicolau isto se os ditos Administradores ou o Governador lá me tornar a mandar dar as providencias, pois estou envergonhado com aquella espedição, e com a da Boavista por a não fazer por mim por estar muito doente como ainda estou pois agora me repontam hums accidentes convulsos que não passo bem, mas aSsim mesmo tudo heide fazer; o ponto está em eu ter vida e ser por Sua Excelência animado, e protegido, e de VMercê amparado e muito melhor.

Veja Vmercê se presto para algua coiza, e sobretudo desejo que Deus Guarde a Vmercê por muitos annos.

De Vossa mercê
o mais obediente Criado
João da Silva Feijó
1785

§57

Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi expondo as dificuldades que tem enfrentado nas Ilhas de Cabo Verde devidas à falta de pagamento do seu ordenado e à escassez de materiais para a execução dos seus trabalhos.

Brava, 24 de maio de 1783

Senhor Julio Matiazi

Por hua Escuna que sahio depois de Pascoa da Ilha de S. Tiago para essa cidade escrevi a Vmercê agora que tenho outra occazião, não quero deixar de lhe noticiar que aqui me acho ja nesta Ilha dispondome para dar principio a minha fadiga, Deus permita ajudarme com a Sua infinita grasa.

Senhor Julio eu não posso deixar de dizer que me vejo bem afficto, pois para supprir as minhas urgentes neceSsidades tenho ja vendido parte da minha Roupa, tudo isto succedeme pella minha grande fortuna, pois dizendo-me Vmercê que da parte de S. Excelência me segorava que ca acharia todo o percizo achome sem ter athe o proprio SoLdo, e sem saber se o tenho nem aonde heide cobrar etc. em hua palavra seja o que Deus quizer: aSsim Senhor peSsolhe pello amor de Deos interseda por mim a Sua Excelência para que mo mande dêr ahi nessa cidade aos quarteis a fim de poder supprir a minha molher que está necessariamente padecendo so por culpa de cazar comigo, tanta he a forza da minha disgrasa: eu estou serto que se Vmercê falar niSso eu serei attendido para com Sua Excelência, e vivo serto que por este beneficio Deos não deixará de prosperar a toda a Sua Caza, e familia.

A rede que vem nos paos, que en razão achace podre, cheia de buracos e em hua palavra incapas de servir // [fl.1v] pode dizer a Sua Excelência que não tenho ca agoa ardente, pois aquella gota que Vmercê remeteo na Catinplora não servio senão para huns peixes que tenho para remeter; emfim o tempo me não dá lugar a mais.

Deus Guarde a Vmercê por muitos annos.

Ilha Brava 24 Maio de 1783

De VMercê
o mais obediente e obrigado Criado

João da Sylva Feijó
1783

Não tenho poLva, pois a que me deu foi mui pouca como Vmercê sabe

§58



Publica forma de uma carta de João da Silva Feijó aos Administradores Gerais da Sociedade Exclusiva de Cabo Verde relatando a evolução dos seus trabalhos de naturalista e o auxílio que necessita para o envio, para Lisboa, das remessas recolhidas nas ilhas do Fogo e na Brava.

Fogo, 16 de setembro de 1783

Anno do Nassimento de Nosso Senhor Jezu Christo de mil Setecentos e outenta e tres annos nesta villa de São Feleppe da Ilha do Fogo aos duzaseis dias do mes de Setembro do dito anno nas cazas da pozantadoria do Doutor NaturaLista Regio João da Silva Feijó fui chamado pelo mesmo Senhor e na prezença do Sargento Mor Cumandante Francisco Duarte de Oliveira, dos Juizes Ordinarios Domingos Lobo Texeira, e Fernando Gonçalvez Alfanje da Camara, e mais pessoas principais desta Ilha e me ordenou passassem em publica forma a carta que o dito Senhor escreveo aos Administradores Geraes da nova Sociedade excluzivel destas Ilhas, do Serviço de Sua Magestade a qual he do theor seguinte = Senhores Administradores Geraes da nobre Sociedade Excluziva. Como A Rainha minha Senhora pelo Seu Secretario de Estado o Illustrissimo Excelentissimo Senhor Martinho de Mello e Castro, me ordenou e intimou que Logo que houvesse algua novidade a respeito de Se me não darem as providencias necessarias para o cumprimento do que me fas a honra de incumbir na sua Real Expedição destas Ilhas, como tambem para Serem feitas as remezas della a Sua Real secretaria do Ultramar Com aquella brevidade e cautella necessaria; fizesse eu Saber a Vossas Mercês Como Administradores Geraes da Excluziva Sociedade desta Ilha para que houvessem de dar as necessarias providencias para as ditas Remessas digo a condução das ditas Remeças ficando a mesma Senhora obrigada a Satisfação de todas as despezas, que nella fizesse a mesma sociedade; e que no cazo que Vvmerçes Se negassem a isso, fizesse eu Logo Saber a mesma Senhora; e como acabo de saber que Sua Excelentissima Illustrissima a quem vierão estas ordens providenciaes, he falecido e eu por isso me vejo nesta Ilha retido, Sem soccorro, nem providencias para cumprir Com os meus // [fl.1v] Os meus deveres Segundo as prudentissimas ordens de Sua Magestade que Deos guarde, como tambem Sem recurso, para dar conta e fazer saber a mesma Senhora do que me incumbiu, juntamente para lhe remeter alguns caixoens da Expidação desta Ilha, e Brava que se acha concluzia, e ffeixados, os quais ja há muito devião Ser remetidos a Secretaria de Estado, Conforme as determinaçoens da mesma Senhora pelas ultimas embarcasoins, que Sahirão desse Porto para o de Lisboa, mas como Sua Excelentissima Reverendissima ou pela sua molestia, ou pelos deferentes negocios de que estava enCumbido, os não mandou Conduzir por qualquer das ditas embarcasoins; rezão por que por esta participo a Vv mercês de tudo isto, e os avizo e os fasso Sientes das mesmas ordens de Sua Magestade; para que, Logo que se oferecer embarcação para Lisboa mandem, por ordem expressa que venhão de Caminho receber os ditos caixoins da Real Expedição a este Porto da Ilha do Fogo, cuja demora não Será mui grande por estarem todos promptos, e poderem se tomar ainda mesmo estando o Navio a capa, Cujo servisso Será do Real agrado de Sua Magestade; ficando Vv mercês bem certos que esta Remessa hade hir Logo em direitura para Lisboa pois a não posso mandar para outra qualquer parte que para Li não Seja, por Ser de cercustancia o haverem aSim determinado o Elustrissimo Excelentissimo Senhor Martinho de Mello e Castro da parte da mesma Senhora. Vv Mercês farão o que melhor lhes parecer ficando sertos deste meu avizo, que faço em nome da mesma Senhora, de cuja RezuLução espero de Vv Mercês a Resposta nesta mesma oCazião (que para hisso faco hir a essa Ilha pozitivamente essa Lancha com enco // [fl.2] emcomodo da gente, e dispendio da Real Fazenda) para de tudo fazer participante a Sua Magestade quando Se offereser ocazião qualquer; advertindo a Vv Mercês que, para constar em todo o tempo este meu avizo, mando pasar esta minha Carta em publica forma, em que faço asinar o cumandante, Juizes, Camara, e mais pessoas de Respeito desta Ilha, a fim de que havendo prejuizo por omição de Vossas Mercês remetendo eu a copia desta em publica forma ao Illustrissimo Excelentissimo Senhor Martinho de Mello e Castro, Saiba Sua Magestade que não foi por eu deixar de participar a Vv Mercês conforme a mesma Senhora me havia Ordenado, nem tão pouco pelo descuido e pouco Zello meu no seu Real Serviço.

Deus Guarde a Vv Mercês muitos annos Ilha do Fogo quinze de Setembro de mil Setecentos e outenta e tres anos de Vv Mercês O mais Reverente Criado //João da Silva Feijó // NaturaLista destas Ilhas de Cabo verde por Sua Magestade Fiel que Deos guarde // e a mais não se continha na dita carta que tresLadei mui fielmente do seu oreginal em fê de que mandou passou pasar esta por mim Escrivão da Fazenda Real e da India e Mina e eu Jorge Gomes Brandão em que se assinarão as pessoas nomeadas asima Commigo e para maior Segurança mandou tirar duas deste mesmo thior de que esta he a Segunda por mim mesmo Escrivão Supra deClaro que a carta que acabo de passar em publica forma hé e foi escrita pelo mesmo Senhor Doutor Naturalista porpria Letra por lhe ter visto escrever muitas vezes eu Escrivão Escrevi

SarGento Mor Comandante
Francisco, Duarte de Oliveira

§59

Jorge Gomes Brandão
Juis ordinario Domingos Lobo Texeira

// [fl.2v]

o Juis ordinario Fernando Gonçalvez Alfange
Camera BartolomeuVieira E Vasconcelos
Marcelino Joze Jorge vereador
RaphaeL gomes De pina Vereador
Anttonio Cardozo Dafonceca Procurador da Camera
Luis de Pina Araujo esCrivão da Camera
O ALmuxarife António Rodrigues Pereira
O Juis dos Orfãn Joaquim Joze de Carvalho
João Carlos da Fonseca Prado
Manoel Justino Claudio

MUHNAC | FRM JBA
CN/F-5

Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi informando-o que o tinham avisado que alguns homens poderosos da ilha de Santiago pretendiam matá-lo, à semelhança do que já haviam feito com o Bispo Dom Frei de São Simão. Testemunhos do capitão João Carlos Fonseca, do capitão-tenente Jorge Gomes Brandão e do capitão Manuel Justino.

Fogo, 16 de fevereiro de 1784

Senhor Juis Ordinario

Os dias passados quando appareseu aquella chalupa da Madeira, que foi a bordo della o Cappitam Manoel Justino Claudio, mandoume o Cappitam da dita chalupa chamado Alvaro Marques, dizer pello dito Cappitam Manoel Justino que dezejava Summamente falar-me, e eu movido pella Coriozidade de saber, escrevilhe hua carta a bordo, em que o mandei chamar; veio Com efeito como Vmerçe sabe, e proguntando-lhe eu o que me queria dizer, respondeume que andava na dilligencia de me encontrar para me avizar que não fosse eu a Ilha de S. Tiago, ou se fosse tivesse em mim Cautella, pois ouvira dizer na Ilha de Maio ao Meirinho da Fazenda Real que em S. Tiago havião morto o Bispo, e que andavão a procurar meios de fazerem o mesmo ao Naturalista destas Ilhas: isto mesmo tornou o dito Cappitam a dizer na prezensa do Cappitam Mor João Carlos da Fonseca Administrador da Sociedade, e do Cappitam Tenente Jorge Gomes Brandão Escrivão da Fazenda Real; pello que ordeno a Vmerçê haja de autuar isto, tirando a justificação para me remeter sentenciada. Villa de S. Fillipe 16 de Fevereiro de 1784

Deus Guarde vmercê por muitos anos
De Vmercê
O mais reverente Criado
João da Sylva Feijó
1784

Em comprimento ao mandado Supra o Escrivão que perante mim Serve // [fl.1v] faSa autuar para auer de Se tirar testemunhas

Lobo Toxeira

Aos desaSeis dias do mês de feuerero de mil sete Centos outenta e Coatro annos nesta Villa de São Felipe da Ilha do fogo estando presente o Juis Ordinario Domingos Lobo Texeira Comigo EsCrivão declarado abaixo preguntamos Testemunhas que nomeadas atras e pellos Seus ditos hidades Costumes e misteres e o conteudo na carta do mandado de que fis este termo Manoel do Canto Texeira TabaLiao do Judeçial o esCrevi.

O capitão João Carillos da foncequa homem Cazado morador nesta Ilha e da gouernança della Testimunha a quem o dito Juis lhe deu juramento dos Santos Evangelhos em que pos sua mão direita Sobcarga do qual prometeo dezer Verdade do que Souber da Carta do mandado atras do Senhor NaturaLista João Da Silva Feijó de hidade que disse Ser de Coronta e Sete

annos pouco mais ou menos // e Preguntado pello Conteudo no dito Auto digo carta do mandado diSe que em prezença della Testemunha Vindo de hua XaLupa da Madeira de que hera Capitaio hum Alexandre Marques e vindo este da Ilha do maio e diSera em Caza delle Testemunha em prezença do Capitaio Tenente Jorge gomes Brandão que estando na Ilha do Majo hum Merinho na dita Ilha lhe diSera que o Senhor NaturaLista João Da Silua feijo se foSe a Cabo Verde o havião de matar porque lhe estavão esperando para o matar aSim como matarão o exceLentissimo e ReuerendiSimo Senhor Bispo defunto Dom Frei Francisco de São Simão e o dito Capitão Seguiu a Viagem para a Ilha Brava e veio a esta Ilha Somente para aVizar o dito Senhor NaturaLista Regio e sabe por dizer o dito Capitão em Sua Caza aonde aSistia o dito Senhor Naturalista e mais não disse da dita Carta do mandado que toda foy lida e deClarada pello dito Juis Com o Qual aSinou e eu Manoel do Canto Texeira Tabalião do Judicial o esCrevi. // [fl.2] o escrevi.

João Carlos da Fonseca [Ribas]

Domingos Lobo Texeira

O Capitaio Tenente Jorge Gomes Brandão homem cazado morador nesta Ilha testenha a quem o dito Juis lhe deo Juramento dos Santos eVangelhos em que por Sua mão direita Sob o Cargo do qual prometeo dizer Verdade do que Souber da Carta do mandato atras de hidade que diSse Ser de Sincoenta e Sete annos pouco mais ou menos // e Preguntado pello Conteudo na dita Carta disse que estando em caza do Capitaio João Carillos da foncequa Veyo a terra o Capitaio de hua Xalupa que tinha Vindo da Ilha de Majo por nome Alexandre Marques o qual esteve na porta faLando com o Senhor NaturaLista Regio João Da Silva Feijó e entrando para dentro diSera em sua prezença que hum Merinho da dita Ilha de Maio lhe diSsera que estauão em Cabo Verde esperando o dito Senhor Naturalista para o matar aSim como matarão ao exeLentiSimo e ReVerendissimo Senhor Bispo defunto Dom Fre Francisco de São Simão e mais não disse da dita Carta do mandado que toda foi lida e decLarada pello dito Juis. Com o quaL aSinou e eu Manoel do Canto Texeira Tabaliao do Judicial o escrevi.

Lobo Texeira

Jorge Gomes Brandão

O Capitaio Manoel Justino moSo soltero morador nesta Ilha Testemunha a quem o dito Senhor Juis lhe deo juramento dos Santos euangelhos em que por sua mão direita Sob o cargo do Coal prometeo dezer Verdade do que souber da Carta do mandado atras de hidade que diSe Ser de Vinte e Sete annos pouco mais ou menos. // e Preguntado pelo o Conteudo na dita Carta diSe que hindo elle ao Bordo da xalupa da Madeira que tinha Vindo da Ilha do majo em que hera Capitaio Alexandre Marques, e o dito Capitaio lhe // [fl.2v] lhe diSera que tinha particulares que faLar com o Senhor NaturaLista Regio João Da Silva Feijo e com efeito Veio o dito Capitaio a terra e elle Vira em caza do seu Irmão o Capitaio João Carillos da foncequa aonde aSistia o dito Senhor NaturaLista Regio João Da Silva Feijó e mais não diSe da da Carta do mandado que toda Foi lida e declarada pello dito Senhor Juis Com o qual aSinou eu Manoel do Canto Texeira Tabalião do Judecial o escrevi.

Lobo Texeira

Manoel Justino

Aos desaSeis dias do mes de Feverero de mil SeteCentos outenta e Coatro annos nesta Villa de São Filipe da Ilha do fogo Sendo presente o Juis Ordinario Domingos Lobo Texeira e me mandou lhe fizeSe com huzo esta Justificação em Vortudo do quaL lhe fis com huzo de que fis este termo eu Manoel do Canto Texeira Tabalião do Judicial o esCrevi.

Hei por Justificado a Carta encluz na Justificação e como tal pode o dito Senhor Requerer na instancia Superior A Sua JustiSsa. Villa de S. Fellipe 17 de Fevereiro de 1784.

Domingos Lobo Texeira

1784

BarthoLomeu Vieira E vasConSellos Tabalião de Notas nesta Vella de São Fellipe da Ilha do fogo, Certefico e faso fê que a Letra e Sinaes nesta Conteudos São dos proprios que aqui aSinarão os quaes Conheco e reConheco.

// [fl.3]

E reconheco por os ter visto esCrever muitas Vezes e ter Sinaes dos propios no meu Cartorio e por firmeza paSei esta em que me aSinei dos meus Sinaes publico e Razo aos dezaSete dias do mes de Fevereiro de mil seteSentos e outenta e quatro annoS.

Bartolomeu Vieira E Vasconcelos

Jorge Gomes Brandão Escrivão da Fazenda Real de India e Mina nesta villa de São Felipe, e Ilha do Fogo etc. Certefico e fasso fê as letras e sinaes do sobredito Naturalista, e do Escrivão Judicial e dos Juizes Ordinarios e do Tabalião que conheso e Reconheso Ser dos propios que aqui escreverão e aSinarão por os ter visto escrever muitas vezes e ter alguns Sinaes dos

§60

§61

proprios nesta Alfandiga e por firmeza do que passei a presente em que me aSinei aos duzasete de Fevereiro de mil setecentos e outenta e quatro annos.

Jorge Gomes Brandão

// [fl.3v]

Autuação de huma Carta Mandado do Senhor Naturalista Regio João Da Silva Feijó

Escrivão

Texeira

No anno do Nasimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil sete Centos outenta e Coatro annos aos dezaSete digo desaSeis dias do mes de Fevezero delle nesta Villa de São Felipe da Ilha do fogo por parte do Senhor Naturalis Regio João Da Silva Feijó me foi dado hua Carta Mandado e nella Com despacho ao pé della do Senhor Juis ordinario Domingos Lobo Texeira que dis em Comprimento do mandado Supra o escrivão que perante mim Serve fassa autuar para auer de Se tirar Testemunhas Lobo Texeira a quaL Carta Mandado Autuey e aquy aJuntey e o maes Conteudo nella he o que aodiante Se Çegue de que fis este Autto E eu Manoel do Cantto Texeira Tabalião do Judicial o escrevi.

MUHNAC | FRM JBA

CN/F-6

Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi justificando as falhas nos seus deveres de naturalista devido à falta de apoios humanos e de meios adequados para o cumprimento das suas funções.

Santiago, 29 de fevereiro de 1784

Senhor Julio Matiazi

Heide infinitamente estimar que Vmercê logre hua perfeita saúde, eu aqui vou andando sempre doente, porem vigilante nas minhas obrigasoes: vejo o que Vmercê me dis na Sua que não sabe o que tenho feito a tantos mezes, ao que não Respondo por não abuzar da sua paciencia, só o que lhe digo he que lhe faSso o que me ordenaõ e não o que quero, se tiveSem me dado as providencias neceSsárias, eu teria melhor cumprido com os meos deveres, pois seguro a Vmercê que nenhum he mais capaS, nem mais honrado, e vigilante do que eu nas obrigasoes que se me impoe; ora digame Senhor Julio se Vmercê estiveSse sogeito a hum Superior, e este não quiseSse foSse por que foSse que Vmercê não trabalhaSse, ou fizeSse os seos deveres e não lhe deSse as providencias neceSsárias, que faria Vmercê Senhor Julio Vmercê? não Sabe o que por Cá tem hido, o Bispo sempre foi contra esta Expedição, e muitas vezes me disse que antes Sua Magestade lhe mandaSse dar este dinheiro que manda dispender com a Expedição, pois nelle podia servir mais para as obras do Seminario do que em recolher pedras e Borboletas; talvez Vmercê se não Capasite diSto; basta que lhe diga deixoume na Ilha Brava, na Ilha onde vão mui poucas vezes embarcações em Maio, e me ordenou se eu quiseSse depois passar para a do Fogo foSse em hua lanxa, pois não podia ter o seu Bargantim Sogeito a Expedição, pois o Comprara para si enão para a Expedição que se o Senhor Martinho de Mello queria que eu andase pelas Ilhas que mandaSse embarcação da Coroa por que aquella era da Mitra.

Veja // [fl.1v.] Veja Vmercê acabei a Expedição da Ilha Brava nos fins de Julho, e se quis me ver dali fora para continuar com outra arisqueime apaSsar aquelle canal para a Ilha do Fogo em hum bote a vella em que esteve quaze perdido no meio do Canal em que gaStei 11 horas, todo molhado cheio de sustos e outros incomodos que só eu sei por que experimentei.

Chego a Ilha do Fogo foi me neceSsário mandar pedir a Capital ao mesmo Bispo hua pouca de agoardente mandei hua lanxa de pescaria em que gastou 25 dias de hir e vir, e em lugar de me trazer a agoardente troseme a noticia de que havia falecido o dito Bispo; o Cappitam Mór que governava aquella Ilha logo que soube que o Bispo era morto suspendeo o dar as providencias que athe ali dava tal e qual, tornei a requerer a Capital a quem me ficou fazendo as vezes de Governo e quando esperava algum recurso Soube que diSsera que agora se vingaria de mim por eu ter dado conta delle ao Senhor Martinho de Mello, e que eu lhe havia de pagar, donde tem nascido algumas coizas que não digo a Vmercê por que não os hade acreditar,

só o que lhe digo he que estou avizado por muitas vias que anda buscando modos de me matarem para eu não dizer aLgua coiza ao Senhor Martinho de Mello, e hum dos avizoS he eSse que ahi lhe remeto autuado para vmercê ver a minha verdade e juntamente saber o como por cá passo se eu não soubeSse de frequentes exemplos não temeria, e creame que o eu não hir agora nesta ocazião porme aos pes de Sua Excelência he por temer que elle // [fl.2] Leve esta minha acção a mal, para paSsiencia alem de tantos encomodos aqui fico soffredo mais este.

Avizei os Administradores da Companhia para que mandaSsem conduzir a LiSboa Logo que tiveSsem occazião cujo avizo fis em nome do Senhor Martinho de Mello como ConSta da Carta incluza que lhe remeto em publica forma, responderãome que estão promptos a servir Sua Magestade porem no que fosse do serviSso da Sociedade cuja resposta tambem ahi lhe remeto para Vmercê ver a minha diligencia, e informar com ellas a Sua Excelência do que se tem passado.

Ahi faSso a Vossa RemeSsa que sertamente não hiria agora se o novo AdminiStrador não tomaSse Sobre si este cuidado pois não Só me mandou buScar, e mefaz conduzir pera as mais Ilhas, Como tambem quiS receber a dita Remesa para ter a honra de a remeter, e se me offereseo para tudo quanto eu quizeSse ainda que elle não teve ordem algua de Seos Directores de Lixboa para isso porem Como honrado que he quiS moStrar que tinha mais juizo do que o seu antecesor: para Junho espero ter outra remeSsa prompta e elle ja me prometeo de amandar buscar onde quer que eu estiveSse.

Vmercê me dis na Sua que ao Receber delle estaria ja emboLsado do meu ordenado, se eu não conheceSse a honra de Vmercê se duvida eu desia que Vmercê escarnese da minha infelicidade paSiencia: Cá não ha ordem algua nem para os AdminiStradores me pagarem nem para contribuírem com aS deSpezas que Vmercê me diS, para a Expedição; agora veja [fl.2v.] veja Vmercê o como eu terei paSsado já me vejo empenhado em 100 e tantos mil reis, e nem Sequer meza tenho, pois tenho andado, e ando a comer como por esmolla por Cazas de amigos e Vmercê ainda me prohibe recorrer ao Senhor Martinho de Mello? paciencia: eu ahi lhe escrevo agora, porem para obedecer a Vmercê não lhe fallo em coiza algua, pois estimo mais o morrer do que em Cahir no deSagrado de Vmercê e deSses Senhores.

Vao quantas Borboletas pude recolher, e encontrar, vão todaS aS pedraS e terraS daquelaS duaS IlhaS que observei; como também todaS aS plantaS que encontrei por ellaS Com as Suas Sementes; algumas achei que me parecem novaS deStaS deScrevi aS que pude, enter ellaS vai hum Genero novo (que julgo ser) a que tomei a confiansa de dar o nome de Vmercê em sinal da grande obrigação em que vivo, Vmercê pela sua bondade me hade perdoar o meu atrevido arrajo, mas Segurolhe que he naScido de hum coração sensero.

Se eu tiveSse um riscador para me copiar aS plantas que colleção eu não faria Senhor Julio! alguns passaros que vão são unicamente chioSs para Vmercê lheS mandar dâr a figura que requerem pois daquella preparação nao sei e demais não poSso me occupar em tudo; Vmercê bem podia fazer com que Sua Excelência me mandasse hum deSseS rapazeS que sabem preparar, e algum bom riscador.

Vai hua Catimplora Com peixeS que por falta, // [fl.3] falta de agoardente se perderaõ maiS duaS, juntamente por ja ha 8 mezeS estarem recolhidoS, fico na dilligencia de tornar a fazer outra colleção porque tenho agora agoardente, mas olhe Vmerce que as redes não podem servir para estas terras pois todo o fundo he pedra que corta como naValha: o ferro de arrastar hiane ficando nomar, e la eSteve 15 ou 16 diaS se o poder tirar, com que esta guardado por não servir donde algumas arvoreS do mar, ou conxas que se poderem recolhe será com mergulhadoreS, capacitesse de que cá iSto hemui diferente do que Vmercê pensa: os peixeS são muitos porem só em anzol he que se apanha, veja se me manda hua colleção delles como tambem de AlfineteS pois ja se acabaraõ os que truse.

Vmercê viva sarta que nenhum fará tanto como eu, Vmercê diS que me não desculpe com os pretos tomara que S. Excelência se mandaSse informar da minha Verdade são tam vadios Senhor Julio que anteS querem furtar, ou morrer de fome do que trabalhar, ainda ontem se esteve aqui a falar nisto sobre a dificuldade de eu fazer a Expedição nesta Ilha de S. Tiago, e na do Maio por serem todas Levantadas e absolutaS: tomara que Vmercê por Ca deSse hua chegada e então veria se he omisão minha em hua palavra Senhor Julio em mim só eStá a diligencia, e na minha fortuna a felicidade de encontrar preciozidade dignas do deposito para onde são // [fl 3v] são deslinadas.

Minha molher, e Criada de Vmercê me diS viver summamente obrigada a generozidade de Vmercê eu não sei com que heide recompensar tam grande eSmolla: vejo a Vmercê me diS sobre a sua mezada, eu fiado no que Vmercê me diSse de que Cá acharia tudo prompto athe o meS no meu ordenado fiS tenção de lhe remeter de cá o que podeSse, porem como tudo sahio aS avesaS, e eu igualmente eStou padecendo á meSma falta julgo não tenho cuLpa diSso: ahi mando hua procuração a hum amigo meu para receber de Vmercê o de quem Vmercê determinar o dito meu ordenado que julgo ja tenho athe aqui vensido 13 mezes, se Vmercê me quizer fazer a eSmolla de fallar, e pedir a Sua Excelência para que memande satíSfazer o dito ordenado vencido athe aqui ahi neSsa cidade, e o que for vensendo daqui endiante ametade ahi meSmo, e a outra metade Cá para me remediar fico sertemente cada veS mais obrigado ou se lhe parecer milhor cobrar-me Vmercê tudo e entregar a minha molher, rezervando porem meio ordenado para cá se me dar; tenha Senhor Julio comiserção de deStes doiS pobreS, e infelizeS pelo amor de Deus não dezampare nem deixe padecer aquella pobre Senhora cujos trabalhos eu só he que sou o culpado porque a enganei, mas não por // // [fl.4] por minha vontade e culpa; veja Senhor que a virtude maior que faS brilhar o espirito dos homens de bem, he ade socorrer os affictos: eu mando pedir a Sua Excelência Licença para dar hua chegada a eSsa cidade para o anno, para tornar a voltar na 1ª occaziaõ, Vmercê por quem he enterseda tambem niSso

§63

ao meSmo Senhor pois o meu fim he ver se me reStabeleso hum pouco da minha perdida saude, pois ja eStive comfesado pellas 8 horas da noite e sem poder falar.

Entre aS plantaS que julgo serem novas dezejei offerecer hua dellas ao Senhor D. João de LafonS, e outra a Sua Excelência e outra a Doutor Franzine, peSso a Vmercê me faSsa o favor de da minha parte aS offerecer aos ditos Senhores pedindo-lhes me desculpa o meu attrevimento espero que me faSsa eSta grasa por quem he. Tambem vai acabada a discripsão do *Abrus* que oS AutoreS ainda não poderão Concluir: e Vai finalmente descrita hua nova eSpecie de *Celsia* corioza; a planta que offereso a Vmercê he formosa quanto pode ser na sua fructificaçã digo florificaçã, e dezejarei que todaS aS sementeS peguem, eufiS com que foSsem todas bem maduras.

A Remessa conta de 18 volumeS, doze são do Gabinete que levoã a Marca =R= exceto a catimplora e 5 são meos que levãõ a marca =RM= para Vmercê me fazer a mercê de entregar aminha molher, ou a quem ella mandar; eu tive o attrevimento de mandar incluzamente com a Remessa de Sua Magestade // [fl 4v.] Magestade porem foi fiado na liberdade que Vmercê me deu para iSso se fiS mal Vmercê me avizarã para por emenda para outra veS; eu dou diSso parte a Sua Excelência são 2 barriS, e 3 caixoens tudo com a dita marca.

Pareceme que tenho sido bem extenso perdoeme o infado, e eu fico as determinasoens de Vmercê sobretudo peSso-lhe menão dezampare.

Deos Guarde a Vmercê por muitos annos

De Vmercê
o mais obediente criado
João da Silva Feijó
1784

Vila da Praia 29 de Fevereiro de 1784

MUHNAC | FRM JBA
CN/F-7

Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi relatando-lhe as várias doenças que o tinham acometido desde que estava nas ilhas de Cabo Verde e solicitando-lhe que o deixasse ir restabelecer-se para Lisboa.

Santiago, 28 de março de 1784

Senhor Jullio Matiazzi

Esta não serVe de mais que de lhe noticiar que fico ja ha perto de hum mez de cama bastantemente doente da doensa da terra, que me sobreveio tam forte que fui obrigado a confesar-me, a 15 dias que se me declarã sezoens fortissimas de 48 horas de duração não me deixando de entervallo mais que Seis horas: tal he a minha fortuna. Eu estava agora a partir para S. Nicolau, porem ellas me não deixãõ por me darem todos os dias; aSsim Sem medico Sem Serurgiãõ capas, sem tratamento em hua terra onde buscãõ a minha Ruina ex aqui o estado deste infelix degreasado, se ellas me continuarem desta Sorte sem duvida morro aSsim como aos mais tem Soccedido, ja me Sangrarãõ no pe e braso, e pozerãõ me de sorte que não posso fazer forsa com os ditos membros, taes são os Sangradores destas terras.

Se athe o fim do mes que vem elles me não deixãõ e eu viver lá me tem, pois bem me lembro o que vmerce me diSse que se acaso eu adoSese, que me apresentaSe ao Bispo que logo elle me mandaria, o Bispo he morto, hua sertidãõ do Serurgiãõ e do Governo julgo terá o mesmo valor, do Portador desta e do Cappitam da Embarcaçãõ se podera Vmerce informar do estado em que fico, pois proStado nesta Cama a tanto tempo, não tenho // [fl. Iv] já não tenho Sustância em mim, e o que mais me mata he o grande fastio que me devora, pois Seguro a Vmerce que ha 4 dias para Cá que não tenho comido coiza alguma absolutamente tal he o estado da minha vida.

ASsim Senhor Julio Vmerce foi o que para Câ me mandou eu pera cumprir com o Seu gosto e de Sua Excelência obedeci, agora pesso lhe pello amor de Deus pella saude de Vmerce e da Senhora Sua Companheira me queira valer para com Sua Excelência enterSedendo por mim representando do lhe o mizero estado deste pobre homem para que me conseda Licença de hir curar me, e restabelecerme a minha perdida Saude, Segurando Vmerce o mesmo Senhor que Logo que eu me achar restituído tornarei a voltar a acabar minha obrigação, peSso Senhor Julio pella Nossa Senhora das DenominaSoens, que gloria Senhor não consebe hum homem que pode, e socorre a hum affito que proStado a Seos pez lhe supplica a sua clemensia?

João da Silva Feijó

10
CN/F-7



Esta não serve demais que de lhe noticiar que
fico ja ha perto de hum mez de cama bastante m. doente
da doensa da terra, que me sobreveio tam forte que
fui obrigd. a confesar-me, a 15 dias q se me declarãõ se-
zoens fortissimas de 48 horas de duração não me deixan-
do de entervallo mais que seis horas: tal he a minha fortuna. Eu es-
tava agora a partir p. S. Nicolau, p. m. Mas me não
deixãõ p. medarem todos os dias; assim sem medico
sem Serugiãõ capas, sem tratam. em hua terra onde buscãõ
ant. ruina ex aqui o estado deste infelix degreasado;
se Mas me continuarem desta sorte sem duvida morro
assim como aos mais tem soccedido, ja me sangrarãõ no pe
e braso, e pozerãõ me de sorte q não posso fazer forsa com
os ditos membros, taes são os sangradores destas terras.
Se athe officio domo q sem Mas me não dei-
xãõ em viver a mata, pois bem me lemb. q and. medite
q se acaso eu adoSese, q se representara ao Bispo q logo elle
me mandaria. O Bispo he morto, hua sertidãõ do Serugiãõ
e do Governo julgo terá o mesmo valor, do Portador desta
e do Capp. da Embarcaçãõ se podera Vm. informar do
estado em q fico, pois proStado nesta cama a tanto tempo, não ten-

ja não posso mais escrever.

Dezejo que Vmerce e tudo que lhe dis respeito tenha hua perfeita saude com todas as felicidades que apeterem. Deus Guarde e felicite os annos de Vmerce.

S. Tiago 28 de Marso de 1784

De Vmerce
o mais obrigado e obediente Criado
João da Silva Feijó

// [fl.2]

Pelo Cappitam deste Bargantim Remeto hum casal de huma especie de Falcoens a que chamão Asoutadores, dignos de estimação pelo seu modo de casar: Deus queira que eu tenha o gosto de que cheguem vivos a prezensa de Sua Excelência.

PeSso-lhe pelo amor de Deus Senhor Julio não se esquesa de mim, pois não me querem pagar, e dizem que Sua Excelência não Governa na Fazenda Real, que he Marques de Angeja.

Tenha compaixão deste infelis; aSim Deus nosso Senhor prospere os Seos Dias.

Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi solicitando-lhe clemência para António Rodrigues, antigo secretário do Bispo Frei São Simão, que vai preso para Lisboa. Informa-o, igualmente, do seu precário estado de saúde, que o tem impedido de realizar eficazmente as suas tarefas científicas.

São Nicolau, 19 de abril de 1784

Senhor Julio MalhiaSi

Esta serve de aCompanhar, ao Senhor Antonio Rodrigues Secretario, que foi do Excelentissimo, e Reverendissimo Senhor Bispo, destas Ilhas, que Deus o tenha em Gloria, o qual Senhor tendo-se visto oprimido, e injustamente preceguido, pelos dispoticos destas Ilhas, depois do falecimento do dito Prelado, e pro fim indo para eSsa Corte doentissimo, e inocentemente prezo Com hum pobre Religioso Confessor do mesmo Prelado; pelo que me pede, como quem sabe a Sua inocencia, o haja de valer para vante o Illustrissimo e Excelentissimo Senhor Martinho de Mello: mostrei-lhe o meu nada de valimento para Com o dito Senhor tornou-me a Rogar, que me valesse de Vmercê de quem neceSsariamente havia de Receber hum grande patrocínio, querendo Vmercê attender a sua justa inocencia nestes termos supplico a Vmercê pela sua bondade o queira patrocinar para vante o dito Excelentissimo Senhor pois como sujeito benemerito cheio de honra se vai peSsoalmente postrar aos pez de Vmercê como daquella pessoa, que o pode valer.

Não he outra Razão, que me obriga a emportunar a Vmerce que aquella Liberdade, que Vmercê muitas vezes me tem dado nos Repetidos offercimentos, que Vmercê me tem feito de seu pres // [fl.1v] préstimo.

Eu me acho nesta Ilha de S. Niculao há outo dias, e quando esperava nella ter milhoras das minhas Rigurozas Cezões, tenho já cortido trez, taes, quaes o mesmo portador poderá informar a Vmercê; pois fico de Cama, e inda daqui sem poder fazer a barba, em hua palavra tão deblitadissimo, que duvido subreviva a espedição, de que fui incumbido, e bem me lembra, que Vmercê me disse da parte de Sua Excelência, que se estiveSse muito mal, que não podesse Continuar a espedição, que RequereSse ao Excelentissimo Prelado, para este mandarme Recolher; este he sem duvida o cazo de maior inabilidade minha, pois se Vmercê Refletir na quantidade dos que cá ficão da Europa sepultados teria sem duvida mais Compaixão da minha infelicidade conhecendo bem o meu debil temperamento, e Constituição: emfim até que Vmercê ore por mim cá irei cortindo as minhas febres se athe lá permittir Deus que Eu exista. O estado, em que me acho não me permittio fazer esta com a minha propria mão, pelo que a prodencia de Vmercê me ha-de tolerar estas faltas.

Dezejarei que Vmercê tenha // [fl.2] tenha felicidades, e perfeita saude Comtudo, o que lhe diz Respeito para me determinar as suas Ordens, e na execução dellas Vmercê conhecerá a minha grande obediencia. Deus guarde a Vmercê por muitos annos.

Ilha de S. Niculao
19 de Abril de 1784

De Vmercê
O mais humilde, e obediente Criado

João da Silva Feijó
1784

Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi implorando-lhe autorização para se ir curar das suas enfermidades durante 6 meses para Lisboa. Comunica-lhe que apesar de estar debilitado envia caixotes contendo variados produtos recolhidos na ilha de São Nicolau.

São Nicolau, 30 de maio de 1784

Senhor Julio Mattiazi

S. Nicolao 30 de Maio de 1784

Pella Semana Santa parti da Ilha de S. Tiago para esta de S. Nicolao em hum dia em que a febre apertava comigo de sorte que fui a embarcar levado em os brastos dos 2 Administradores Geraes meus amigos; finalmente cheguei aqui aSsim mesmo com a forsa das Sezoens principiei a averiguação da Ilha, e como parte huma embarcação para a dita Ilha de S. Tiago, e tam sedo não terei outra occazião tratei de apromptar esses 8 caixoens 3 de pedras taes e quaes por cá acho, hum de terras; 3 de Peixes preparados como me foi poSsivel, sei que alguns não vão tam perfeitos como devião hir, porem merese desculpa quem nunca tratou diSso; fico cuidando em mais e farei muito por saião melhores; finalmente outro de alguas coizas marias que pude encontrar (pois o mar pella sua bravura não deixa chegar às costas da Ilha, nem estas Ilhas permitem recolher coiza algua do fundo do már por serem muito dezabridos), hum instrumento do pais, alguas plantas, alguas sementes e não // [fl.1v] e não vão mais por que não há, pois nem palha secca para os animaes se encontrão neste tempo por estas terras; tudo he arido tirado o tempo das agoas, as quais acabadas acabarão Suas plantas.

Eu, com todo este trabalho que tenho, Sobre a minha enfermidade acompanhada de hua terrivel obstração que me mata com soffocasoens, não procuro senão mostrar o grande dezejo que tenho de Servir a minha Soberana que Deus Guarde, e de obedeser as determinasoens do Excelentíssimo Senhor Martinho de Mello: não posso fazer mais se podese nenhum outro Sabe ser obediente aos seos Superiores que em esta he a gloria que me acompanha no centro da minha pouca fortuna.

Finalmente ja não posso mais, só lhe peSso que pelo amor de Deus Se lembre de mim entersedendo a Sua Excelência para que me dê Licença de me hir curar a Lisboa ao menos por 6 mezes, pois pode Sua Excelência mandar enformar se fôr verdade eu padecer // [fl.2] as infermidades que alego me confira a mercê que peSso se for mentira me castigue como lhe agradar: ah Senhor Julio Lembre-se por piedade deste degredado infelis.

Dezejo que Vmercê desfrute hua felis Saude Comtudo que lhe dis Respeito e que me determine as suas ordens para na execução delas conheser a minha grande obediência.

Eu tenho hum poucos de pelles de que me fizerão mercê, dezejava transportallas para Lisboa porem não tenho por quem por que as embarcassoens do contrato não querem levar encomenda algua dizendo não tem Licença de João Roque Se Vmerce me fizeSse a mercê de ma alcansar delle me fazia grande favor, como tambem de eu poder mandar algum barrilinho de carne etc. isto não sendo incomodo a Vmercê eu lhe ficarei o mais obrigado.

Deus Guarde a Vmercê por muitos annos.

Vai mais hua catimplora

Com vinte, ou 30, e tantos Peixes

em agoardente e hua casta de Madre

pora vermelha, cuja cor perde logo que secca

Deste Seu Criado muito obrigado

João da Silva Feijó

Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi apresentando as suas desculpas sobre a sua má prestação na expedição da ilha de São Nicolau. Informa que se encontra na ilha de Santo Antão e fizera expedições à ilha de Santa Luzia, ilhéus, ilha da Boavista e ilha do Sal das quais remete algumas listas. Menciona, igualmente, o envio de uma Relação da ilha Brava.

Santo Antão, 10 de Maio de 1785

Illustríssimo e Excelentissimo Senhor

Nº75=

Com o mais profundo Respeito e humildade tenho Recebido a Sabia reprehensão de Vossa Excelência, ficando em im demais o graviSsimo Sentimento de não ser ouvido de Vossa Excelência em Abono de meu credito: mas devo sempre aSsegurar a Vossa Excelência que a minha humildade para Com todos, e a fortiSsima oppozição, nascida de hum espirito fiel, que tenho á tudo que se faz contra todo o direito em prejuizo destes pobres, e habatidos inSulanos, e do deCoro de Sua Magestade, he o que fás attrahir Sobre min o odio dos principaes destas Ilhas, como se poderia Vossa Excelência informar pello depoimento da plebe dellas.

Ja avizei a Vossa Excelência que a minha doensa que padeSso, e o não querer perder tempo, foi o que occasionou o mau exzito da Expedição de S. Nicolão, e se ha coiza que mais me faSsa hoje envergonhar, he aquelle trabalho por não ter sido do agrado de Vossa Excelência pois aSseguro a Vossa Excelência que fis mais do que permitião as minhas forsas: eu desejava para restaurar o meu perdido credito tornar a fazer a dita Expedição daquella Ilha, mas Como me dizem Ser neceSsario novas ordens do Governo para as providencias, e estas eu as não poSso agora aLcansar por faLta de recurso, rezão por que me rezoLvi a vir para esta Ilha de S. Antam, onde me acho ha mez, fazendo entretanto a sua Expedição, finda a qual partirei dando-se-me as previdencias para a de S. Nicolau outra vez, em que espero fazer a Vossa Excelência mais contente.

Tenho // [fl.1v] Tenho feito a Expedição de Santa Luzia, e seos Ilheos e da Ilha de Boa vista, e SaL, cujas Listas huas remeto agora a Vossa Excelência e outras fição para hir na primeira occazião: não Sei se agora hirão as remeSas, por que estas forão entregues por mim aos Respectivos Administradores, para as fazerem remeter a Capital, e esta para essa Secretaria.

Segundo as ordens de Vossa Excelência remeto incluzamente hua rellação mais clara da ilha Brava com dois Mápas, para a sua clareza, hum dos seos habitantes, e outro de Suas producçoens, tudo desposto en methodo Epistular como o tempo o permite, e fico dispondo a da Ilha do Fogo BoaVista etc. para as fazer remeter na primeira occazião: espero da minha fortuna por unico premio, a boa aseitação de Vossa Excelência.

Por hua Corveta que de S. Nicolau partio para a Madeira em o mez de setembro proximo paSsado, fis participar a Vossa Excelência o que havia Succedido naquella Ilha no tirar das Listas das producçoens, Sobre o que fico esperando, para a minha Conducta as determinasoens de Vossa Excelência.

O meu principal dezejo, Excelentíssimo Senhor, e Cuidado, he cumprir con as minhas obrigassoens para agradar a Vossa Excelência sem outra vista mais do que eu ter a fortuna de me concervar debaixo do patrocinio de Vossa Excelência.

Deus Guarde a Vossa Excelência por muitos annos

// [fl.2]

Sou Com o mais profundo Respeito e humildade

Illustríssimo e Excelentissimo Senhor

Santo Antam 10 de Maio de 1785

De Vossa Excelência
o mais obediente Subdito, e Criado

João da Silva Feijó

Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi participando-lhe o envio de caixotes com produtos recolhidos na ilha de Santo Antão e na ilha de São Vicente. Participa-lhe que seguem para Lisboa uma Relação sobre o enxofre da ilha do Fogo e outra sobre o salitre da ilha Brava. Noticia a erupção do vulcão da ilha do Fogo manifestando o seu interesse em visitar esta ilha.

Santiago, 21 de agosto 1785

Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi notificando o envio de caixotes referentes às recolhas efetuadas em Santo Antão, as quais não são de melhor qualidade dada a inacessibilidade de alguns locais da ilha aliado ao facto de ter sido interrompido nas suas tarefas por uma chamada do Governador para se dirigir para a ilha de Santiago.

Santiago, 22 de agosto 1785

Nº76=

Ilustrissimo e Excelentíssimo Senhor

S. Tiago 21 de Agosto de 1785

Pello presente Bargantim Santo Antonio, e S. Furtuozo, de que he mestre Joaquim Adrião Rezende, remeto a Vossa Excelência para o Real Gabinete, 24 caixoes d'amostras dos productos da Ilha de S. Antam, que o breve tempo que me foi concedido e a conjunção delle me pirmitio recolher, ficando ainda (não com pouco pezar meo) boa parte da mesma Ilha por observar, por partir Logo para a Capital às ordens do Governador, que por hum avizo Seu a mim dirigido, com a data dos principios de Maio, me chamava para determinasoens do Real ServiSso onde me acho des 10 do Corrente, tempo o mais fico pellas Carneiradas do payz: Remeto mais 3 caixoes, que dizem Respeito a Expedição da Ilha de S. Vicente, Cojus Itinerareos Remeterei a Vossa Excelência e agora Só vão acompanhadas das Listas, que incluzamente Remeti a Vossa Excelência.

Tenho posto todo o cuidado em que tudo seja do gosto de Vossa Excelência porem a fortuna que me acompanha he mui pouca para que os meos trabalhos recebam alguma aSeitação no agrado de Vossa Excelência.

Vão tambem as Rellaçoens Sobre a Ilha do Fogo que Vossa Excelência me ordena remeta mais circunstanciadas principalmente Sobre o Enxofre, e ja as do Salitre da Brava fis remeter no primeiro Itinerario dirigido a Vossa Excelência em o mes de Maio do presente anno.

Devo partiSsipar a Vossa Excelência que em o mez de Janeiro do presente anno houve em o Pico da Ilha do Fogo nova erupção vulcanica que durou dias em que houve grande insendio, e corrente abundante de Enxofre, puriSsimo, segundo dizem, o desejo que me acompanha de novamente vizitar aquelle VoLcano he Summo, porem sem duvida ficarei com elle, por se me não permitir facuLdade.

Eu, Ilustrissimo e Excelentíssimo Senhor, estou mui prompto, porem os Ad // [fl. lv] ministradores Geraes da Sociedade, dizem não estarem para fazer novas despesas nesta Expedição, porque o Ministro lhes não quer passar abonos das despesas que athe aqui elles tem feito no mesmo ServiSso, dizendo o dito Ministro que Vossa Excelência não governa o Erario, e por concequencia não pode mandar dispender da Fazenda Real sem Decreto pozitivo, e que em hua palavra só com avizo do Erario Regio he que fará esses abonos pois que athe aqui não tem recebido Ordens algumas sobre estas taes despesas.

E isto mesmo pensa sobre os meos Ordenados; que havendo-os eu pedido aos mesmos Administradores Geraes, mostrando-lhes o paragrafo da Letra que Vossa Excelência me fes a honra de dirigir, sobre elles e o mais que me fosse necessario para o Cumprimento dos meos deveres no que estou encumbido, responderão me que Sobre estas despesas não tinham ordem aLgua de Lisboa e se athe aqui haviam dispendido era em vertude de hua Portaria do passado Governo, e como esta já não era vallida, necessitava de outra nova, o que eu julgo que o mesmo Governador, pella Summa predencia de que he dotado não deixa de atender: e indo O primeiro Administrador Com a mesma carta de Vossa Excelência a apresentar ao dito Ministro para a satisfação dos meos ordenados vencidos, respondeo que quem me havia mandado para cá que me pagaSse, e que nada fazia sobre estas despesas; como ja havia dito, sem ordem expresa do Erario, tudo isto Senhor por hua conhecida paixão de aversão que sem rezão tem concebido contra mim; donde tem vindo a dizer por vezes que me ha de arruinar o pezo da protecção de Sua Excelência mas consolame que para bem meo tenho aqui em o Governador hum Superior cheio de Sabedoria, de prudencia, e justíSsa, e em Vossa Excelência hum Pay.

Ex aqui // [fl.2] Exaqui, Excelentíssimo Senhor, o estado presente destas coizas, a que Vossa Excelência providenciará como for do agrado de Vossa Excelência: Esta he a ultima Ilha que me falta para observar e espero que se Deus me der vida e Saude esteja concluida athe Janeiro proximo que vem e depois só me resta as novas ordens de Vossa Excelência para a minha Conducta, conhecendo sempre Vossa Excelência a minha Summa obediencia, e o intimo dezejo que tenho de agradar a Vossa Excelência.

Deus Guarde e prospere os filices dias de Vossa Excelência pellos annos que dezejar, pára amparo de quem he com todo o profundo Respeito.

De Vossa Excelência Ilustrissimo e Excelentissimo
Senhor Martinho de Mello e Castro
O subdito mais humilde Criado

João da Silva Feijó

Senhor Julio Matiazi,¹

Vila da Praia, 29 de Agosto de [ilegível]

Nesta occazião Remeto a Sua Excelência [23] caixoes que dizem respeito a Expedição de Santo Antam [ilegível] de tal qual eu pude fazer em o eSpaSso de dias atendendo ao innaceSsível da Ilha, e a forSa do [ilegível] poes estando no meio della fui chamado pelo Governador novo, para a Capital para onde parti a obediência do dito Senhor a 26 do paSsado vindo a Surgir [ilegível] da Villa da Praia aos 10 do Corrente e aqui me acho prompto para proceguir com o meo trabalho [ilegível] ver se agrado a Sua Excelência e a Vmercê.

Entre eSsa RemeSsa vae [apensso] Coizas dignaS de eStimação: desejarei que Sejam aSeitas de Sua Excelência e de Vmercê para felicidade mia e fico com Summo Cuidado em observar os [preceitos] deSte Senhor Governador, principalmente [ilegível] produccoens desta Capital para que elle seja [ilegível] [e for] com Sua Excelência e Vmercê.

A Ilha do Fogo [ilegível +/- seis linhas] // [fl. 2] [ilegível] despezas que se fazem neSta Expedição] quer consertar que e despenda alguma custa da Real Fazenda para eSta Expedição porque diS que elle teve ordens alguma do Real Erário para isso e que o Senhor Martinho de Mello não pode mandar dispender coiza aLgua da fazenda Real sem [ilegível] positivo e pedindo eu os meos ordenados Vencidos aos Administradores Geraes responderão que não tinham ordem alguma de Lixboa para despesa alguma da Expedição quanto mais para me pagarem [e mostrando] digo o que se se athe aqui [ilegível]as despesas que fizeram foi porque tinham hua Portaria do Governador Interino e como esta não era já vallida necessitava de outra nova [ilegível] mais o Ministro não lhe queria paSsar Letras Sobre o Erário das ditas despesas mostrandolhes eu hum paragrafo da Letra do Illustrissimo e Excelentissimo Senhor Martinho de Mello em que dezia que elles tinham ordens para a contribuição das [ilegível] para esta Expedição e para a Satisfação dos meos ordenados [ilegível] igualmente que não tinham e hindo falar ao dito Ministro [Administradores] [ilegível] e mostrando lhe o paragrafo [ilegível] como mandou que me [ilegível] ...

¹ Documento em muito mau estado.

Cópia da carta de Júlio Mattiazi para o Naturalista régio João da Silva Feijó manifestando o seu desagrado e o do Ministro Martinho de Melo e Castro relativamente aos envios científicos efetuados por João da Silva Feijó desde as ilhas de Cabo Verde. Menciona que os produtos remetidos são volumosos mas inúteis ou de má qualidade, acrescido ao facto de não terem sido devidamente acondicionados pelo que chegaram a Lisboa podres.

25 de novembro de 1785

copia Carta escrita 25.novembro 1785

Senhor João da Silva Feijo

Vossa Merce tenha paciencia de todos os insultos e liberdades com que o tenho offendido como mostra a carta, que Vmercê escreveu ao Senhor Doutor Franzini com a data de 29 de Fevereiro de 1784 expedida de Villa Nova da Praia.

O Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor Martinho de Mello e Castro e a pede daqui hum Riscador que sirva para riscar os productos naturaes de todas essas Ilhas, que novamente quer, que sejam examinadas hua por hua por se não acha satisfeito dos exames que Vmercê até aqui tem feito.

Sua Excelência manda ordem ao Governador, que ponha tudo prôpto para dar principio novamente ao exame dos productos da Ilha do Fogo, que hé a mais interessante pela produção do enxofre. // [fl.1v] Sua Excelência ordena,

que Vmercê faça hum calculo da despeza que fará o recolher o dito enxofre e dos transportes do Seu nascimento até ao porto Capas de se poder embarcar (Coiza que Vmercê tinha obrigação de já ter feito e não esperar que o administrador da Companhia mandase huã amostra offerendo a Sua Excelência Navios dele;) e Vmercê acharse há dormindo, Sua Excelência não hé só satisfeito do Calculo da despeza de o recolher, e transportar; mas quer huma planta da dita Ilha com o seu prospecto, notando e descrevendo todos os lugares onde se acha tal producto aSim como todas as amostras do enxofre, advertindo que Vmercê hade descrever novamente, e remeter todas as pedras, e Lavas, desde a baze da Ilha até a Sumidade do tamanho da medida que agora remeto, para que não nasça a desordem que Vmercê tem feito na ultima remessa remetendo pedasos de penedos inuteis sendo // [fl.2] sendo quazi todos da mesma qualidade Vmercê crê de enganha Sua Excelência com huma monstrozidade de volumes que parese tenha mandado mar e mundo e no fim fica Vmercê enganado avendo de dar contas de todas as despezas superfluas que tem feito.

VMercê até agora de conchas tem remetido muito poucas, e a maior parte não servem nem para ornar huma cascata, tendo essas Ilhas huma imensidade nos penedos, que estão expostos ao mar como mostra aquelle, que Vmercê mandou, a unica coiza particular, que Vmercê mandou, foi as duas espeses de Echinos que Vmercê barbaramente salgou e em consequencia se apudreserão como tãoobem os Caraguejos, de forma, que he percizo Vmercê os torne a mandar, no Seguinte modo; Vmercê mandará fazer caixinhas do tamanho do Echino com boracos em todas as partes para poder entrar a agoa ardente, porque as ditas caixinhas virão metidas em barris com agoa ardente. // [fl.2v] Nunca mais Vmercê se lhe meta na Cabesa de remeter caixas amolduradas cheia de embrechados, que parese com A Estatua do Nabuco, que não serve senão de fazer huma grande despeza e perder o seu tempo.

No que respeita aos peixes Sua Excelência ordena que Vmercê remeta novamente todos os que tem mandado, e os mais que achar, porque os que remeteo Salgados vierão todos podres, Vmercê diz muito bem que eu não sou homem capas de lhe dar documentos eu conheso muito bem a minha incapacidade; porem dezejo, que Vmercê me diga de quem aprendeo a preparar os peixes deste modo, não sabe Vmercê que o Sal consome e conroppe as pelles; emfim Sua Excelência ordenou a João Roque que dese ordem aos Seus Administradores que não faltasem a Vmercê Com barris, ou pipas de agoa ardente, e a dita agoa ardente se não for forte Vmercê a fará novamente destilar que nisto consiste a conservação dos // [fl.3] ditos productos.

Eu remeto a Vmercê o papel incluzo Com o desenho do modo Com que Vmercê hade remeter os peixes em agoa ardente, marcado o dito desenho com as letras A. B. C. D. e E. \\ Letra A he inteiro; B marca a abertura natural da parte inferior; C marca o fio de arame para intruduzir a letra B para extrair todo o interior sem offender as pelles dos peixes, depois de extraido todo o interior, hé percizo Lavallo muito bem Com agoa, para extrair todo o Sangue, depois de tudo isto hé necessário enfechalos em tiras de pano de linho, ou algodão, como mostra a Figura D. a Figura E mostra os pontos com que se devem segurar as ditas fachtas sem offender a pelle, aSim preparados os meterá Vmercê em barris, ou pipas Com agoa ardente, e deste modo o movimento do mar não quebrará as barbatanas, isto se entende dos peixes que podem Caber nos barris, ou pipas os pei // [fl.3v] Peixes grandes Só percizão de lhe tirar as pelles, senão seria percizo hum tunel de agoa ardente para os meter. as ditas peles virão embrulhadas em pannos, em modo que não se lhe arruinem as Suas barbatanas, e depois metidas tãoobem em agoa ardente nos ditos barris, ou pipas, o que recomendo a vmercê hé: que não faça tirar os olhos

Cópia
Carta escrita

25. 960

1785

Mr. João da Silva Feijó

CN/F-13



V. M. tenha paciencia de todos os insultos e liberdades com que o tenho offendido como mostra a carta, que V. M. escreveu ao Sr. D. Franzini com a data de 29 de Fevereiro de 1784 expedida de Villa Nova da Praia.

O Sr. D. Martinho de Mello e Castro e a pede daqui hum Riscador que sirva para riscar os productos naturaes de todas essas Ilhas, que novamente quer, que sejam examinadas hua por hua por se não acha satisfeito dos exames que V. M. até aqui tem feito.

Sua Ex. manda ordem ao Governador, q. ponha tudo prôpto para dar principio novamente ao exame dos productos da Ilha do Fogo, q. hé a mais interessante pela produção do enxofre.

a nenhum peixe, nem aos grandes, nem aos pequenos, advirtolhe que os grandes dos quaes hade vir só as pelles, que a cabeça venha inteira Com todos os seus osos e olhos, e as pelles que venhão bem conservadas, sem rotura alguma mais do que aquella por onde se lhe extrair a carne Sua Excelência quer que Vmercê esteja hum anno em cada Ilha porque aSim terá tempo de examinar todos os productos exactamente. O outono, inverno, e a primavera Será para se empregar em recolher as plantas e as sementes, das ditas estaçoens do anno e lhe Sirva de ex // [fl.4] exemplo hum Botanico que está nas Ilhas dos Assores a mais de oito annos, que se acha nas ditas Ilhas á despeza d'El Rei de Inglaterra somente para recolher Sementes, a fazer ervario de todas as plantas das ditas Ilhas, até agora Vmercê não remeteo no Seu ervario senão de escaletos de plantas mais que hum até dois e a maior parte sem flores e nem fructo Capas de se examinar, alem disso huns escaletos muito mal feitos e incapas de se poderem desenhar e neste modo Vmercê não achará desculpa da Seca da estação, e poderá commodamente fazer huma flora de todas as plantas dessas Ilhas mandando riscar as fortificações das plantas que a Vmercê lhe parecer novas, no tempo da seca Vmercê poderá empregar-se nas observaçoins das Serras, na pesca, e em muitas outras coizas que há que fazer tendo Vmercê vontade de trabalhar, lembre-se dos musgos e Liquem que os háde aver com abundancia nessas Ilhas. // [fl.4v] Ilhas.

Vmercê diz, que nessas Ilhas há hua quantidade de goma Arabica e que seria de utilidade a este Reino, que a planta de mimoza nilotica he tão abundante Vmercê fará recolher huma boa porção e faça o seu calculo da despeza que fará em recolhela e transportar até ao porto onde commodamente se pode embarcar, e o dito calculo o remeterá a Sua Excelência . remeto a Vmercê diversas caixas de folha de flandre para lhe servir de remeter os pasaros, e outros productos, que sejam sugeitos á traça recomendolhe se acha Como diz: qualquer pedaso grande particulamente do boraco do quinzo, ou de outro qualquer Vulcano extincto de Lava, ou fundição vulcanica remetelohá que neste genero será bem empregado todo o trabalho, e não nos penedos que Vmercê mandou nesta ultima remesa, perdoe tanta impertinencia e se em mim considerar algum prestimo nesta terra, occupeme que me ade achar sempre prompto Como¹

Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi informando-o que reexaminara o salitre da ilha Brava e que em seguida se deslocara para a ilha do Fogo a fim de recolher as produções vulcânicas originadas pela erupção do ano anterior. Comunica-lhe o envio de peixes, pássaros, borboletas, plantas e sementes bem como informa sobre a forma como pretende prosseguir a sua expedição científica nas ilhas de Cabo Verde.

Fogo, 1 de Agosto de 1786

Senhor Julio Matiazzi

Tenho recebido duas de Vmercê e por ellas fico Siente nas ordens que da parte de Sua Excelência me intima, e no cumprimento dellas conhecera Vmercê ao mesmo Senhor a minha prompta obediencia: em comprimento a ellas eu parti Logo para a Ilha Brava e depois de haver aLi novamente examinado o imaginario Salitre daquella Ilha, e me fis transportar para a do Fogo onde me acho: tenho vizitado o novo vulcano, e recolhido todas as producoes que aLi ha as quais remeto a Sua Excelência junto com as Suas respectivas rellasoens acompanhadas de hum discurso Sobre a mesma irrupção voLcanica, a que eu chamo Memoria; fis com que tudo foSse fundado na pura verdade e nada mais, como Vmercê mais claramente conhecerá pella Lectura da mesma Memoria.

Recebo com toda a Submissão a reprehensão que vmercê me dá Sobre o chegarem os peixes arroidos, pelo methodo com que os preparei se vmercê Soubesse que os fis em S. Antao onde não havia agoardente Sem duvida me disculparia: cuido Senhor que acertava, errei, peSso a Vmercê se digne por quem he hoje de disculpar-me perante Sua Excelência pois seguro-lhe que não me Sucedera outra.

Agora Remeto hua Barrica delles em agoardente e aLguns paSsaros o que me tem sido poSsivel recolher athe agora: tenho procurado de tudo fazer Com a maior economia porem não me foi possivel deixar de dispender 9 frasqueiras de agoardente naquella preparação em que fis 3 mudas que // [fl.1v] julguei serem indispensaveis, e fico com sumo receio se este será ou não do agrado do dito Senhor, pois eu não Sei Senhor Julio Como de outro modo heide fazer: Remeto hua Caixa de lata Com 3 taboleiros de borboletas, e peSso a Vmercê se mandar mais aLgua, seja daquelle tamanho, e que não tenha mais que 3 taboleiros por Cauza das condusoens e boa aCondição dos mesmos insectos: Remeto todas as Lavas

novas, e antigas, e as da boca do Guinxo etc.^a. Remeto aLguas plantas que colhi nas agoas passadas em S. Thiago com aLguas Sementes como Consta de suas rellasoens.

Eu fico no cuidado do herbario novo por Ser esta a propria estação, e farei por apromptar hua boa Collecção de borboletas, e logo que daqui acabe faSso tenção Com a licensa do Governador de paSsarne a S. Nicolao e Santo Antam para Recolher os Lagartos, e passaros: e no cumprimento de tudo Vmercê Conhecera a minha promptidão e honra, ainda que sei que a minha fortuna he muito contra mim.

Vejo o que me dis a Respeito de Lembrar-me de minha mulher Sua Criada: qual sera o homem Senhor Julio, que seja de honra que dezeje ver sua Companheira padecer na necessidade certamente nemhum: he verdade que não tenho mandado coiza aLgua a minha mulher, e taobem he verdade que tem sido por minha pouca fortuna, pois ja aqui estou ha 4 annos e ainda não sei que coiza he receber dinheiro pelo meo ordenado, he verdade tenho dispendido ja algua coiza mas he em fazenda para me vestir e ainda esta por muito favor de hum dos Administradores da Companhia Senhor Joze Lopes Quaresma; e Como quer minha mulher que eu lhe assista? He verdade // [fl.2] que Juro por que me cazei porem taobem he verdade que Cazei por que pensei que eu teria com que a sustentar: Vmercê tem me mandado dizer que cá ha ordem para se me pagar, vou ter com os Administradores e dizem-me que não, e que não: elle hahi vai para eSsa cidade e prometeo-me que havia soccorrer a dita minha mulher de Sua parte pella Summa amizade que me mostra, e espero de Vmercê pelo amor de Deus se informe delle, e peSsa a Sua Excelência se lembre de mim, mandando que se dê a Vmercê nessa Corte a metade de meo ordenado para vmercê fazer me a esmola de hir contribuindo a minha mulher com oito mil Reis por mez e cazas, e a outra a metade ordenar o mesmo Senhor por hum avizo hajão de na Capital desta Ilha se me dê com taobem os meos ordenados vencidos; eu não falo nisso a Sua Excelência. E valho-me de Vmercê para que entersedada por minha infelicidade ao dito Senhor antepondo o seu valimento honra de que eu não sesarei de mostrar-me agradecido enquanto viver: Lembre-se Senhor Julio daquella infelis Senhora e de hum inocente filhinho que a aCompanha; olhe que he esta hua obra de humanidade que o hade Constituir por homem de piedade, e amigo dos mesmos homens.

Nesta mesma occasião vai hum [ilegível] de frasqueira com huns passaros taes, quaes Joze Maria Cardozo me entregou para fazer remeter a esse Gabinete.

Incluzo remeto hua Lista de Coizas que necessito, espero que vmercê haja de a por na prezença de Sua Excelência para que // [fl.2v] parecendo justo se me remeta na primeira occasião as pipas que penso devem vir preparadas porque cá não ha quem as prepare senão hum homem na Capital que sempre dis que anda occupado.

Em conclusão remeto os conhecimentos dos capitaes desta Gallera, e da Corveta, por onde consta a remessa que fasso a eSse Gabinete Real, e espero que Se ouver ainda em mais algum descuido Vmercê haja de mo ocultar perante Sua Excelência pois bem Sabe o quanto Sou principiante, e que ainda não pode chegar a imitar os Tournefortes, os Hallers, os Scheuchzers, os MoriSons, os Raios, os Pontedors etc.a quem nunca, como eu viajou com iguaes Professores.

Fico esperando os Seos preceitos para no complemento delles Vmerce conheser a minha Summa obediencia, e penso fiado na proctecção de Vmercê tera daqui indiante outra melhor fortuna, não por que a meresa, mas por que emploro o seu patrocinio.

Deus Guarde a Vmercê por muitos e felices annos em Companhia de toda a Sua familia.

Ilha do Fogo 1 de Agosto de 1786.

Sou De Vmercê
o fiel e obediente Criado
João da Silva Feijó
1786.

¹ O documento não está completo. Tem unicamente a seguinte anotação na margem inferior direita: "A mando de Vn.^{ro}".

Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi sobre a recolha, remessa e cálculo do enxofre e caparrosa na ilha do Fogo.

Fogo, 15 de Agosto de 1786

Senhor Julio Matiazi

Depois de haver feixado Carta de Vmercê foime neceSsario abrilla para fazer adevertir a Vmercê que se lhe parecer justo pode participar a Sua Excelência que me diSse hoje o Administrador desta Ilha que se havia colhido de enxofre de toda a qualidade 95 para 100 quintaes, e de Caparozza de toda a sorte 25 para 30 quintaes.

Incluzamente Remeto hua Lista do Calcolo que eu segundo a minha extimativa tenho formado Sobre a importancia destes ambos productos desde a Sua recolha athe ser posto a bordo da embarcação que deve conduzillos a Lisboa. Vmercê apresentará da minha parte a Sua Excelência significando-lhe o dezejo que me fica de poder aSeitar no que me ordena, e se // [fl.1v] ainda Vmercê não o achar coerente Vmerce me insinne o que devo fazer.

Deus Guarde a Vmercê por muitos anos
De Vmercê
fiel e humilde Criado
muito obrigado
João da Sylva Feijó
1786

P.S. Pesso outra vez a Vmercê se lembre de minha pobre e infeliz molher e filho seus Criados cuja mercê Eu não deixarei esqueser por a minha gratidão.

Fogo Agosto 15 de 1786

Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi informando-o da remessa de peixes, lagartos e pássaros procedentes da ilha de São Nicolau.

São Nicolau, 21 de março (?) de 1788

Senhor Julio Matiazzi

Pello Bargantim S. João Baptista de que he Mestre Jozé Falcão queaquí acaba de surgir com [ilegível] da, remeto pela Secretaria de Sua Excelência dois barris de Peixes e Lagartos, e Passaros, quepor não haver pannos para involver vão Soltos contra as determinasoens de Vmercê esta remeSsa me animo a fazella 1º por que se offerese [ilegível] em quepodem estes productos chegar em bom estado; por que Levandoos eu para S. Tiago não se offerecerá occazião [ilegível] Se remeter neste anno, ficando a risco de haver prejuizo; [ilegível] fora estas justissimas resoens não tomaria este atrevimento quesser nascido de hum zello obediente merece ser perdoado.

Vmercê tera a bondade de justificar perante o mesmo Excelentíssimo Senhor Martinho de Mello o excecivo cuidado queponho em Servir a Sua Magestade e agradar-lhe, Lembrando-se que muitas de minhas infelicidades e trabalhos para por mim enterceder por esmola e piedade ao mesmo Senhor.

Deus Guarde a Vmercê por muitos annos

S. Nicolao 21 de [ilegível] 1788

De Vmerce o mais infelis e obediente Criado
João da Silva Feijó
1788

Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi relatando-lhe a situação desesperada em que se encontra e solicitando-lhe que o envie para outros locais do Império Português a fim de fazer novas expedições científicas.

Santiago, 12 de março de 1789

Senhor Julio Matiazi

Não sei se as sinseras expreçoens com que exponho a Vmercê os meos sentimentos tenham offendido o respeito de Vmercê pois há 3 para 4 annos não tenho tido a fortuna de receber letras Suas: discorrendo, Senhor pellas minhas paSsadas açções, não posso atingir naquella com que eu o poderia na verdade offender muito principalmente não tendo eu rezões Senão para confeSsar a grande estimação com que vmercê Sempre se dignou distinguir.

Sei que ennumeraveis testemunhos Se me tem acumulado na Sua prezença e na de Sua Excelência de que tem resultado para mim o maior desabono no meo credito, porem Deus que vegia Sobre as accoes dos homens, e que conhece a minha enocencia no fundo do meo coração, não me desampará, fazendo conhecer-se a verdade e então Vmercê que conheceo o meo genio, e character Saberá athe que ponto pode chegar a maledicencia.

Porem se Vmercê vive na verdade de mim escandalizado espero que por sua bondade não Só queira expor-me o meu delicto para a minha justa defeza, se não rogo-lhe ja daqui pelo mais Sagrado que ha no universo se digne perdoarme pelo amor de Deus lansando Sobre a minha triste Situação os olhos de Sua piedade pois a minha pouca idade, e conhecimento do mundo Moral sejaõ Sufficientes motivos a minha desculpa: Receba Senhor por vida do que he para Vmercê mais estimavel, as minhas supplicas e admitame a sua antiga graSsa, fazendo aSsim a felicidade de hua desgraSsada familia que anciozamente Se prosta a Seos pez com os maiores sentimentos de humildi // [fl.1v] mildade.

Se parecer a Vmercê acertado, quizera que me fizesse o favor de pedir a Sua Excelência se dignaSse promover me ou para os Assores, ou Maranhão, ou finalmente para onde for do maior agrado de Vmercê e do mesmo Excelentíssimo Senhor pois neste pays eu ja não posso achar coiza aLgua mais do que o que tenho remetido, e passando me para outro mais fertil, e novo prometo a Vmercê dêr repetidos Sinaes dos dezejos que tenho de agradar a vmercê e a Sua Excelência no desvelo com que trabalhar.

Deus Guarde os preciozos dias de Vmercê por muitos annos acompanhados de todas as felicidades que apetecer. S. Tiago de Cabo Verde 12 de Março de 1789

Sou com o maior respeito
De Vmercê
o mais fiel e obrigado Criado
João da Silva Feijó
1789

Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi manifestando-lhe o seu desagrado de não ter sido transportada para Lisboa uma remessa que se encontrava pronta por falta de espaço no navio.

Certidão de António Ancieto Ferreira sobre a impossibilidade de transportar a referida remessa.

Santiago, 25 de abril de 1790

Senhor Jullio Matiazzi

Pella presente certidão vera Vmercê que depois de ter apromptado hua remeSsa para eSse Real Muzeo constando de dois Caixoes com taboleiros de diferentes insectos, e hum barriLinho com paSsaros e aLguns peixes, e entregado ao Governador conforme as ordens de Sua Excelência eu tendo o desprazer de os ver ficar com o risco de tudo se perder; queira Vmercê por Sua bondade pôr esta parte na Prezença de Sua Excelência para que eu não seja culpado por qualquer falta que poSsa acontecer como esta: ahí vai o mesmo Cappitam por elle se pode informar da verdade que exponho.

Queira Vmercê, por quem ha, Lembrar-se de minha infelis Sorte, orando por mim ao dito Excelentíssimo Senhor para que alcance a sua graça e proteção, e Vmercê me não desampare pelo amor de Deus.

Os meos desejos não são outros senão o de agradar a Vmercê he Sou com todo o respeito obrigado e Deus o Guarde por muitos anos.

Ilha de S. Tiago 25 de Abril de 1790

De Vmercê

O mais humilde e mais obrigado e mais infelis Subdito

João da Silva Feijó

// [fl.1v] Certefico para levar a Remessa de expedição pertencente a S. Magestade, e debaixo de Cuberta enxuta e bem acondicionado, não a posso receber com esta condição por estar o Navio abarrotado com carga de S. Magestade em fê do que passei esta com que me asignei. Villa da Praya 25 de Abril de 1790.

Antonio Anicetto Ferreira

§78

Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi informando-o do envio de pássaros da ilha de Gorée numa Chalupa e de outras curiosidades no Patacho da Urzela; apesar destes envios comunica-lhe que ainda ficaram produtos em Santiago. Solicita-lhe um regresso rápido da sua pessoa a Lisboa.

Santiago, 6 de julho 1794

Senhor Julio Matiazi

Muito meu Senhor: por hua Chalupinha que daqui sahio escrevi a Vmercê participandolhe, entre outras coisas de haver remetido ao Excelentíssimo Senhor Martinho de Mello e Castro hum viveiro com 5 cazaes de Passarinhos que me vierão de Goré, resto de grande porção, de que Só escaparão os dêz, e outros os remeto em agoardente nesta occazião pello Patacho da Urzela com outras coriozidades, como consta da Rellação incluza, copia da que vai a Sua Excelência pelo Governador destas Ilhas.

Aquí ficão dois Caixoes com alguas plantas coriozas do Pays, vivas, como participei a Vmercê que por falta de comodidade e de aguada nem he possivel hirem, o que muito sinto: fica a partir hua chalupa verei se vão.

Permitame novamente renovar os meos rogos, e pedirlhe se digne por Caridade vallerme e protegerme com Sua Excelência a fim de que eu [ilegível] graça, e na de Vmercê fazendo com que se me perdoe os meos descuidos e verduras // [fl.1v] pois eu prometo não fazer arepender a Vmercê de por mim enterceder, e proteger-me: he Senhor hum desgraçado, que prostrado com todo o acatamento e humildade aos pez de Vmercê emplora o Seu valimento, e Seu favor, e a Sua proteção, não pelo que eu mereça, mas pelas virtuozas qualidades de Vmercê pois Se he gloria para hum amigo da humanidade o fazer bem a Seu Semelhante, quanta não sera maior, Senhor a de fazer a felicidade e restituir a Liberdade a hum desgraçado oprimido pelas Calumnias? São as minhas esperanças Senhor a bondade e humanidade de Vmercê e a minha perenne confição Será o menor Signal que darei de hua eterna gratidão.

Deus Guarde e prospere os dias de Vmercê por muitos anos. Ilha de S. Tiago 6 de Julho de 1791

De Vmercê

muito attento muito fiel e muito obrigado Criado

João da Silva Feijó

1791

§79

Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi suplicando-lhe que se lembre dele e dos infortúnios que tem sofrido e o reconduza ao Reino.

Santiago, 26 de janeiro de 1796

Senhor Julio Mattiazi

Não posso deixar de ser importuno, quando me lembro as milhares de obrigações que devo a Vmercê e que se neste Mundo não tenho outra Pessoa de quem me valha no total dezanparado, em que me contemplo neste desterro, onde a minha Disgraça quis conduzir-me; e no centro de todos os meus infortúnios só me consola a lembrança de que vmercê será o meu Protector, e Libertador, e que por meio de seu vallimento tornarei a ser feliz ao menos vendo-me restituído á minha pobre caza, e ao Centro de hua triste Familia; e que gloria, Senhor não conceberá vmercê sendo a Cauza de minha felicidade! e o meu Espirito cheio de gratidão não sesará de clamar e pedir a Deus Omnipotente abençoe para sempre os preciosos instantes da existencia de Vmercê e de tudo quanto lhe diz respeito.

Deus Guarde a Pessoa de vmercê por muitos anos. Ilha de S. Tiago 26 de Janeiro de 1794.

Sou com o maior respeito
De Vmercê muito attento muito obrigado e muito fiel Criado
João da Silva Feijó

Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Domingos Vandelli registando a entrega de diferentes espécies de sementes trazidas das ilhas de Cabo Verde a fim de serem semeadas no Real Jardim Botânico.

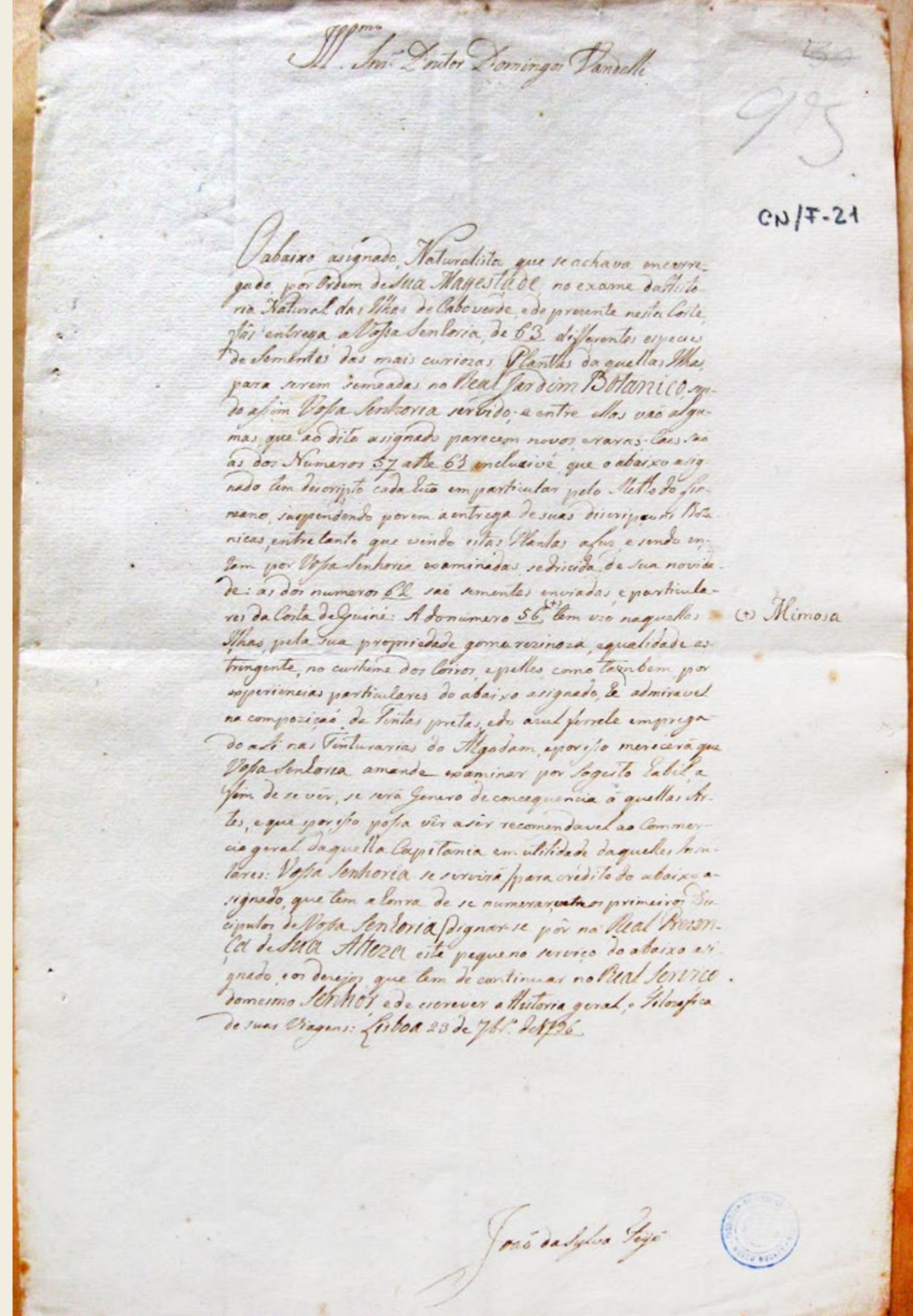
Lisboa, 23 de Setembro de 1796

Illustrissimo Senhor Doutor Domingos Vandelli

O abaixo assignado, Naturalista, que se achava encarregado, por Ordem de Sua Magestade, no exame da Historia Natural das Ilhas de Cabo verde, e do presente nesta Corte, fás entrega a VoSsa Senhoria, de 63 diferentes especies de Sementes das mais curiosas Plantas daquellas Ilhas para serem semeadas no Real Jardim Botânico sendo aSsim VoSsa Senhoria servido; e entre ellas vão algumas, que ao dito assignado parecem novos e raros; taes são as dos Numeros 57 athe 61 inclusivé que o abaixo assignado tem discripto cada huma em particular pelo Methodo Linneano, suspendendo porem a entrega de suas descripções Botánicas, entretanto que vindo estas Plantas a Luz e sendo entam por VoSsa Senhoria examinadas se discida de sua novidade: as dos Numeros 62 são sementes enviadas, e particulares da Costa da Guiné: A do numero 56⁽⁺⁾ tem uzo naquellas <Mimosa> Ilha, pela sua propriedade goma resinosa, e qualidade astringente, no curtume dos Coiros, e peles, como tambem por experiencias particulares do abaixo assignado, he admiravel na composição de tintas pretas, e do azul ferrete empregado ali nas Tinturarias do Algodam, e por isso merecerá que VoSsa Senhoria a mande examinar por Sogeito habil, afim de se ver, se será Genero de consequencia á quellas Artes, e que por isso possa vir a Sêr recomendavel ao Commercio geral daquela Capitania em utilidade daquelles Insulares: VoSsa Senhoria se servirá para credito do abaixo assignado, que tem a honra de se numerar, entre os primeiros Discipulos de VoSsa Senhoria / dignar-se pôr na Real Presença de Sua Alteza este pequeno serviço do abaixo assignado, e os desejos, que tem de continuar no Real Serviço do mesmo Senhor, e de escrever a Historia geral; e Filozofica de suas Viagens: Lisboa 23 de Setembro de 1796.

João da Silva Feijó

1 À margem está escrito (+) Mimosa



M. Sr. Doutor Domingos Vandelli

98

CN/F-21

O abaixo assignado, Naturalista, que se achava encarregado, por Ordem de Sua Magestade, no exame da Historia Natural das Ilhas de Cabo verde, e do presente nesta Corte, fás entrega a VoSsa Senhoria, de 63 diferentes especies de Sementes das mais curiosas Plantas daquellas Ilhas para serem semeadas no Real Jardim Botânico sendo aSsim VoSsa Senhoria servido; e entre ellas vão algumas, que ao dito assignado parecem novos e raros; taes são as dos Numeros 57 athe 61 inclusivé que o abaixo assignado tem discripto cada huma em particular pelo Methodo Linneano, suspendendo porem a entrega de suas descripções Botánicas, entretanto que vindo estas Plantas a Luz e sendo entam por VoSsa Senhoria examinadas se discida de sua novidade: as dos Numeros 62 são sementes enviadas, e particulares da Costa da Guiné: A do numero 56⁽⁺⁾ tem uzo naquellas Ilhas pela sua propriedade goma resinosa, e qualidade astringente, no curtume dos Coiros, e peles, como tambem por experiencias particulares do abaixo assignado, he admiravel na composição de tintas pretas, e do azul ferrete empregado ali nas Tinturarias do Algodam, e por isso merecerá que VoSsa Senhoria a mande examinar por Sogeito habil, e sem de se ver, se será Genero de consequencia á quellas Artes, e que por isso possa vir a Sêr recomendavel ao Commercio geral daquela Capitania em utilidade daquelles Insulares: VoSsa Senhoria se servirá para credito do abaixo assignado, que tem a honra de se numerar, entre os primeiros Discipulos de VoSsa Senhoria / dignar-se pôr na Real Presença de Sua Alteza este pequeno serviço do abaixo assignado, e os desejos, que tem de continuar no Real Serviço do mesmo Senhor, e de escrever a Historia geral; e Filozofica de suas Viagens: Lisboa 23 de Setembro de 1796.

(+) Mimosa

João da Silva Feijó



Carta do Naturalista régio João da Silva Feijó para Júlio Mattiazi comunicando-lhe o envio de uma cópia da Relação que entregou ao governador das ilhas de Cabo Verde. Informa também que envia para Lisboa um casal de cabrinhas mas que fica em Santiago uma gazela por não haver espaço no navio para a transportarem com comodidade.

sem local e sem data.

Senhor Jullio Matiazi

Esta serve de significar a Vmercê o quanto hei-de estimar que disfrute perfeita Saude com todas as felicidades que forem do agrado de Vmercê dignando-se Lembrar de minha fiel gratidão, e vallerme com Sua muito respeitavel proteção, e de que eu tanto neceSsito para a mudança da minha enfelis situação.

Incluza remeto a VMercê a copia da Relação do que tenho neste anno entregado ao Governador destas Ilhas, para elle remeter a Sua Excelência: não vai a Gazella pelo Capitão da Chalupa dizer não ter commodidade a bordo para a Levar segura: o Casal das cabrinhas são bem galantes, e estimarei cheguem a salvamento. Este anno tem chovido muito e por consequência fico na dilligencia de fazer nova colleção de Sementes de plantas para lhas remeter.

He o que se me offerece dizer a Pessoa de Vmercê a quem Deus Guarde e prospere por muitos annos para amparo deste que se confeça ser.

De VMercê

Muito attento muito obrigado e humilde Criado
João da Silva Feijó

Lista da Primeira Remessa da Real Expedição à ilha de São Nicolau feita em 1784

N^o14

Lista da primeira
Remessa
da Real Expedição
da
Ilha de S. Nicolao
feita em
1784
que Remeteo para o Real Gabinete do Principe
Nosso Senhor
o seu indigno
Naturalista neStas Ilhas de Cabo Verde
João da Silva Feijó

// [fl.2]

	Caixaõ N ^o 1 Pedras
1	// Pedra Calcarea ? branca com hua cruSta amarellada, que Se parte em Laminas Grossas: da Ribeira do Ricanto
2	// P. da mesma que a precedente porem mais Solida, azulada, cavernoza, ocracea: do meSmo Sitio.
3	// P. damesma, porem Sem Sêr tam cavernoza: do meSmo Sitio.
4	// P. da mesma, mais esverdinhada do mesmo Sitio.
5	// P. composta de Conglutinação de pequenas Conxas meias pretrificadas, rija, da qual he composta hua grande Roxa na Ribeira de Gamboeza.
6	// P. como a precedente tirada do Cume do mesmo monte.
7	// P. conglutinada ferruginoza: de outros montes da mesma Ribeira junto // [fl.2v] to ao Mâr.
8	// P. Cos eterogeneo ferruginozo: ao pê do Sitio precedente.
9	// P. arenata duriSsima preta cavernoza Stalectitica, no exterior ocracea.
10	// P. conglutinada facil de se deSonir cavernoza ocracea.
11	// P. cavernoza ocracea daS RoxaS do mâr.
12	// P. cor de chumbo com hua cruSta exteriormente de StalectiteS.
14	// P. de que he compoSto o exterior da maior parte das Roxas da Ilha: eSta he do Sitio do PaioL.
13	// P. conglutinada eterogenea ocracea friavel.
15	// Conglutinação de ConxaS com oca de ferro: do Sitio dos Catelha // [fl.3] Castelhanos.
16	// P. ferruginoza eterogenea com pontos Spatozos brancos: do Sitio da Gamboeza (N.5.6.) difficil de Se tirar pelo perigo.
17	// P. conglutinada do Sitio de N.5.6.
18	// Conglutinação friavel cretacea ? do Sitio do Barro branco.
19	// P. ocracea cavernoza Stalectitica do Barro branco.
20	// P. ocracea, como esponjoza com outras introduzidas em Suas cavernaS, Leve.
21	// Silex do Sitio da Gamboeza: está na Roxa inasecivel.
22	// P. calcarea com alguas conxaS que forma hum doS bancos do monte da Vermelharia.
23	// P. arenata cor de Chumbo cheia de buracos com StalectiteS, dura etc.a de que São // [fl.3v] São formadoS os grandes bancoS deSordenadoS do Sitio precedente.
	Caixaõ N ^o 2
24	// Pedra como a precedente, porem aS cavidades exteriores são cobertaS Com hua CruSta Stalectitica do meSmo monte.
25	// P. como a precedente com aS cavidades chioS de StalectiteS, e oca amarello: do meSmo monte.
26	// P. da meSma qualidade com riScoS orizontaeS ocraceoS no exterior.
28 ¹	P. da meSma de que são formadoS oS bancoS inferioreS.
27	// P. da meSma com cruStaS delgadaS de StalectiteS pelaS fendaS, que forma bancoS groSsoS deSordenadoS no meSmo Sitio.
// [fl.4] 29	// P. Conglutinacaõ de pedras com terra calcarea: do mesmo Sitio etc.
31	// P. arenata, dura cor de Xhumbo com pontos Spatozos brancos.
32	// P. da meSma; porem avermelhada com pontoS de Spato maiS juntos.
30 ²	// P. da mesma arenata, poroza, cavernoza, cheia de Stalectites.
33	// P. ocracea amarellada, poroza, concentrica, etc.
34	// Hua bolla de terra ocracea, vermelha com pontoS conglutinados de Schoels pretos.
35	// Outra ainda maiS vermelha, com oS pontoS mais groSsoS.
36	// P. Saxoza Cavernoza Stalectitica avermelhada etc.
37	// P. do Lagedo da Ribeira do Tarrafal.

1 O número 28 foi colocado por cima do número 27.

2 A alteração dos números 31, s32 e 30 está no próprio documento

38	// Outro Lagedo da mesma Ribeira.	39
// [fl.4v] 39	// P. cor de Xumbo pezada durá com conglutinasoenS de Schoel: do Sitio do TarrefaL	//
40	// P. caLcarea, ou cretacea: do meSmo Sitio hindo para a Praia branca.....	//
41	// a meSma pedra com conglutinação de Schoel pretoS e ruivoS: do meSmo Sitio.....	//
42	// a meSma com outra formação: idem.....	//
43	// P. conglutinada, coberta de StalectiteS calcareoS: idem.....	//
44	// Cos, de que são formadoS oS bancoS Superiores (não oS ultimoS) daquela cadea de monteS que vai athe a Praia branca.	//
45	// P. ocracea, poroza, pezada, que Se acha vagamente por todaS as plainiceS daquele sitio, e outroS.....	//
46	// P. Cor de Xumbo, cavernoza cheoS oS buracoS de StalectiteS tinto de ocrá: idem.....	//
47	// P. como a precedente da Superficie daS grandeS RoxaS daquele Sitio.....	//
48	// P. cinzenta, dura, poroza com pontoS SpatozoS (Schoel) a maneira de pedra de Cintra: junto a Praia branca.....	//
49	// P. ocracea Leve, poroza, que moStra Ser vulcanica, a que os NaturaeS chamaõ PomeS.....	50
// [fl.5] 50	// P. vaga azulada compoSta de hum gram estriado e delicado..... idem.....	//
51	P. cor de Xumbo, dura, en camadaS, ehe a de que Se formaõ alguns StradoS daqueleS monteS. idem.....	//
52	// P. cor de Xumbo Solida, dura com striaS luzenteSPraia branca na Roxa da Ribeira	
53	// P. ocracea, vulcanica? poroza Com Schoel (45): idem.....	//
54	// P. cor de Xumbo eScurO SolidiSsima e pezada: da mesma Ribeira.....	//
55	// P. Saxoza ocracea, e arenta, que Sostenta o monte ou Roxa da dita Ribeira para o Norte.....	//
	Caixaõ 3º Praia branca para a Ribeira da Prata e monte Gordo	
56	// P. Saxoza ocracea com grandeS pontoS vermelhoS	
57	// P. em torsicoloS como deretida, e ocracea no exterior .. monte Gordo.....	//
58	// P. cor de xumbo pezada podre com Schoels vermelhos embutidos..... idem.....	//
59	// hua bolla ocracea con Schoel pretoS, entroduzida entre bancoS de terra ocracea e pretaS podre ... idem.....	60
// [fl.5v] 60	// P. cenzenta Solida com StriaS brancaS, e alguS Schoel embutidos... idem.....	//
61	// P. cor de Xumbo Solida de gram fino moStrando na sua Superfice hum dendriteS, que representa com belera hum pedaSo de Baluarte idem.....	//
62	// Saxum ocraceo com SchoeLS: idem.....	//
63	// Cos ocracea groSso da Ribeira de Prata.....	//
	// AlgunS BazalteS pretoS e quartzoS brancoS que Se achão vagamente em hun monte aLi junto no Sitio de Belem Da Ribeira da Prata para a doS CarvoeiroS	
64	// P. Sexoza poroza etc. amaneira de queimada	//
65	// P. cor de Xumbo dura, pezada, poroza emã maneira de queimada.....	//
	DoS CarvoeiroS para a Prainha	
66	// P. calcarea de diversaS manxaS ocraceaS, com pontos Spatoza.....	//
67	// P. azulada poroza pezada, com aLgunS Schoel imbutidoS.....	//
68	// P. com veioS ocraceoS.....	//
69	// P. azulada micacea, em LaminaS friáveis.....	70
// [fl.6] 70	// P. quaze como a precedente porem mais groseira e sem partículaS micaceaS: parece Ser CoS?.....	//
71	// P. dura com LaminaS, Com manxaS ocraceaS.....	//
72	// P. coS ocraceo Da Prainha para a Fronteira.	//
73	// P. eSverdinhada dura pezada Solida com manxaS ocraceaS roxaS..... idem.....	//
74	// P. ocracea argilloza com veioS de mina de ferro ?..... idem.....	//
75	// P. arenata Solida, duriSsima, preta, com pontoS de SchoelS ereda para a Povoação.....	//
	Terras	
N.1	// T. ocracea queimada: do sitio da Gamboeza.....	//
2	// T. cretacea ? idem.....	//

§84

3	// T. cretacea branca: do Xam do Norte	//
4	// Roxo terra da Ribeira da Fronteira com a qual pentaõ	//
5	// EScora preta do Campo do Porto	//
6	// Es ____ cinzenta do Sitio da CaLdeira	//
7	// T. como Lava ____ da Patareza	//
8	// T. do bordo da Caldeira: he cretacia	//
9	// T. amaneira de Lava: do Sitio doS OleiroS	//
10	// T. cretacia ? do Sitio do Ricanto	//
11	// T. como argilloza do Sitio do Barro branco	//
12	// T. argilloza da Barroza doS CastelhanaS	13
// [6v] 13	// T. ocracea vermelha emamaneira de area ocracea do Sitio da Gamboeza	//
14	// T. cretacea argilloza da Ribeira doS CastelhanaS	//
15	// T. cor de tabaco do Sitio do Silvaõ	//
16	// T. argilloza esbranquesada, idem	//
17	// T. -----ocracea do Sitio do Forcado	//
18	// T. ocracea amarellada da Fonte da Roxa alta	//
19	// T. argilloza miSta do Sitio da Ponta Grande	//
20	// T. ocracea da Roxa alta	//
21	// T. amaneira da Lava do Sitio do Embicado	//
22	// T. ocracea vermelha groSseira da Ribeira da Toza	//
23	// T. mista ocracea arenata com pontoS de Schoel, da Ribeira do Sacco	//
24	// T. humoza ? parda idem	//
25	// T. cor de enxofre do Sitio do Cabouco	//
26	// T. azulada com pontoS de SchoeL: do Sitio da boca da Ribeira do Prata	//
27	// T. cretacea branca: da Ribeira do Feito	//
28	// T. argilloza? miSta cor de Carne do Canal da Fragata	//
29	// T. humoza da Ribeira funda	//
30	// T. cretacea branca do Sitio do olho do már	//
31	// T. arenata parda da Ribeira de Fernando	//
32	// T. humoza cor de tabaco mui fina da Ribeira de Formiga	33
// [fl.7] 33	// T. ocracea do Sitio de Salina	//
34	// T. cinzenta cretácea?do morro do Frade	//
35	// T. amaneira de tripeL do Sitio de Paiva	//
36	// T. Scora amaneira de StalectiteS ocracea parda do sitio doS CarvoeiroS.....	//
37	// T. bollus Rubra da Ribeira funda	//
38	// Argilla ocracea do Sitio da Feijam	//
39	// ____ ____ do Cotello	//
40	// ____ fina do Sitio do Degredo	//
41	// ____ ferruginoza doS PiquinhoS	//
42	// ____ quaze como 38 do DiSgraSoto	//
43	// ____ ocracea miSturada com area do Sitio do Tope vermelho	//
44	// ____ azullada impura da Ribeira d'avizo	//
45	// arêa cinzenta do sitio do Marreal	//
46	// Scora preta do PaiaL	//
47	// Scora groSsa (Sabullum) alvadia da Cruz de Antonio Remualdo	//
48	// T. cretacea ocracea do monte gordo digo da Ribeira da Ortelam	//
49	// Scora impura ocracea do monte gordo	//
50	// T. ocracea miSta, amaneira de Lava, da Ribeira daS QueimadaS.....	//
51	// T. cinzenta etc. da Ribeira do Pangalho	//

§85

**Lista
da Segunda Remessa
da
Real Expedição
da Ilha
de S. Nicolao
feita em
1784
Que remeteo para o Real Gabinete
do Prince
Nosso Senhor
o Seu indigno
Naturalista nas Ilhas de Cabo Verde
Joao da Silva Feijó**

3^a de Sua Expediçam

2^a RemeSsa PedraS

76	// P. Saxoza Stalectitica pezada da Ribeira daS QueimadaS.....//
77	// P. conglutinada de diferenteS miSturaS cavernoza como a precedente com pedasoS de mina de ferro embutidoS idem.....//
78	// P. cinzenta dura quartzoza Solida pezada com chriStaeS de Schoel ... de João Pereira.....//
79	// P. eSverdinhada dura pezada aSpera com buracoS ocraceoS..... idem//
80	// P. como a precedente da meSma Cor, porem maiS compacta, e Sem ocras no interior: Tras do Pico.....//
81	// he como a do N79, porem maiS poroza com chriStaeS de Schoel Cor de carne..idem.....//
82	// P. calcarea ocracea cavernoza pezada: idem//
83	// P. _____ _ _____ _ _____ porem maiS Solida, e com manxaS RoxaS.....//
84	// P. peSsada aLgum tanto poozoza calcaea? ocracea com manxaS de ocras de diverSaS coreS, Caleijão//
85	// P. arenata duriSsima, e pezada avermelhada tinta de ocras de ferro com LaminaS tenueS de StalectiteS pelas fendaS, idem//
86	// Como a precedente porem não tem vermelho idem//
87	// _____ _ _____ porem poroza algua Coiza, e maiS cheia de StalectiteS em granitoS: idem//
88	// da meSma, porem mui poroza como queimada, ou furada // [fl.2v] furada de vermeS com oS buraquinhoS cheioS de StalectiteS mui claroS na meSma cadea de montes.....//
89	// P. Saxoza arenta ocracea com chriStaeS de Schoel pretoS imbutidoS: idem.....//

52	// T. miSta cinzenta da Ribeira Xam//	53
// [fl.7v] 53	// T. como a precedente porem poroza no interior amaneira de queimada da Ribeira da Fronteira//	
54	// T. ocracea impura do Sitio do Boqueirão//	
55	// T. cretacea? miSta do Sitio do PaSso de Pau//	
56	// Scora ocracea da Ribeira da Maria GomeS//	
57	// Argilla bollar da Xam grande//	
58	// T. ocracea miSta do Ribeirãozinho//	
59	// Argilla ocracea fina etc. do Sitio de Darna.....//	
60	// T. cretacea argilloza branca do Curral velho//	
61	// T. eSverdinhada argilloza? do Ribeirão de Vicente//	
62	// T. ocracea endurecida : de Sanã//	
63	// Lava do Sitio de Agoa boa//	
64	// _____ de outra qualidade: do Pau fincado//	
65	// _____ de outra cor do Sitio do Caxorro//	
66	// _____ do Pico do Curral Velho//	
67	// _____ da bouca da Prainha//	
68	// _____ do Sitio de João Manco//	
69	// _____ da Curuja//	
70	// area glarca do Sitio de João Novo, em hua per cinta do monte//	
71	// Lava arenta do Tantún//	
72	// outra area da outra per cinta do Bentinho//	
73	// Lava do dito Sitio//	
74	// Roxa terra da Fronteira a que chamaõ <u>Limagre</u>//	
75	// borra avermelhada eScuras da Roxa grande//	
76	// Lava, e argilla: Tamborinho//	
77	// Lava conglutinada do Sitio de LucaS//	78
// [fl.8] 78	// Terra do Sitio de DomingoS Rodriguez//	
79	// T. argilloza etc. da Cova de PaScolim//	
80	// Cos do Ribeirão de Egoas//	
81	// arêa da Prainha//	
82	// Lava com area <u>glarea</u> do Sitio de RamoS//	
83	// ocras miSta da Prainha//	
84	// outra glarea de Sonã//	
85	// Esbrugalho calcareo da Sonadinha do mâr//	
86	// Argilla miSta da Sonadinha do mâr /Luoza digo ³ /.....//	
87	// _____ eSverdinhada: da Lage de Silvaõ//	

1 Catimplora cheia de peixes//
 3 CaixoenS maiS de peixes//
 outraS de ConxaS etc.....//

Isto foi o que a grave doenSa de Cabo Verde permietio fazer a hum aprendiS da Filozofia, carregado de SezoenS rigorozas, que aSim meSmo procura meioS de Servir com Zello amor, e humildade a Sua Soprema Soberana, e agradar aoS SeoS ProctetoreS, e SuperioreS, como pode, e não como deve.

João da Silva Feijó

3 “Luoza digo” está entrelinhado entre o n^o85 e o n^o 86

90	// <u>Saxum Spatasun</u> branco de gram miudo: idem//
91	// P. arenta azullada a maneira de Ardezia na Ruptura da Ribeira da Aguada he duríssima//
92	// P. ocracea ferruginoza queimada poroza etc. [?] idem //
93	// P. arenata preta dura pezada Conglutinada com fragmentos de outraS, e ocras de ferro a qual forma groSsoS bancoS daquelleS montes//
94	// P. calcarea Rude, manxaS de variaS coreS: naS pequenaS CollinaS ali junto//
95	// P. como a do N92 quaze idem//
96	// P. compacta de cor cinza formada em camadaS maiS ou menoS groSsaS: SeoS fragmentos São CompactoS angullozoS a maneira da Pedreira, LuzidioS etc CruS de baixo//
97	// P. ocracea com manxaS, pezada, compacta Será mina de ferro?... idem//
98	// P. Cor de ferro duriSsima pezada compacta com pontoS de ocras amarela e ChriStaeS de SchoeL// [fl.3] Schoel pretoS inbutidoS: idem//
99	// P. conglutinação da Scora preta deRetida, he pezada poroza com ocras amarello: idem//
100	// P. arenata duriSsima, e pezada, Cor de ocras queimado com ChriStaeS de Schoel pretoS, e amarellados. Idem.....//
101	// da meSma porem maiS poroza digo queimada e poroza em partes ... Lapa//
102	// Como aS precedentes, porem maiS cheiaS de ChristaeS de SchoeL ... idem//
103	// da meSma porem não tan compacta//
104	// da meSma, Solida com partes miSturadaS de quartzo branco mui miudo <u>Saxum</u> : idem.....//
105	// P. como calcarea Solida, parda com chriStaeS pretoS Sem lustro..... Rincaõ//
106	// P. calcarea eSverdinhada compacta, tinta de ocras amarello idem//
107	// P. arezata Solida Compacta preta pezada com ChriStaeS grandes e piquenoS de SchoeL, pretoS embutidoS e aS cavidades cheiaS de ocras amarello
108	// Conglutinação de pedaSsos de pedra a maneira de <u>Silex Rubricator</u> , cujo gluten he hua Lamina Stalectitica Covoada//
109	// P. N.107 queimada com aS cavidades cheiaS de StalectiteS amarelladoS.....idem.....//
	110
// [fl.3v]	
110	// outra tanben queimada con hua CruSta de ferro? derretido por fora idem.....//
111	// P. queimada comconglutinação de Scora vermelhada com aS cavidades StalecticaS brancas he Leveidem.....//
112	// P. cinzenta pezada conglutinada com criStaeS de Schoel pretoS e cinzentos Ribeirão.....//
113	// P. compoSta de ocras de ferro vermelha com SchoeL de Pedra//
114	// hua conglutinação de ChriStaeS de Schoel pretos, he pezada.... idem.....//
	Terras
88	// T. Marga? do Campo do Porto//
89	// Scora ferruginoza friavel Leve etc. do Ninho do Corvo//
90	// <u>Argilla bollus</u> ferruginosa: de Borze//
100	// Como a do N.88. com algua diferença: Porto da Lapa//
101	// Como a precedente porem branca, e maiS pura: GraSa//
102	// Como N.100. com pouca diferença: CruS de baixo//
103	// T. miSta eScura, Secca: do Ilheo//
104	// Outra mista, e como queimada com ocras amarello // [fl.4] amarello:d'Agoa de Cabra.....//
105	// Como a do N.100. porem maiS pura: Taboleiro//
106	// Como aS precedentes porem com miStura de hua terra preta: Ribeira Secca//
107	// T. cretacea endurecida eSverdinhada: Figueira de S. Vicente//
108	// T. miSta arenata etc idem//
109	// Como a do N. 88. : Morrinho//
110	// Como a do N. 100. ocracea: Ribeira d'Achada//
111	// P. endurecida cor de cinza friável etc humosa? Sitio de Thomé Pires//
112	// Scora cor de cinza dura: Tanque d'Agoa das PataS//
113	// Scora ferruginosa do Coxo do Sapil//
114	// ----- cor de cinza miuda: Furna//
115	// ----- ferruginoza arenta, conglutinoza: Figueira brava//

§88

116	// Argilla amarellada: Palmeira//
117	// ----- impura: de Joaõ Delgado//
118	// -----porem maiS Limpa: João Rodriguez//
119	// ----- ocracea endurecida impura: CurraL de Boral//
120	// T. argilloza ? cinzenta em laminaS groSsaS duraS: Lava? Agoa amargoza//
121	// T.-----impura:Lava? Idem//
122	// T. ocracea amarellada miSta: Pico de Sarafim//
	123
// [fl.4v]	
123	// Area impura Manuel Gregorio//
124	// T. ocracea, cretacea, arenta etc. Furna de Supriano//
125	// Argilla ocracea miSta: <u>Lugar</u>//
126	// _____ ferruginoza impura com pontoS de ocras amarela: CurraL velho//
127	// T. miSta ocracea: Penedo Vermelho//
128	// _____ cinzenta: Boca do Carvão//
129	// T. endurecida em eStradoS delgadoS, com pontoS ocraceoS: Lombinho de Botelho.....//
130	// T. argilloza miSta com creta, ocras etc. Agoas daS PataS//
131	// ocras de ferro vermelha: Covadinha do monte Gordo//
132	// T. ocracea argilloza miSta: idem//
133	// T. argilloza? podre ----- de que são formadoS grandes e groSsoS bancoS do monte do Caxaso//
134	// Scora negra a que oS NaturaeS chamaõ <u>area</u> da Aguinha//
135	// T. cretacea, miSta, ocracea idem//
136	// Como a precedente quaze: do Pico da PaSsareta//
137	// T. argilloza cinzenta miSta com pontoS brilhanteS de SchoelS pretoS: Barreiro//
138	// T. podre ocracea roxa de que São formadoS groSsoS bancoS doS monteS da Sigona.....//
139	// Como a N.136. Com pouca diferença: idem//
	140
// [fl.5]	
140	// T. argilloza miSta do Xaõ do Talho//
141	//T. como Scora preta miSta com pontoS brancos de que se compoem hum groSso banco do monte do Fundo do Talho//
142	// Como a precedente, porem com maior abundancia de miStura de terra branca Campinho grande//
143	// T. miSta endurecida ocracea a maneira de mina de Zinco: Matto//
144	// Como a do N.142. ainda maiS impura: Cruzeta//
145	// Como a precedente a maneira de Queimada d'AgoaS cahidaS//
146	// T. como a precedente maiS friavel, e maiS escura: Ribeiroens//
147	// _____ _____ porem mais impura, e conglutinada: Ribeira daS VacaS//
148	// T. _____ maiS argilloza, e maiS endurecida: Pico aguda//
149	// T. _____ ? ocracea vermelha enduresida, que parece mina de Zinco com ferro: Lombo branco//
150	// Como a do N.146. porem maiS clara, e impura: Ladeira do Cabasalinho//
151	// Como a do N.149. porem mais ocracea roxa, e maiS // [fl.5v] e maiS endurecida: Agoa de Jose.....//

§89

N^o16

Lista
daS ProduçoenS
de Santa Luzia; Ilheos
Razo; e Branco
que
observou, rêcolheo, e remeteo
para o Real Gabinete
do Prince Nosso Senhor
em o anno de
1784
O Seu indigno NaturaliSta deStaS
IlhaS de Cabo Verde
João da SiLva Feijó

4^a Remessa

// [fl.2]

Santa Luzia

Pedras	
N.1	// P. arenata cor de Xumbo, duriSsima, pezada, compacta, de que he formado hum doS bancoS grandes doS monteS, e lagedoS daS Ribeiras <u>Ribeira branca</u>
2	// a meSma, porem impura com veioS de CriStaeS brancoS, miudoS, e outroS coradoS, que forma groSsoS bancoS doS monteS
3	// a meSma, porem mui compacta, e pezada, que forma bancoS eStreitoS doS meSmoS mont eS.....
4	// Como a do N.2 com pouca diferença: Fonte grande
5	// a meSma: porem poroza a maneira de queimada Figueira do Coxo
6	// outra com criStaeS grandes pretoS, pezadiSsima e mui compacta: Ladeira do Pico.....
7	// Como a precedente porem queimada: idem: Roxinha
8	// como a do N.1. porem poroza a maneira de queimada: Penedo
9	// P. arenata, ocreacea pezada, cavernoza como oS intersticioS cheioS de StalectiteS: idem
10	// P. cinzenta miSta compacta, pezada etc. de que São formadoS oS bancoS inferioreS doS monteS: <u>ubique</u>
//[fl.2v] Terras	
N.1	// Pedra podre, miSta com criStaes de Quartzo pezada, semelhante a hua mina de EStanho: Pico da Figueira do Coxo.....
2	// T. cor de roza argilloza, mista, queimada, endurecida: Pico de Manuel Rodriguez.....

3	// T. ferruginoza endurecida, e miSturada com pequenaS pedrinhaS de outra qualidade etc.: Malha (?) branca.....//
4	// Conglutinação de Lava com chriStaeS de SchoelS, com pontos de oca vermelha: Cabesa.....//
5	// T. miSta areenta, ocracea etc. Morro
6	// Como a do N.4? porem maiS limpa: Ladeira do Coxo
7	// T. de cor roxa argilloza queimada ocracea etc N.2. Calheta branca
8	// <u>N.6</u> com pouca diferença: Ribeirinha
9	// T. ocracea queimada etc. Penedo
10	// T. Salina da Ribeira de Padre ThomáS: forma veioS no monte
11	// a meSma: Ribeirinha
12	// T. argilloza esbranquisada, impura
13	// T. ocracea vermelha endurecida, com chriStaeS pequenoS, e quebradoS de SchoelS: Caramujo
// [fl.3]	
14	// T. cretacea branca impura: Degolada do MaStro
15	// T. ocracea, <u>N.13</u> queimada com Scora: Monte de Figueira
16	// Como a precedente com pouca diferença: Lombo
17	// Como N.8 com pouca diferença: Ribeira do Portinho
18	// a meSma, azullada com CriStaeS brancos de Quartz: Caminho da Fonte.....
19	// a mesma sem chriStaeS: Lagedo
20	// Creta? Xão da Degollada
21	// Arêa da Praia do Portinho
22	// N.18, com pouca diferença Pico do Vento
23	// T. conglutinada miSta ocracea vermelha, areenta etc. Roxa alta
24	// T. N.8, em piquenoS fragmentos miSturadoS com creta aLva: idem
25	T. conglutinada endurecida, ocracea, avermelhada, miSturada com piquena porção de hua terra branca: Fonte
26	// T. argilloza eSbranquisada etc. impura com Sabor Salino: Praia de Francisco
27	// T. N.8, queimada coberta de oca amarello no exterior: Sinta de Figueira de Coxo.....
28	// T. N.8, queimada a maneira de Scora: Caldeira // [fl.3v] deira
29	// T. argilloza? cretacea, areenta etc. Pequinho
30	// N.24. com aLgua diferença Ladeira do Pico
31	// T. ocracea vermelha etc.: Penedo
32	// N.27. com aLgua diferença Monte do Lombo da Fonte
33	// N.8 com aLgua diferença: Somada da Marxa
34	// a meSma: Ribeirinha
35	// N.31. com diferença Pesqueiro
36	// T. ocracea argilloza mista amarellada etc.: Agoadinha
37	// T. ocracea branca impura etc. Igreginha
38	// T. ocracea avermelhada miSturada com arêa etc. Ribeira da Figueira do Coxo
39	// T. ferruginoza em LaScaS planaS: Ribeira de Francisco
40	// N.8. com aLgua diferença
41	// T. aretacea impura &ª Ribeira da Figueira do Coxo
42	// T. ocracea vermelha impura: Calheitinha
43	// N.8, com diferença
44	// Creta branca miSturada com area: Ribeira degola // [fl.4] Degolada
45	// T. argilloza azullada pura: Roxinha
46	// T. Salina da Ribeira de Roque
47	// T. _____ de diferente qualidade: Cotello
48	// T. ocracea amarellada com Sabor Salino: Ponta d'Agua
49	// T. ou pedra podre, miSta, voLcanica? Lava: Praia do Penedo
50	// T. ocracea amarellada queimada endurecida a maneira de pedra: idem
51	// T. miSta queimada ocracea etc. friaveL: Ribeira Larga

Lista
da Remessa das Pro-
duções da Ilha
de Santo Antão
feita na Real Expedição
Para o Real Gabinete
da História Natural
do Príncipe Nosso Senhor
pelo
Naturalista João da Silva Feijó
17 ^{16/6} 85

// [fl.2]	Pedras. Ribeira Grande
N. 1	P. azulada, duríssima, compactíssima, o que os Naturalistas chamão <u>Saxum</u> : acha se formando o alveo da Ribeira em grossos bancos.
2	// P. como a precedente porém mais Xumbada na cor, coma alguns boracos, como que soffreo fogo: forma outros grossos bancos nameSma continuação.
3	// P. ocrea, vermelha, impura mui rude, e aspera: forma outro grosso banco naquelles mesmos montes.
	1 ^a divisão da Ribeira grande Ribeira do Figueira A.
4	// P. (N.1) de Cor preta com imbutidos // [fl.2v] embutidos de ChriStaeS de Schoel amarellos e pontos ocreos, e Stalectites brancos: forma hua grande Roxa apique, Sobre que a Senta outros bancos de pedras diferenteS.
5	// P. da mesma natureza, porém com pequenos boracos cheios de Stalectites brancos: forma outro banco inferior.
6	// P. da mesma natureza, porém de cor parda com chriStaeS de SchoeLS pretoS: forma maSsos vagaS embutidaS em grossissimos bancos de terra; nofin da Ribeira.
	B. João Affonso
7	// P. da mesma Supra, porém pretta e como queimada Coberta de <u>argilla</u> // [fl.3] argilla parda ocrea: hena Roxa
8	// P. da mesma porém mais queimada: em outra Roxa.
9	// P. N.4 de Cor vermelha, que a 1 ^a vista parece hua pedreira a qual comtem alguns chriStaeS de SchoeLS pretoS: na mesma Roxa.
10	// <u>Saxum granitum</u> ?: he azulada com pontos brancoS de Lava; primeira vista parece hua pedra a que os Naturalista chamão <u>Talcum Serpantinum</u> : he hum banco que Superiormente forma hua grande Sinta naquella Roxa.
11	// hua mina de Ferro ocreo com chriStaeS amarellos de SchoelS em folhetos com Talco: junto da fonte vitriolica no beco.

52	// T. Cor de Tabaco Salina com hum cheiro deSagradaveL: Crux do Penedo
53	// T. endurecida a maneira de pedra de cor cinzenta etc. Ribeira de Manuel Rodriguez.....
54	// T. endurecida a maneira de pedra podre compoSta de placas pouco unidaS Lava?: Cavada d' Erva.....
55	// N.54, com pouca differença Ribeira branca
56	// T. argilloza? cinzenta impura endurecida tincta de ocrea por fora: TraveSsa da Fonte.....
57	// N.4, mais podre: Fonte grande

Fim

// [fl.4v]	Ilheo Razo Terras
------------	----------------------

N. 1	// T. Salina cor de Tabaco EspanhoL etc. Xaõ do Norte
2	// a mesma porém mais queimada; Morrinho
3	// _____ ainda mais _____: Aguada
4	// T. cretacea eSbranquesada etc. <u>idem</u>
5	// N.1. com pouca differença Canal do RabiL
6	// Scora ocrea dura etc. Xam
7	// N.1. com pouca differença EsmeragaL
8	N.2. com alguma differença Ilheo

Ilheo branco

N. 1	// T. cretacea, ocrea, cor de Carne: Furna
2	// T. groSeira ocrea queimada impura etc. Furna de Cabra
3	// Escora de pedra: Caladouro do Ilheo branco
4	// PiquenaS LaScaS de pedras ocreaS com chriStaeS de SchoelS miSturadoS com area ocrea amarellada: Tope grossos.....
5	// como a precedente quaze, porém com arêa mais // [fl.5] mais fina: Degolada da Fonte.....
6	// T. cretacea Secca côr de Tabaco claro: Esmeralinho
7	// N.3, quaze: FoleS
8	// Pedra podre dura cavernosa etc. Stalectitica etc.: Canal Doido

Mais

4 // PaSsaros	1 Alma de MeStre
	2 Cagarros
	1 Garsia

2 // Lagartos do dito Ilheo	// <u>Macrosceacus Costeani</u> ¹
ArvoreS do mar	
e hum caixaõ de ConxaS etc. de Santa Luzia	

Ex aqui o que pude fazer para Comprimento doS meoS devereS:

Feijó

¹ Á margem a lápis

12	// P. podre compoSta de cinzaS voLc // [fl.3v] voLcanicaS de cor avermelhada e pontoS de ocre amarello, com fragmentos de ChriStaeS de SchoeL: compoem hum groSso banco daquelle monte.
	2ª divizão Ribeira do Pico
13	// P. N.1 com chriStaeS de SchoeL pretoS coberta de hua tinctura de <u>Argilla bolluS</u> amarellada: que forma hum banco inferior daquelleS monteS.
14	// P. da meSma porem mais preta que faz a continuação do meSmo banco.
15	// P. N.4. com pouca differença, maiS cheia de buracoS: forma outro banco groSso.
	16
// [fl.4v] 16	// P. da meSma cheia de boracoS com basaLtes pretoS, eoutroS azuladoS, e Semeada de granitoS ocraceoS, e brancoS como farinha: forma outro banco.
17	// P. como marmorea azulada com veioS onduladoS Coberta de hua cruSta branca calcarea: achaSe vagamente entruzida em bancoS de terra.
18	// Conglutinação de Lava com chriStaeS de SchoeLS pretoS, e amarelloS alteradoS pello fogo: forma hum banco groSso.
19	// Conglutinação ocracea vermelha feita pelo fogo com chriStaeS de SchoeLS pretoS, que forma hum mui groSso banco do monte donde naSse a outra fonte vitriolica
	20
// [fl.4v] 20	// P. que parece como aprecedente maiS queimada, e maiS pezada, Será algua mina de ferro? no mesmo monte.
21	// da meSma, porem maiS queimada com pedasoS de outra pedra maiS eScura embutidoS.
	PauL PedraS
A	// P. queimada ocracea com pedasoS de Lava, e chriStaeS de BazaLteS embutidos.
B	// Marmore impuro cor de carne.
C	// a meSma com chriStaeS miudoS de SchoeLS coberta de <u>Scora</u> .
D	// QueimadaS ocraceaS com chriStaeS pretoS de BazalteS.
E	// P. cinzenta da claSse doS arenatos // [fl.5] arenatoS, com chriStaeS miudoS de SchoeLS pretoS em agulhaS e pontoS de ocre amarelloS.
	Janella
F	// P. como a precedente porem oS ChriStaeS maiS miudoS.
G	// <u>Saxum</u> cor de Xumbo.
H	// Como Marmore de grão fino.
// [fl.5v]	Terras Ribeira Grande
N. 1	//Argilla bolluS, cor roxa formha hum veio que atravessa e corre orinzontaLmente por todo o monte.
2	//Conglutinação de <u>Lava</u> com ocre amarello queimado, que se acha enhum groSso veio no meSmo monte.
3	//T. cretacea impura, que forma outro veio no meSmo monte.
	1ª. divizaõ FigueiraL
4	//Conglutinação de Lava amarellada, que forma o primeiro veio do monte que Corre por aquella Ribeira.
5	//outra da mesma Lava Com pouca // [fl.6] ca differença que forma o 2º. Veio.
6	//Outra damesma natureza com pouca differença com piquenoS ChriStaeS de SchoeLS pretoS: 3º veio.
7	//Outra da mesma natureza, maiS eScura, que forma o ultimo veio.
8	//Cinza Volcanica, que forma hum groSso veio no monte que vai para Joaõ Affonso.
	2ª. divizaõ Ribeira do Pico
9	//Lava Conglutinada, que se acha no Campo do Caõ em hum veio na Roxa.
10	//Lava ocracea conglutinada com fragmentos de SchoeLS pretoS; que forma hum doS veioS daquelle [fl.6v] daquelle monte emediato.
11	//Outra Lava que forma outro veio.
12	//Lava CaLcarea em granitoS conglutinada, Levemente Coberta de ocre amarello; forma outro veio.
13	//Lavo como greda Cor de cinza, que forma hum veio imediato.

14//	
15//	Como as que do N. 4.7. que conStituem veioS doS monteS do fim da Ribeira
16//	
17	//Almagre finiSsimo do Sitio doS AgrioenS acha-se em hum veio daquelle montte, em hua furna que para de La se tirar he neceSsario deSser por Corda.
18	//Lava ocracea com ChriStaeS de SchoeLS.
19	//outra qualidade que aprimeira vista pareSse // [fl.7] pareSse com a precedente.
20	//outra qualidade de Lava.
21	//EScora que se acha junto ao mar.
22	//Area da praia he preta.
23	//_____branca.
24	//Pedra PomeS.
	PauL
A	//Lava ou bolluS rubra endorecida: Espanadeiro da Ribeira do FigueiraL no <u>fiõ do Lombo</u> .
B	//Lava ou pedra voLcanica avermelhada em pedasoS co TaLcum com chriStaeS de SchoeLS pretoS: chãõ do Eito.
C	//outra maiS groSseira da meSma cor: Pico de Antonio.
D	//Lava ou Argilla branca impura. Pico d'Antonio.
	E
// [fl.7v] E	//Lava eSverdinhada com chriStaeS de SchoeLS pretoS: Sinto do Pico do Padre.
	Janella
F	//Ocre voLcanica vermelha Penedo.
11	//MadreporoS de variaS qualidades.
12	//IncrustaoenS do mar em pedraS.
13	//Lagedo do mar com differenteS figuraS.
14	//StalectiteS em canudoS formadoS em areia junto ao mar.
15	//PedaSsoS de Cos figuradoS.
16	//TubiporaS, differenteS fucoS apegados áS pedraS do mãr.
// [fl.8]	DifferenteS ConxaS, e hua na extremidade de hum StalectiteS, mui galantemente diSpoSta.
	ESTrelaS do mar e oiriSos de duaS qualidadeS que vão no caixão daS plantaS onde deve haver grande cuidado no tirarem se para Se não firir quem meter amão
	PLantas que São
1	Aipo// Lavandola
2// Graminacea
3	barba de bode// Phalaris.....//
4	Alho bravo// Quaro Novo?
5	Pe de Galinha //
6	//Jumsa// Ciperus//
7	//.....// Graminacea
8	//Palha de Pardal// Phalaris//
9	//.....// Eprilobicum.....//
	10
// [fl.8v] 10	//.....// orobanche//
11	//.....// Anthirrinum.....//
12	//Palha bodião //
13	//.....// Stalice.....//
14	//.....// Equisetum.....//
15	//.....// Polygonum//
16	//Palha Salema.....// Eliotrepium
17	//.....// Schrophularia
18	//Bredo branco// AmaranthuS
19	//.....// Illeubrum

20	//Se	// SamoluS
21	//RoSmarinho	// Lavandula pinnat ?
22	//	// Sillene
23	//	// Vicia
24	//Marcella branca	// Gnaphalium
25	//Cardo	// CardueuS
26	//	// Sygnesia
27	//	// _____
28	//Marcella	// _____
29	//	// Eupatorium ?
30	//	// _____ ¹
31	//	// AliSum
		32
// [fl.9] 32	//FetaL	// TeliceS
33	//Coçacosa	//
34	//	//Alga

1 está rasurada a palavra AliSum

§96

20" "oro bande . . .
21" "Anthriscinum
22" Petra badias"
23" "Statice . . .
24" "Equisetum"
25" "Polygonum . . .
26" Petra saloma "Eliotropium
27" "Sclerophularia
28" Bredo b.^{ca} "Amaranthus
29" "Membrum
30" Se "Sama Luz
31" RoSmarinho "Lavandula pinnat?
32" "Sillene . . .
33" "Vicia . . .
34" Marcella b.^{ca} "Gnaphalium
35" Cardo . . . "Cardueu"
36" "Sygnesia . . .
37" "_____
38" Marcella . . . "_____
39" "Eupatorium
40" "Alifan . . .
41" "Alifan . . .
32

Lista
da Remessa das Produções
de São Vicente
feita
na Real Expedição
para o Real Gabinete
do Príncipe Nosso Senhor
pelo Naturalista
João da Silva Feijó
17^{12/7} 85

// [fl.2]	
	PedraS
N.1	//P. Saxoza cinzenta dura Rija com pontoS brancos miudoS de que he compoSto hum grande banco de hua Roxa da parte do Norte.
2	//a meSma como Porfiro com oS pontoS brancos em maior abundancia, e maioreS: N.
3	//P. do meSmo Genero preta com chriStaeS de SchoeLS pretoS, e em parte cavernoza como que Soffreo fogo; he ocracea. N.
4	//Como aS do N.1.2. porem como queimada, e noS lugareS doS pontoS brancos são hum buracoS vazioS: forma hum banco de hum monte do N.
5	//Conglutinação de Lava branca e preta // [fl.2v] preta, com ocras vermelha, e friavel: Tarafé grande
6	//outra conglutinação porem compacta com ChriStaeS coloradoS; que forma hum grande banco ao pé do mar diante do Tarafé grande
7	//Como a precedente com aLgua differença: no meSmo Sitio
8	//Outra da mesma qualidade; porem com os enterSticioS maioreS, e cheioS de Stalectites brancos em laminaS.
9	//P. pezada arenata cor de cinza, queimada etc. coberta de terra cretacea por fora: Joaõ de Noli
10	//Lava conglutinada, dura, e em partes Como queimada. Ninho de Quinxo
11	//P. preta duriSsima vidreta com // [fl.3] com chriStaeS de SchoeLS pretoS embutidoS, e cobertoS de hua tinctura de ocras: Porto Grande.
12	//Como N.11. porem Sem tantoS ChriStaeS: idem
13	//P. avermelhada quartzoza Solida, que a primeira viSta parece marmore, tincta de ocras de ferro, e pezada, e de graõ fino e unido: João d' Evora.
14	//Como a precedente porem cavernoza na Superfice: idem
15	//P. Calcarea? tincta de ocras com veioS de outra pedra roxa, e manxaS maiS claraS de ocras amarellada idem.
16	//Como a precedente porem maiS fina: João Ribeiro.
17	//Como a precedente coberta de hua // [fl.3v] de hua Crusta Stalectitica: Monte Grande

18	//Conglutinação de ocras vermelha, ou pedra ocracea queimada com chriStaeS de SchoeLS amarelladoS: idem
19	//Pedra Calcarea coberta de StalectiteS brancos. Idem.
20	//Quartzum Lacteam que corre por entre oS bancoS de pedra Supra.
21	//N. 5 com chriStaeS de Spato. Aguada do Norte
22	//Conglutinação de lavaS e StalectiteS: entre bancoS idem
23	//Conglutinação de CriStaeS de SchoeL de diferentes coreS em hua pedra duriSsima // [fl.4] duriSsima preta Coberta de ocras vermelha. idem
24	//Conglutinação Solida, e duriSsima, em Saxum preto, de ChriStaeS de SchoeLS. Morro do Ninho do Quinxo.
25	//outra doS mesmoS ChriStaeS em Saxum podre cor de ocras vermelha. Monte de João de Noli.
26	//outra em pedra Cor de xumbo. Ponta de João Ribeiro
27	//outra da meSma natureza porem tincta de ocras vermelha na Superfice: Ladeira de Mathiota
28	//outra com cavidades cheiaS de StalectiteS: Somada de João d' Evora.
	TerraS
//[fl.4v]	Terras
N. 1	//T. ou pedra podre de Lava que forma hum veio groSso entre bancoS de pedra rija: Chão de Sabada.
2	//groSso veio de ChriStaeS de Spato branco que se acha entre bancoS de pedraS. Morro do Ninho do Quinxo.
3	//Lava cinzenta com pontoS ocraceos que forma outro veio no monte de João de Noli
4	//outro veio de Lava na Ladeira do Mathiota
5	//outro de Lava com chriStaeS de SchoeLS com ocras amarellado. Somada do Ninho do Quinxo.
6	//veio de Lava como laScaS em granitoS redondoS brancoS ponta // [fl.5] Ponta de João Ribeiro.
7	//Lava Conglutinada com ocras amarellada. Somada de João d' Evora.
8	//Lava endurecida com ocras, como queimada. Monte Grande.
9	//Argilla impura miSturada com Lava: morro vermelho.
10	//Conglutinação de Lava: Aguada do Norte.
11	//Lava ocracea vermelha conglutinada: Madeiral
12	//Lava fina, e conglutinada. FeijoaL da Ribeira da Balea
13	//outra como pedra como a precedente Ladeira do Chão do Norte.
14	//Lava como greda amarellada com chriStaeS de SchoeLS pretoS: Ladeira grande.
	15
//[fl.5v]	
15	//outra Lava preta com pontoS ocraceoS: Fonte de João de Evora.
16	//hua bella lava amarellada Luzente compoSta de ChriStaeS minimoS de SchoeLS: chão do calhao .
17	//veio de ocras amarellado com chriStaeS de SchoeLS da terra precedente, e pretoS: idem
18	//outra lava. Ribeira do Morto.
19	//outra como cinza: Balea
20	//Pedra podre, como partida em pequenoS pedasoS, como marmorea que forma hum grande veio no monte do Dargoeiro.
21	//outra Lava: monte de Verde.
22	//outra como creda com fragmentoS de pedraS: peSqueiro grande.
// [fl.6]	
23	//outra Lava conglutinada com ocras vermelha: Cabeço doS MancaeS
24	//Lava mui friavel roza da Calheta do Surdaõ
25	//outra Lava Como eScoras: Roxa aLta
26	//outra Lava, da Ladeira da Baia daS gataS
27	//outra Lava da Furna grande.
28	//Area do Porto grande.
29	//Lava com granitoS como aS do N.6. Porto grande.
30	//Lava parda com chriStaeS de Spato fuzivel. Mathiota
31	//Outra Semelhante, Sem chriS // [fl.6v] ChriStaeS: Ribeira de Pedro Fernandes.
32	//Area voLcanica da Ribeira de S. Pedro.
33	//Lava: Entre oS PicoS
34	//Outra Lava da Aguada de Mathiota.
35	//Outra qualidade da Ribeira d'Entre oS PicoS

36	//a meSma Com pouca differença do Sitio de Galé.
37	//Outra Lava da Ribeira do Fateixa.
38	//T. como cretacea com Lava, da Ribeira de Alvaro Martins.
39	//Bollus Lutea do Sitio de Santa Luzia.
40	//Area preta da praia da Palha Carga.
41	//T. como cretacea endurecida da Ribeira de Julião.
	42
//[fl.6v]	
42	//Creta : de Alvaro Martins
43	//Lava Como eScora: do MadeiraL grande.
44	//EScora tincta de ocrá vermelha: do MadeiraLzinho.
45	//Outra qualidade da Somada de Palha Carga
46	//AmeSma: da Somada da Calheta grande.
47	//Bollus (N.39) da Ribeira de Santa Luzia.
	Etc.
1	//Tobaraõ grande
1	//Canejo grande
2	//GataS
2	//ViolaS
2	//Trombeta
//[fl.6v]	Meros
	Badejos Etc.
	e outraS qualidades de PeixeS
	Fim

// [fl.2]	Caix: 1°.
+ N.1	Pedra Cos ocraceo
+ // 2	P__ Cor de Chumbo dura Cavernozá com <u>Bazaltes</u> ?
+ // 3	P__ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ Solida
+ // 4	P__ Cinzenta com fendas.
+ // 5	P__ ocracea dura a maneira da <u>Stalactites</u> .
+ // 6	P__ dura porozá a maneira de Rosca
+ // 7	P__ Cos ocraceo vermelho.
+ // 8	P__ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ mais fino, e mais Vermelho.
+ // 9	P__ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ com BazaLtes? outra ferruginoza queimada.
+ // 10	P__ ocracea com pontos vermelhos e dispersos.
+ // 11	P__ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ , mais fina.
V.C.	P__ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ aenda maiS fina com <u>Sabulum</u>
+ // 12	P__ a que chamaõ <u>Queimadas</u>
+ // 13	P__ cinzenta cavernozá a maneira de conglutinado com caL.
Falta //13	P__ ferruginoza cheia de poros vermiculares
+ // 14	P__ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ com BazaLtes ?
// 15	P__ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ dura pezada coberta de hua terra branca
+ // 16	P__ pezada Conglutinada com <u>BazaLtes</u> ? coberta com ocrá amarello.
// 17	Sacco com Roxo terra grosso.
// 18	S__ ... <u>Argilla bollus vermelho</u> ordinariamente.
// 19	S__ terra cinzenta.
+ // 20	P__ dura tinta de ocrá amarella com <u>Dendrites</u> V. a.b.c.d.
// 21	P__ vermelha.
// 22	S__ terra ocracea vermelha.
	N.23.
// [fl.2v]	
N. 23	Sacco com terra ocracea cor de Roza.
// 24	S..... Roxa
// 25	S..... Cor de tabaco.
// 26	S..... endurecida a maneira de pedra. *
// 27	S..... ocracea impura vermelha.
// 28	S..... argilloza ocracea impura
// 29	S..... mais pura
// 30	S..... <u>bollus rubra</u>
+ // 31	S..... ?
// 32	S.....ocracea roxa.
// 33	S.....humozá cor de tabaco.
+ // 34	P compacta azulada etc.
+ // 35	P..... Spaloza com talco (Mica)
+ // 36	P
// 37	PCos.
// 38	S // com terra ocracea com argilla, e arêa
// 39	S.....vermelha
// 40	S..... com pouca differença
// 41	S..... queimada a que chamaõ <u>Escora</u> .
// 42	S..... Cos friaveL ocraceo.
// 43	S..... roxo.

Lista
da
Remesa da
Expedição
da
Ilha do Fogo
17^{28/1} 84
Expedição
da Ilha
do
Fogo

N°36

// 44	S..... ferruginoso.	
// 45	S..... terra Roxa	
// 46	S..... Area ocracea	
// 47	S..... ocrá vermelha.	
// 48	S.....mais carregada	
// 49	S..... Creta cinzenta.	
// 50	
// 51	S..... terra ocracea amarellada	N.52.
// [fl.3]		
N. 52	Sacco com terra ocracea vermelha.	Falsa
// 53	S..... com pouca differensa	
// 54	S.....queimada como a do N.41 com differensa.	
// 55	S..... ocracea vermelha diferente da do N.52.	
// 56	S..... amarella da do N.51.	
// 57	S.....Cor de gema de ovo	
+ // 58	Pconglutinada da Fazenda da <u>Garsa</u>	A. B.C.
// 59	S.....de outra terra ocracea.	
// 60	S..... amarellada	
// 61	S com terra cor de Carne em LaminaS, Leve do Citio da <u>Bomba</u>	
// 62	S..... parda do Citio da <u>Bomba</u>	
// 63	S branca A.B.C.do Citio da <u>Bomba</u>	
+ // 64	P.....côr de Chumbo friaveL com <u>SchoLs</u>	
N. C.	Rais de Orchis?	
// D	S.....com BazaLtes? ou SchoLs pretos etc. eScolhidos.	
// E	S.....Goma arabia, da Arvore <u>Espinho</u> (Mimosa)	
// F	S.....de CactuS.	
// Dd	S.....BazaLteS ou SchoLs? grossos	
// Dc	S.....ordinarios	
// G	S.....Semente do que chamaõ <u>Erva dose</u>	
// H	S..... Goma de Maniplo (Myrobalalum)	
// I	S.....de Tamarindo	
// L	S.....de <u>CaLbaccira</u> (Adasonia)	
// M	S.....de Purgueira (Jatropha curcas) e Alfarrobeira	
// N	S.....Sementes 1º de Mangericão; 2º do que chamãõ Funxo	
// O	S.....de Espinho (Mimosa) N. E.	Caix.
// [fl.3v]		Caix. 2º
N. 65	Scom Talco (Mica aurata) do monte de João Fernandez	
+ 66	Pvermelha conglutinada	
// 67	S.....com terra vermelha	
// 68	S.....mais fina	
// 69	S.....de outra qualidade.	
// 71	PCôs friaveL	
// 70	Scom terra como a do N. 69	
// 72	S.....Almagre	
// 73	hua Sorte de <u>Queimada</u>	
+ 74	outra de..... N.º.73.	
// 75de. tirada da boca da Caverna do Quinxo no Sitio doS Mosteiros	

+ 76tirada de dentro da Caverna do Quinxo	
// 77	S.....com hua terra chriStalizada tirada dentro da dita Caverna	
// 78	S.....hua Area de empulhetaS. Falsa.	
// 79	Rife do Mâr	
+ // 80	Stalectites da Caverna do Corvo	
// 81	Scom Urzella de Roza aSsim chamada.	
// 82	S.....Verde	
// 83	S.....de barba	
// 84	S.....Enxofre do <u>Pico</u>	
// 85	S.....hua terra branca que he o meSmo Enxofre deScompoSto com o Tempo	
// 86	Lavas do Pico	
+ // 87	L.....Conglutinadas	N.88
// [fl.4]		N.88
	Pedra dura compacta da fonte da <u>Xam de Caldeira</u>	
+ // 89	P.....Conglutinada com SchoLs	
// 90	S..... com Escoras do <u>Pico</u>	
// 91	P.....vermelha com SchoLs pretos imbutidos	
+ // 92	P.....MarmoreaMica aurata	
+ // 93	P.....Stalectítica	
+ // 94	Cos cretaceo?	
// 95	S..... terra cinzenta	
// 96	S.....ocracea vermelha	
// 97	SmaiS clara	
// 98	Scor de tabaco	
// 99	Svermelha	
// 100	S.....de Escora groSsa e miuda	
// 101	S de Area conglutinada com BazalteS.	
// 102	S..... de Creta Cor de Carne	
// 103	S..... de escura	
// 104	S... ..de mais clara	
// 105	S..... com ocrá avermelhada	Caix.
// [fl.4v]		Caix 3º.
+ N. 106	Pedra Cor de Chumbo (N.1) Com BazaLtes de CoreS diferenteS de que São formadoS oS groSsoS bancos dos montes da Ilha	
+ // 107	P.....(.....) Sem BazaLteS, que forma o cham de todaS aS Ribeiras	
+ // 108	P.....a maneira de Stalectites que Se acha vuLgarmente	
+ // 109	P...// deretida (Lava) a maneira de Stalectites de que he formada a Caverna do monte chamado Antonio Affonso	
// 110	P.... ocrasea Leve etc. que Se acha em bancoS nos montes junto a Villa; chamada da Ribeira de S. João A. B.	
+ // 111	P... Côs, de que Se conStroem oS edificioS da Ilha	
// 112	P..... que se acha debaixo do precedente.	
// 113	P.....que se acha em LeitoS deLgadoS debaixo do precedente.	
// 114	S.... com terra ocracea da ponta do VaL de CavalleiroS.	
// 115	S. amarelada da Ribeira de S. João.	
// 116	CoS amarellado friaveL da Ribeira Supra	
// 117	S.com terra cor de tabaco do meSmo Sitio	

§102

§103

Primeira Remessa da Real Ex
 petição feita em a Ilha de S. Nicolão, e remetida
 ao Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor Martinho de Mello e Castro
 para o Real Gabinete da Ajuda em 1784.

Pedras em 3. Caixoes

N.º1.º.	Leva 23. pedras diferentes
N.º2.º.	Leva 32. pedras diferentes
N.º3.º.	Leva este 12. pedras diferentes
	Terras em 1. Caixaõ
N.4.º.	Leva este 87. saquinhos com as amostras das diferentes Terras
	Peixes em 3. Caixoes
N.5.º.	Leva este 8. peixes
N.6.º.	Leva este 16. peixes
N.7.º.	Leva este 8. peixes
	Pedras, e Teras etc. ^a em 1. Caixaõ
N.8.º.	1.º Leva pedras numeradas, e avulsas
	2.º Terras em Saquinhos numerados
	3.º Hum Instrumento muzico, e outro de que uzaõ para o governo das Suas Cavalgadas.
N.º1.º.	Leva 23. pedras diferentes
N.º2.º.	Leva 32. pedras diferentes
N.º3.º.	Leva este 12. pedras diferentes
	Terras em 1. Caixaõ
N.4.º.	Leva este 87. saquinhos com as amostras das diferentes Terras
	Peixes em 3. Caixoes
N.5.º.	Leva este 8. peixes
N.6.º.	Leva este 16. peixes
N.7.º.	Leva este 8. peixes
	Pedras, e Teras etc. ^a em 1. Caixaõ
N.8.º.	1.º Leva pedras numeradas, e avulsas
	2.º Terras em Saquinhos numerados
	3.º Hum Instrumento muzico, e outro de que uzaõ para o governo das Suas Cavalgadas.
	Plantas etc. em 1. Caixaõ
N.9.º.	1.º Leva plantas secas 24, e Sementes
	2.º Huma especie de Madrepora da mesma que // [fl.1v] que vai na Catimplora
	3.º. Conxas, e Gorgoneas etc.
	Produçoens do Mâr em 1. Caixaõ
N.10	1.º. Leva conglutinaçoens em Tubiporas
	2.º. Esponjas marinhas
	3.º. Conxas, Gorgoneas, e Coralinas
	Peixes em agoardente em 1. Catimplora
N.11	1.º. Leva 28 peixes diferentes muitos
	2.º. Camaroens das Ribeiras
	3.º. Madreporas das que vão no Caixaõ N.º 9.º.

// 118	S.....Escoras do meSmo Sitio	
+ // 119	P..... Leve ou terra (N.62. 63.) conglutinada do sitio da Bomba.	
// 120	S..... Com terra do (N.62. 63.) cor de obreia do Sitio Supra	
+ // 121	Cos como do N.116.	
// 122	Corallinas branca, e eSverdinhada daS praias.	
// 123	Fungos que Se achaõ nas partes elevadaS da Ilha	N.124
// [fl.5]		
N.124	S de terra da Ilha Brava com que os Ferreiros CaLdeiaõ a que chamaõ SoLda	
// 125	Escora do monte chamado <u>Santa Gonçalvez</u> de hua Cor azullada etc.	
+ // 126	PedraS e terraS doS IlheoS de Rombo	(A.B.C.D).E.F.G.H.I.K
// P	hua eSpiga de Milho abortiva.	
// P. p.	2 embrulhoS com Lân de Bombardeiro (AsclepiaS)	
	2 Fungos da terra12 colhereS de pau de Laranjeira do uzo da terra	
	CaScaS de tartaruga	
I	Pedras sem numero A.B.C.D.E.F.G.H.I.K.	
	Caix. 4.º.	
N.	Hum chibarro, disforme nos pez, testiculos, e grandeza	
	8 fructos enteiros da arvore a que chamaõ CaLbaceira <u>Adansonia</u> de Linn.	
AA	Frutos; a que chamaõ Manipolos (Spondias MyrobalanuS) em hum fraSco com agoardente	
BB	F Ameixa (Ximenia americana Linn em hum frasco com agoardente com algunS ManipoloS.	
CC	Hum manoio de Tabaco do país (he excelente)	
	2 Caximbos a moda da terra	
	1 Taboleiro tosco com que os Naturaes jogão o chamado jogo d'Orí	
67	Sac..... com Manipolos Seccos. N. AA.	
	AlguaS eSpigas de Milho abortivas	
G	Seda das aranhas que vão nos taboleiros dos insectoS	N. 167
// [fl.5v]		
N.167	S..... com Areia da praia deSta Ilha.	
// 168	S.....Milho preto.	
// 169	S.....vermelho.	
// 170	ESpigaS de Milho roxo.	
R	Monduro SuaS folhaS..... CaSsia purgate	
S	Tabaco de Rollo	
T	Fiado de Bombardeiro e Algodaõ	
V	Fiado de Bombardeiro Só	
X	ESpiga de Milho abortiva	
Z	Algodaõ amarello a que chamãõ Lantilhado.	
	Caix. 5	
6	TaboleiroS de Borbelletas diferentes *	Caix. 6
3	Taboleiros de Borbolletas diferentes e diversos insectoS. *	
2	Taboleiros de EstrellaS do mar, e GorgoneaS	

§104

§105

* que per todas são 22 especies ou qualidades exceto maiS insectoS que diversoS que vao

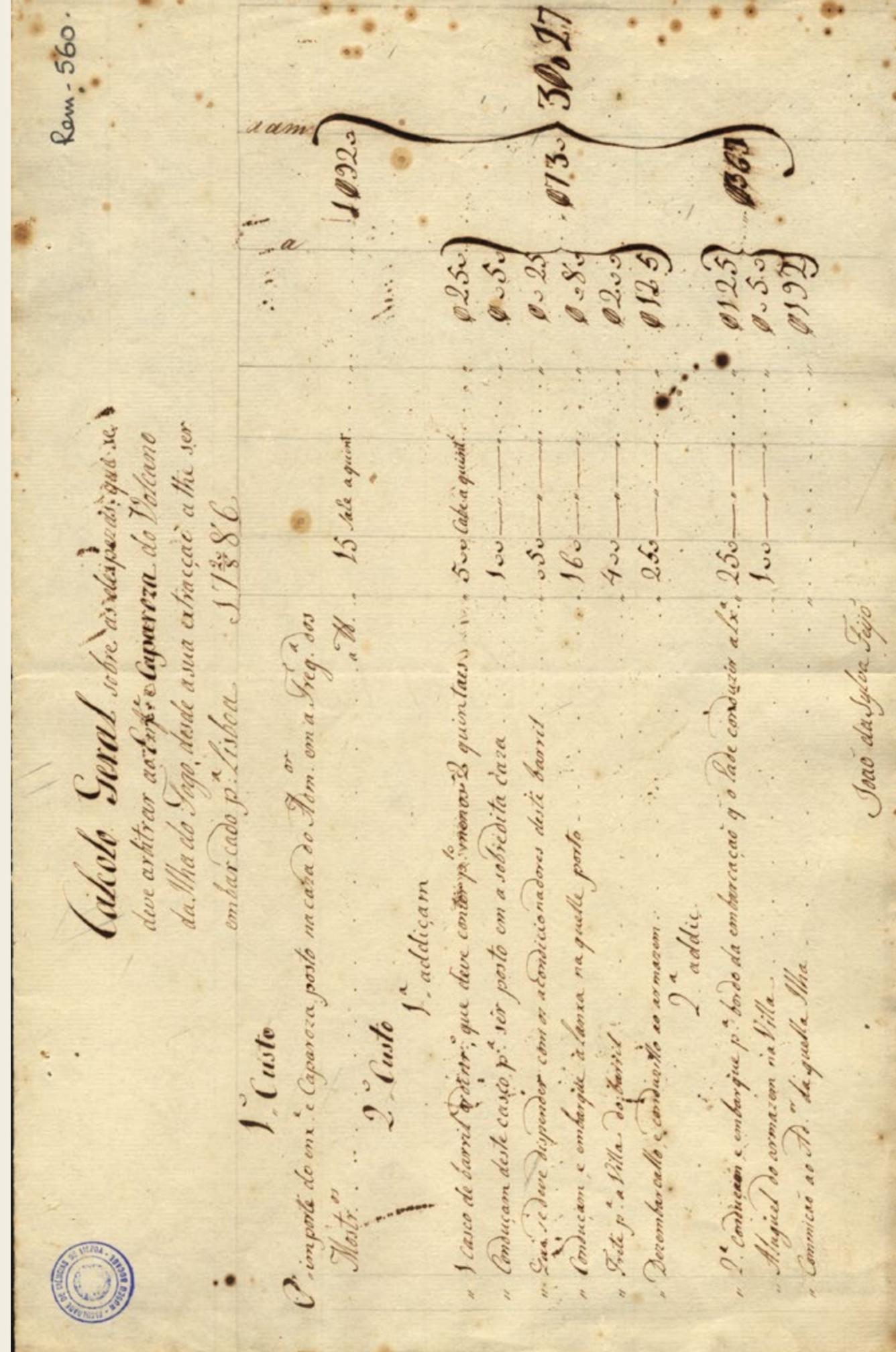
Calculo Geral sobre as despesas que se deve arbitrar ao Enxofre e Caparrosa do Volcano da Ilha do Fogo, desde a sua extracção até ser embarcado para Lisboa 17^{20/8} 86

§106

1º Custo		
P// importe do enxofre e Caparrosa posto na caza do Administrador em a Freguesia dos Mosteiros.....//	15 Sahe a quint.	1\$920
2º Custo		
1ª addiçam		
//1 casco de barril ordinario, que deve conter pello menos 2 quintaes.....//	500 Cabe à quint.	\$250
//Conduçam deste casco para sêr posto em a sobredita caza.....//	100 --- //---	\$050
//Que se deve dispender com os acondicionadores deste barril.....//	050 --- //---	\$025
//Conduçam, e embarque a Lanxa na quelle porto.....//	160 --- //---	\$080
//Frete para a Villa do barril.....//	400 --- //---	\$200
//Dezembarcallo, e conduzillo ao armazem.....//	250 --- //---	\$125
2ª addiçam		
//2ª conduçam e embarque para bordo da embarcação que o hade conduzir a Lisboa	250 --- //---	\$125
//Aluguel do armazem na Villa.....//	100 --- //---	\$050
//Commicaõ ao Administrador daquella Ilha.....//		\$192

3\$027

João da Sylva Feijó



**Rellação da remessa
 dos productos Naturaes
 feita
 ao Real Muzeo
 pella Gallera Santa Izabel, e Santa Anna
 17^{26/7} 87**

§108

Caixa N.1.	
1	Herbario de..... // 174 plantas
//	Sementes // 82 especies
//	Buzinos
//	Esponjas marinhaS e GorgoneaS
//	Caixinha de folha com dois cravos feitos de azaS de borboletaS
Caixa N.2.	
6	Taboleiros de borboletaS diversas
Caixa N.3	
3	Ditos ditas ditas
//	GorgoneaS.....
4	familiaS de conxas
Caixaõ N.4	
//	Ditas ditas
//	GorgoneaS, e Astereas etc.
//	Tubiporas
1	vidro com larvas de algaS daS borboletaS
Caixaõ N.5	
1	frasco com lagartos dos Mosteiros na Ilha do Fogo
//	Dito com frutoS e floreS de Ximenea Amaricana
//	Dito com fucoS marinoS.....
//	Dito com fucoS e vermeS diferentes do mâr, e LarvaS de insectoS
[fl.1v]	
1	
//	Dito com StalectiteS redondoS a maneira de amendoaS confeitadaS.....
//	Dito dito menores

BarriL N.6	
4	PeixeS eSpinhoS
1	Mero
2	PeixeS de outra eSpecie.....
1	dito Follião
2	GarsaS
1	Garboeiro
1	GarSia
1	Gallo de 3 pez e doiS orificioS
7	PaSsarinhoS

João da Silva Feijó
1787

Explicação sobre a forma de tingir panos nas ilhas de Cabo Verde com a planta do anil

Explicação do modo de fazer a tinta azul, com que se costuma tingir os panos em Cabo Verde¹:

Em estando a planta madura, que hé quando a flor da dita esta vermelha, se apanha toda a folha, e antes de seca se pila, e depois se ajunta em pães, que fiquem bem rijos, e secão se ao Sol, té que fiquem bem secos.

Quando se quer tingir faz se pelo seguinte modo: deitão-se quinze pães, ou bollos de molho em bastante agua, que corra, até que fiquem moles: e para isso basta outo, ou dez horas, e tirada se poem a enxugar. E logo que estiver enxuta, se metem todos em hum pote de barro, ou de pau, com um fundo estreito, e bocca larga bastante; e logo que estiver dentro, se deita Coada de cinza de vides, ou de outra qualquer cinza, que deite a dita Coada: e para se saber se a cinza hé boa, há de queimar, chegando a alíngua/a que he melhor hé de purgueiros/ E esta Coada he deitando a cinza em huma panella grande com hum boraco no fundo, deita-se agua em huma panella grande com hum buraco no fundo, deita-se agua em sima na bocca, e logo vay escuando pello buraco. Esta agua, que cahe, sahe amarella, a que se chama coada; d'esta se deita no pote, não junta, mas por espaço de outo dias até o pote estar cheyo; e para estar boa há de estar avermellada a tinta, e quando se deita a Coada ha de cahir de alto, que faça escuma, e se prova: se esta muito forte de mais, se deita huma tijella de agua limpa, que caha de alto: e se está brando se deita mais Coada. Advertindo, que o dito pote deve Levar a Coada de tres alqueires da dita cinza; por que, quando a Coada sahe branda, se tira aquella, e deita-se outra cinza. E feito aSsim, se mete huma meada dentro, e se vay amaSsando com a mão direita por huma ponta te chegar a outra, e a mão esquerda não entra na tinta, e só pega no cordel da dita meada, e continuando por hum quarto de hora, n'esta deligencia, se levanta ao alto, e se espreme com a mão direita; e depois se sacode de fora do pote, e a tinta, que cahir da meada, deve cahir em hum cesto, a qual se deita depois no pote, e sacodida // [fl. 1v] sacodida a meada, se embrulha, se mete em huma tijela, ou escudella, ou se poem ao ar estendida, que lhe dê vento. Dahi a três horas se torna a meter no pote, e se faz do modo asima, até que fica bem fina, que então se paSsa por agua, como quem sacode. Torce-se, e enxuga-se, e está a tinta feita. Depois se contenua com outra meada, e acabada ella de tingir, se mete outra, ate que a tinta já não presta, que se deita fora, e se faz outra de novo etc^a.

¹ Á margem N^o 55

Documentação do Arquivo Histórico Ultramarino (Apêndice ao Volume I)

Carta de Martinho de Melo e Castro para o Bispo de Cabo Verde solicitando-lhe que envie para o reino todos os produtos naturais, principalmente animais, conchas e minerais que forem dignos de serem expostos no Real Museu. Dá-lhe recomendações sobre a forma como se devem processar as remessas.

Lisboa, 24 de dezembro de 1782

A.H.U., Cabo Verde

Códice 402
fls. 98v-99

[fl. 98v]

Para o Bispo das Ilhas de Cabo Verde
Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor

Para se remeterem todas as produções raras de Animais e Minerais¹

§ I I O Sua Magestade he servida que Vossa Excelência remeta para esta Corte toda a qualidade de produções da Natureza que aparecerem nessas Ilhas, e que pela sua raridade, ou por serem desconhecidas na Europa, forem dignas de se collocarem no Real Museu, e principalmente Bixos, Aves, Peixes, Com // [fl. 99] Conchas, e Minerais. O Peixe chamado Javás que Vossa Excelência remeteo he muito bom; constando porem que desta espécie há outros muito maiores, se aparecerem os deve Vossa Excelência remeter: E sobre o modo de recolher, e enviar estas produções, remeto a Vossa Excelência quatro Exemplares das Instruções que a Academia das Sciencias de Lisboa publicou a este respeito. Os Animaes de Penna, ou Quadrupedes que poderem conservarse vivos, se devem remeter desta sorte, principalmente Pássaros, Aves, e Cabras, recomendando-se aos Mestres dos Navios todo o cuidado, para que não morrão na viagem: Da despeza que Vossa Excelência fizer com este artigo, se poderá embolsar dos Administradores da Sociedade dessas Ilhas, passando-lhes Letras, e avizando por esta Secretaria de Estado da sua importância, para se mandar pagar.

Deus Guarde a Vossa Excelência Palácio de Nossa Senhora da ajuda em 24 de Dezembro de 1782.
Martinho de Mello e Castro.

¹ À margem com outra letra

Carta de Martinho de Melo e Castro para o Bispo de Cabo Verde informando-o do envio para aquelas ilhas do Naturalista João da Silva Feijó o qual deveria examinar, descrever, recolher, preparar e remeter para Lisboa todas as produções naturais que achar interessantes. O Naturalista ficaria sob as ordens do Bispo de Cabo Verde.

Lisboa, 3 de janeiro de 1783

A.H.U., Cabo Verde

Códice 402
fls. 101v-102

[fl. 101v]

Para o Bispo das Ilhas de Cabo Verde
Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor

Sobre a Commissão do Naturalista João da Silva Feijó

Depois da Carta que nesta occazião escrevo a Vossa Excelência sobre a remessa das diferentes produções da Natureza para o Real Muzeo, se offereceo poder enviar para essas Ilhas a João da Silva Feijó, que fes o seu Curso de História Natural com o Doutor Vandelli, e vai ao Serviço de sua Magestade, vencendo o Ordenado de quatrocentos mil reis por Anno, com a obrigação de empregar debaixo das Ordens de Vossa Excelência; em examinar, e descrever tudo o que houver nessas Ilhas relativo á História Natural, e em recolher preparar, e remeter a esta Corte tudo o que houver de dirigir-se a ella na conformidade do que refiro a Vossa Excelência na sobredita Carta, e das Instruções que elle leva para o dito fim: Ao mesmo Naturalista se ordena siga em tudo as Ordens de Vossa Excelência; e Vossa Excelência o mandará auxiliar nas Jornadas, ou viagens que fizer de humas, para outras Ilhas com Gente, e o mais que se fizer preciso // [fl. 102] cizo para o mesmo fim a que vai destinado; e ele deve dar conta a Vossa Excelência do que fizer, remetendo-lhe as procuções que recolher, para Vossa Excelência as enviar para esta Corte com as observações que elle tiver feito: E nesta intelligencia Vossa Excelência lhe determinará, e regulará os Sítios, Lugares, Ilhas e Costas honde ha de hir, na forma que lhe parecer mais acertado; e as despezas que se fizerem com comedorias nestas Expedições devem correr por conta da Real Fazenda, recebendo-as Vossa Excelência dos Administradores da Sociedade dessas Ilhas, e passando-lhes as clarezas necessárias, para se levarem em conta no Erario Regio.

Deus Guarde a Vossa Excelência Palácio de Nossa Senhora da Ajuda em 3 de Janeiro de 1783.
Martinho de Mello e Castro.

Carta de Martinho de Melo e Castro para o Bispo de Cabo Verde fazendo considerações sobre as cartas que o Naturalista lhe tem escrito e quanto á forma como o bispo de Cabo Verde deveria atuar com ele vigiando-o de modo a que ele não descursasse os seus trabalhos.

Lisboa, 1 de dezembro de 1783

A.H.U., Cabo Verde,

Códice 402
fls. 107v-107Av

[fl. 107v]

Para o mesmo Bispo
Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor

O mesmo Succedeo a esta Carta que a antecedente¹.

Reservei esta ultima Carta para falar a Vossa Excelência sobre o Naturalista João da Silva Feijó, e incumbências, de que se acha encarregado. Elle me tem escripto duas ou três Cartas, todas concebidas nos termos da que Vossa Excelência achará junta, as quaes se reduzem aos termos seguintes: 1º de fazer muitos cumprimentos, e humiliações: 2º Confessar o muito, que deve a Vossa Excelência: 3º De Referir misérias, e faltas de tudo o que lhe he preciso aSsim pera a sua subsistência, como para dezempenhar as Coizas, de que foi encarregado, e esta ultima parte creio, que se dirige ao fim de ter com que se desculpar com antecipação do pouco, que dahi Remetter, sendo muito o que se esperava: E // [fl. 107A] E como a esta qualidade de gente tudo lhe serve de desculpa; queira Vossa Excelência tomar o seu particular cuidado o dito Naturalista,

¹ À margem com outra letra

Esta carta se restituiu a este Reino em 19 de Abril de 1784 porque ao tempo que chegou a Cabo Verde se achava o Bispo falecido

fazendo o assistir efectivamente com tudo o que elle lhe pedir para bem da Sua Commissão, não lhe admittindo desculpas sobre dificuldades, e obstaculos; facilitando lhe todas aquellas, e aquelles, que lhe poderem servir de pretexto; e ordenando lhe, que o soccorro, e auxilio, que se fizer preciso para o desempenho da Sua Commissão, o deve pedir a Vossa Excelência; como também aviza lo com anticipação das procucções naturaes, que tiver recolhido, e do que lhe he necessario para as ajuntar, encaixotar, e pôr promptas, indicando lhe o lugar, e o tempo, em que podem com commodidade ser embarcadas; e emfim não lhe permitindo servir-se de desculpas, e de invençoens Semelhantes às que Se vão observando nas suas Cartas para deixar de cumprir com o que he obrigado; e segurando lhe, que o que aqui se quer são productos naturaes dessas Ilhas, e não palavras, que de nenhuma sorte os suprem. Emfim Vossa Excelencia tome á Sua Conta este Moço, que não tendo máo genio, nem sendo inerte na Sua profissão, a mais leve sombra lhe parece hum Gigante, e o prende para não fazer o que deve, e não deixará de ser muito dezagradavel; que não havendo aqui couza alguma, que diga respeito a produçoens naturaes das Ilhas de Cabo Verde; e tendo-se mandado hum Naturalista para as haver, se Reduza todo o fruto desta providencia á Palavras, e Relaçoens inuteis do dito Na // [fl.107Av] Naturalista, a nada, ou pouco mais de nada daquillo, para que foi mandado.

Deus guarde a Vossa Excelência Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em o 1º de Dezembro de 1783.
Martinho de Mello e Castro.

abundancia, que pode há // [fl. 109v] haver deles; se será facil a sua extracção, e conducção até a borda de agua; e quanto fará de despeza cada Quintal, ou cada Arroba posta a bordo: De tudo o referido deve Vossa Mercê dar hum Relação individual, e circunstanciada, e com ella Remetterrá Amostras em porçoens avultadas aSsim do Salitre, como do Enxofre, para aqui se fazerem as experiencias, que se julgarem necessarias.

Devo dizer mais a Vossa Mercê que este Navio se há de dilatar nessa Ilha por algum tempo, e ha de voltar em direitura a este Porto, e por elle deve Vossa Mercê mandar tudo o que tiver recolhido, e puder Recolher até a sua sahida de Produçoens Naturaes; tendo Vossa Mercê entendido, que com ellas he, que Vossa Mercê ha de mostrar o seu prestimo, e zelo pelo Real Serviço; e não procurando satisfazer as faltas, e descuidos em cumprir com as suas obrigaçoens, com queixas, e alegaçoens de mizerias, impossibilidades, e outras Caramunhas, que aqui se sabe dar o verdadeiro valor, e da que só se serve quem quer satisfazer com palavras, e substituir com ellas as obras, que são as que verdadeiramente mostram o prestimo, e o merecimento dos que servem á Sua Magestade.

Deus guarde a Vossa Merce Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em 9 de Dezembro de 1784.
Martinho de Mello e Castro.

A.H.U., Cabo Verde
Códice 402
fls. 108v-109v

Carta de Martinho de Melo e Castro para o João da Silva Feijó repreendendo-o da sua forma de atuação despótica e enganadora para com os habitantes da ilha de Cabo Verde. Admoesta-o, igualmente, sobre o conteúdo e mau acondicionamento da sua segunda remessa,

Lisboa 9 de dezembro de 1784

Carta de Martinho de Melo e Castro para o Governador das Ilhas de Cabo Verde António Machado de Faria e Maia sobre a pobreza científica da última remessa de João da Silva Feijó. Refere ainda a forma desadequada como o Naturalista tem tratado os habitantes das Ilhas. Enumera as várias recolhas que pretendia que João da Silva Feijó realizasse e incumbe o Governador de o mandar acompanhar nas suas expedições pelo Coronel José Maria Cardoso.

Lisboa 23 de novembro de 1785

A.H.U., Cabo Verde,
Códice 402
fls. 114-117

§ I I 2

[fl. 108v]

Para João da Silva Fêjó encarregado de recolher as Produccões para o Muzeo
Sobre o máo comportamento déste Naturalista e remessas da Produçoens naturáes¹.

Aqui consta, que querendo Vossa Mercê passar da Ilha do Fogo para a de S. Thiago ajustára a sua passagem com Francisco da Faria Salgado Mestre do Bergantim S. João Baptista, e que tendo com efeito passado para a dita Ilha de S. Thiago dali se transportára novamente no mesmo Bergantim para a Ilha de S. Nicoláo: E quando o referido Mestre devia esperar ser satisfeito da importância destas Passagens, Vossa Mercê lhe não pagára couza alguma.

Consta mais que Vossa Mercê se comportara com os pobres Habitantes dessas Ilhas de hum modo altivo, inculcando-se como huma pessoa de grande poder, e autoridade, querendo Guarda de Soldados, e outras distincçoens semelhantes: E o mais he que com o pretexto de necessitar de Algodão para empacquetar as produçoens, que deve remetter para esta Corte, tem obrigado a esses Habitantes a apanharem, e lhe entregarem mayores porçoens do mesmo Algodão, do que as que são necessarias para o pretendido destino de empacquetar; quando he certo que para este mesmo fim não deve V. Mercê obrigar pessoa alguma a qualquer trabalho, porque tudo o que precisar o deve pedir aos Administradores da Companhia, que tem Ordem de fazer prompto tudo o que lhe for ne // [fl. 109] necessario para o objecto de que se acha encarregado; como também para a satisfação dos seus Ordenados.

Ainda que eu não posso acreditar tudo o que ouço de Vossa Mercê, comtudo como de varias partes tem vindo noticias summamente dezagradáveis sobre o seu comportamento, devo fazer lhe esta advertencia para que Vossa Mercê com a sua emenda evite, que se tomem outras medidas, que lhe poderão dar mayor desgosto: Tendo Vossa Mercê a certeza, que aqui se há de saber tudo o que Vossa Mercê praticar nessa Ilha.

Quanto as duas Remessas, que Vossa Mercê tem feito para o Real Muzeo, a primeira foi muito boa; porem a Segunda não prestou para nada, e mostra bem a negligencia, com que foi feita: E a este Respeito ordenei ao Julio, que escrevesse a Vossa Mercê mais largamente.

Entre as Produçoens, que vieram, se achou hum insignificante porção de Enxofre, e outro igual de Salitre, sem mais clareza, ou noticia alguma, o que mostra a sua negligencia, com que Vossa Mercê procura cumprir com a sua obrigação: He preciso, que Vossa Mercê examine com toda a meudeza os Sítios em que se achão os ditos douz Generos, e a

¹ À margem com outra letra

§ I I 3

[fl. 114]

Para o mesmo
Sobre o Naturalista Joze da Silva Feijó¹

Recebi a Carta de Vossa Mercê com data de 29 de Agosto do presente anno, que trata do Naturalista Jo // [fl. 114v] João da Silva Feijó, e da remessa que elle mandou para o Real Muzeum. A dita remessa que pelo numero dos volumes de que se compunha, prometia grandes coizas, se achou não conter nada do que se esperava; consistindo a mayor parte em pedras as mais ordinárias, e em outras produçoens da natureza, que não tem singularidade alguma, porque mereçaõ ser guardadas; bastando huma similhante remessa para dár a conhecer o mau uzo que o dito Naturalista ahi tem feito do seu tempo: Mas alem desta Serteza aqui se sabe que elle com o pretexto da diligencia de que foi encarregado; se tem inculcado aos pobres habitantes dessas ilhas como hum homem de autoridade, e importância, e os tem vexado; e oprimido por diversos modos.

Isto que aqui se sabe o poderá Vossa Mercê ahi descobrir muito facilmente se se informasse do que elle fes, antes de lhe mandar entregar a considerável soma de dinheiro que lhe pedio, como gasto na expedição; a qual se lhe não devia pagar sem primeiro se examinar em que se tinha feito // [fl. 115] feito esta grande despeza, e qual era o fruto que della se tinha tirado, Para remediar para o futuro esta dezordem, deve Vmercê mandar entregar ao dito Naturalista unicamente dez mil reis cada mez para as suas Comedorias, que devem sahir do seu ordenado, o resto do qual se deve rezervar para o mais que lhe for preciso, e ir-se-lhe dando á proporção do que elle necessitar; regulando-se porem estas despezas de forma que lhe possa sobejar alguma coiza para socorrer huma pobre mulher com quem elle hé cazado, como fui informado depois da sua partida, e que aqui ficou com huma Filha, sem meyo alguns de subsistir.

Para que Vmercê possa melhor conhecer o Character do dito Naturalista hé preciso saber, que partindo elle daqui com o Bispo que foi dessa Dioceze o fes este Prelado ir examinar duas dessas Ilhas, das quaes remeteu varias produçoens em duas remessas, que aqui se acharão excellentes, assim pela raridade dellas, como pelo arranramento, e ordem com que as empacquetou: Isto succedeu porem emquanto o dito Bispo vi // [fl. 115v] viveu, e que o respeito, e temor fes com que o referido Naturalista cumprisse com as suas obrigaçoens, e fizesse uso dos Conhecimentos, e Capacidade que tem para bem servir. Logo que aquelle Prelado faltou passou o tal Naturalista para a Ilha de São Nicolau, onde debaixo do pretexto de moléstia, não cuidou mais em coiza alguma, que era da sua obrigação, e se precipitou nos escandalozos absurdos, latrocínios,

¹ À margem com outra letra

Carta do Naturalista João da Silva Feijó para Martinho de Melo e Castro, participando a sua chegada à ilha do Fogo e informando que não consegue enviar os produtos devidamente armazenados pois, com a morte do Bispo e Governador Frei Francisco de S. Simão, não tem meios para o fazer.

Ilha do Fogo, 20 de setembro de 1783

[fl. 1]

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor

A necessidade de participar a V. Excelência do estado presente em que me acho, he justamente a Rezão que me obriga 3ª ves a tomar a ouzadia de escrever a V. Excelência.

Havendo-me o Excelentíssimo e Reverendíssimo Bispo, em Maio, deixado na Ilha Brava, e ordenado que quando acabaSse a averiguação della, me transportaSse como podeSse para esta do Fogo, e que então mandar-me-hia buscar para outra Ilha lá para os fins de Agosto; e Logo que foi concluída a dita averiguação da Ilha Brava transporteime, para cumprir com as ordens de V. Excelência; para eSta Ilha, não sem grande perigo, incommodo, e risco de minha vida por ser este hum dos Canaes mui perigosos, e em hua Lanxa de pau de Figueira de 14 palmos de Comprimento e 6 de Largura; e havendo chegado a 23 de Junho dei principio dahi a 8 dias a averiguação desta, a vim concluir nos fins de Agosto; e vendo que Sua Excelentíssima Reverendíssima tardava, fis hir no principio de 7tembro hua lanxa a S. Tiago, a dar-lhe parte do que necessitava, mas tive a infelicidade de receber em resposta a noticia do seu falecimento por consequencia aqui me vejo Sem Socorro, nem providencias alguas para continuar a cumprir, e executar a prudentíssimas ordens de V. Excelência; e sem esperansas de ter tam sedo recurssso, pelo nenhum cazo que de mim faz quem quer que fás as suas vezes naquela Ilha, pois ficando a Embarcação do mesmo Bispo agora desocupada não se lembrão de me mandar por ella algua determinação; pois tendo eu 6 Caixoens, ou mais de produtos para remeter a V. Excelência não acho meios para o fazer, por que nem mesmo da Socciedade sequer apparece por aqui embarcação algua para iSso, Seguindo-se aSsim grande prejuízo de se corromperem a maior das plantas, Sementes, Peixes, e Pássaros, que tenho recolhido, e não ser depois tempo para a tornar a fazer, por que passado este tempo das agoas, não há planta algua; e talvez que V. Excelência me haja culpado, pensando não se ter feito remessa por pouco zello meu nas minhas obrigasoens; e ex aqui Excelentíssimo Senhor a minha infelicidade principiada.

Attendendo a isso mesmo me rezolvi, segundo as determinassoens de V. Excelência; a fazer avizo, pera hua carta, aos Administradores da Socciedade para que logo que tivessem ocasião de mandar algua embarcação para Lixboa a fizeSsem vir por aqui de Caminho tomar os ditos Caixoens Como também outros de terra em que Levão alguas plantas curiosas, e as Larangeiras que V. Excelência me recomendou; mas eu duvido que eles dem cumprimento a este avizo ainda que tive a precaução de o fazer em nome de V. Excelência. por quanto elles; por // [fl. 1v.] por estas Ilhas, fazem não o que Sua Magestade ordena, senão o que lhe muito parese, como V. Excelência algum dia Saberá mais evidentemente, pois confundome, Senhor, da extrema consternação em que eles reduzem os miseráveis povos destas Ilhas Contra todas as Leis divinas, e humanas; advertindo a V. Excelência que não são ambos os Administradores, mas sim o primeiro delles a que chamão Bento, pois pelo conhecimento que tenho delles, poSso aSSegurar a V. Excelência que tanto tem o 2º de honrado, e digno da occupação que exerce pella Sua Vertude, quanto o primeiro de indigno pela Sua Conducta, e mais não me declaro sem licença de V. Excelência.

Fico, como obdientíSsimo Subdito de V. Excelência, esperando a redenção do Patrocínio de V. Excelência por esmolla, pois me acho por estas terras ao dezamparo, e com aLguns inimigos por ser amigo de punir pela Verdade e justa, e defender o Respeito que se deve a Sagrada Pessoa de Sua Magestade que Deos Goarde o que me fás andar não com pouco susto.

Deos Goarde e prospere os extimaveis e preciosos dias de V. Excelência.

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor

Ilha do Fogo 20 de Setembro de 1783

De. V. Excelência

O mais obrigado e obediente Subdito e Vosso
João da Silva Feijó Naturalista destas Ilhas

e iniquidades que o Ouvidor dessas Ilhas ali foi descobrir; e de que já aqui havia suficientes noçoens, pelas quaes o já dito Naturalistas se teria mandado vir prezo para as Cadeas do Limoeiro, e se proceder contra elle com a Severidade que merece, se por hum excesso de comizeração se não diferisse ainda o justissimo castigo que o espera na única ideia de que com a chegada de Vossa mercê a esse Governo poderá elle ter algum emenda: E nesta inteligencia deve Vmercê a esse Governo poderá elle ter alguma emenda: E nesta inteligencia deve Vmercê ter entendido, primeiramente que lhe não deve confiar dinheiro algum, e que os seus Ordenados os deve distribuir na forma assima indicada: Que o deve mandar logo examinar outra vez a ilha do Fogo, onde houve ultimamente a irrupção de hum Volcano // [fl. 116] no, o qual deve ser explorado, e examinado pelo dito Naturalista com particular attenção ao artigo do Enxofre, de que aqui se remeteu huma amostra pelos Administradores da Sociedade de Cabo Verde, que se achou de excellente qualidade, e deve-se examinar os meios, e modos de extrahir aquelle Genero, de sorte que faça conta: Deve o mesmo Naturalista passar da Ilha do Fogo às outras Ilhas, e examinálas novamente, e todas as sua produçoens, com particular attenção ao Sene, Goma Arabia, Anil, Algodão e outros Generos, que estas Ilhas produzem, e de que se pode tirar considerável utilidade: Deve examinar nas mesmas Ilhas as Plantas, de que não tem remetido coiza alguma, as conchas, e Arbustos do Már, em que tem tido a maior negligencia, os Peixes, de que tem mandado de diferentes qualidades, e todos raros, e estimaveis, com a indisculpavel ignorancia de os remetter metidos em Sal, para chegarem todos podres, e incapazes, quando devião ser metidos em Barris, ou Vazilhas de agoa ardente, da qual hà bastante nessa Ilha, e na forma que Julio Matiazzi, director do Jardim Botanico lhe explica na Carta, que // [fl. 116v] que remeto incluza, a qual Vossa Mercê lerá antes de lha entregar para que se observe tudo o que nella se aponta.

Para os referidos trabalhos não deve o dito Naturalista hir só, nem confiar-se coiza alguma da sua particular dispozição; mas deve hir sempre acompanhado de pessoa zelosa, e activa que o faça trabalhar, e assistir-lhe com o que for necessario para as remessas do que se for recolhendo; e quando o dito Naturalista não cumprir com as suas obrigaçoens, ou fizer a menor repugnancia, servindo-se de Cavilozos pretextos, de que hé bem succorrido, para não cumprir com ellas, deve logo ser prezo, e remetido ás Cadeas do Limoeiro desta Corte como deixo assima indicado. A pessoa que me parece mais propria, e mais eficas para acompanhar o dito Naturalista, e o fazer executar tudo o que deixo assima referido, hé o Coronel Jozé Maria Cardozo, ao qual Vossa Mercê incumbirá da minha parte da sobre dita diligencia, e lhe louvará muito a remessa que ultimamente fes para o Real Muzeum, que toda foi excelente, e muito bem ordenada.

Vmercê // [fl. 117] Vmercê me dirá o que se pode tirar dos Ordenados do sobredito Naturalista, para aqui se dár a sua Mulher, e Filha; e sobre tudo o mais que deixo assima indicado, Vmercê me informará com toda a individualização, e clareza, tendo entendido, que não há coiza mais pernicioza para o Real Serviço, que a conservação do dito Naturalista com o reprovado, e criminozo comportamento com que tem conduzido depois do falecimento do Bispo, que foi dessa Dioceze, e que sem huma total emenda, que se deve conhecer pelos efeitos que aqui aparecerem, não deve haver com elle – nem pôde esperar algum genero de comizeração; e isto mesmo lhe deve Vossa Mercê declarar bem clara, e destintamente para que conheça que o seu bem, ou a sua ruina depende inteiramente delle.

Deus Guarde a Vmercê Palacio de Quélus em 23 de Novembro de 1785.
Martinho de Mello e Castro.

Carta de António Machado de Faria e Maia, Governador das Ilhas de Cabo Verde para Martinho de Melo e Castro, Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar informando do envio de alguns tabuleiros com borboletas e insetos apesar das dificuldades em encontrar e enviar os animais solicitados.

Ilha de São Tiago, 8 de julho de 1786

Carta de António Machado de Faria e Maia, Governador das Ilhas de Cabo Verde para Martinho de Melo e Castro, Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar informando sobre as remessas e despesas do naturalista João da Silva Feijó. Informa ainda que acompanhou o dito Naturalista à Ilha do Fogo e que pretende agora enviá-lo para Santo Antão e S. Vicente.

Anexo: conta das despesas.

Ilha do Fogo, 20 de julho de 1787

[fl. 1]

§ I I 6

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Martinho de Mello e Castro

Tenho a honra de responder a Vossa Excellencia sobre a Carta de vinte e nove de Julho do ano paSsado, pela qual VoSsa Excelência me ordena, que eu não tenha descuido algum em fazer remessas de toda a casta de Aves, e Animais quadrupedes. Devo porém dizer a Vossa Excellencia que nesta Ilha se não encontra animal algum desta qualidade senão unicamente Macacos, que Vossa Excellencia exclue da remessa: e em Aves senão encontram mais, que huns paSsarinhos com o exterior das azas azués, o interior preto, a cauda toda azul, e e o peito branco entre misturado de encarnado; cujos paSsaros não podem hir vivos, por ser o seu sustento bichinhos, e eu tenho feito já experiencia, que elles não vivem em gaiola muitos dias; destes vi eu alguns em desecção no Real Muzeum, os mais são pardáes, corvos, Galinhas do Matto, pombos, etc.: Na Ilha da Boa Vista há huns paSsaros chamados Flamengos, pelos quaes tenho feito grandes diligencias sem proveito: porque em piquenos não se conservão; e o Naturalista João da Silva Feijó paSsou pelo desgosto devêr morrer alguns, que teve vinte, ou trinta em sua caza: em grandes são tão astutos, que hé impoSsivel appanha-los: a serem como os pintão, os considero dignos de toda a estimação: e não perco as esperanças ainda de mandar algum desecado. Para Guiné tenho recomendado vigorosamente todos os objectos, que fazem o assumpto da sobredita carta de Vossa Excellencia, e o fiz particularissimamente ao Sargento Mór Commandante de Cacheu Luis Pedro de Araujo e Silva. O Governador Interino o Padre João Pereira Barreto me mandou este anno em a Cur // [fl. 1v.] Curveta Sâm Francisco de Paula do Méstre Francisco de Faria Salgado, húa Gazella grande e húa piquena, húa Ganga, e hum Simsim; porem apenas escapou o Simsim; mas como éste Méstre hé hum pouco descuidado, seguiose hum celebre cazo, que elle mesmo poderá contar a Vossa Excellencia; e rogo a Vossa Excellencia me desculpe de o fazer por mim mesmo.

Pela presente Galêra Nossa Senhora da Nazareth do Méstre Joaquim dos Santos Roza faço remessa de húa caixa de folha de Flandres, dentro da qual vão três tabuleiros cobertos de Borbolêtas, e outros Insectos, que me parecem merecerão approvação; dentro do Sacco das Cartas vai a chave do Cadeado das dita Caixa: Todas as occaziões, que se offerecer o alcançar eu algum Animal, ou Ave rara, terei a satisfação de o fazer dirigir a Vossa Excelência. Deos Goarde a Vossa Excellencia muitos anos. Ilha de Sam Tiágo 8. De Julho de 1786.

António Machado de Faria e Maia

[fl. 1]

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Martinho de Mello e Castro

§ I I 7

Pela Carta. que V. Excelência me dirigio em data de dois de Fevereiro do presente anno, me determina V. Excelência, que pelos Navios Nazareth, e Sam Francisco de Paulla mande eu todos os Productos Naturáes, que o Naturalista degredado, que aqui se acha, tiver junto, para se remetter para éSsa Corte, entregando-se tudo ao cuidado dos Capitaens dos mencionados Navios; porém não tendo eu recebido outra Ordem algúa relativa ao dito Naturalista, o deixei continuar na Real Expedição, á que foi mandado para estas Ilhas, assim, e da mesma forma, que V. Excelência me havia determinado peSsoalmente, e pelas Ordens, que V. Excelência tem expedido sobre éste assumpto. O dito Naturalista chegou da Ilha do Fogo em 11. De Abril do presente anno, e me apprezentou húa Relação dos Productos, que tinha remetido a V. excelência pela monção paSsada, e outra Relação das despesas feitas em todo o tempo, que se demorou naquela Ilha, e na Brava. Por ésta occazião remetto a V. Excelência 5 Caixotes, como consta da Relação incluza, que levão os Productos Naturáes, que elle trouxe da Ilha do Fogo, e que adquiriu nesta Ilha, na qual o fiz visitar mais de dois terços da da sua circumferência, accompanhando-o eu pessoal-mente em parte deste trabalho. Ponho na Prezença de V. Excelência a conta de todas as despesas feitas pelo dito Naturalista em todas as expedições, á que o tenho mandado em consequencia das Ordens, que V. Excelência me expedio em 23 de Novembro de 1785. e nas que me parecerão mais suFficientes. Dezejo que os Productos Naturáes, que agora remetto, sejão do Real Agrado de Sua Majestade, e que // [fl. 1v.] e que as contas mereção a Sua Real Approvação. Tenho cuidado, quanto poSso em evitar as despesas desneceSsarias, e em ordenar a Expedição, sem escandalizar os Habitantes destas Ilhas. Nesta não determinei paga aos homens, que accompanharão ao dito Naturalista na vizita das prayas, na incerteza de corresponder o valor dos Productos achados á despeza, que se fizesse; porem uzei de meios, que me parecem não descontentarão os empregados neste trabalho, que todos são Soldados Auxiliares, a cada hum dos quáes não cabião mais que três, ou quatro dias. Acabada a estação das agoas, quero fazer recolher húa Collecção de Plantas que me parece será bastante-mente estimável pela abundancia, diversidade, e raridade: também pretendo mandar fazer húa boa Collecção de Peixe, que me parece merecerá igual estimação; e acabada ésta pretendo manda-lo á Ilha de Santo Antão, e Sam Nicoláu por conta de certos Lagartos, sobre que lhe escrevéo Julio Mathiazzi. Da Ilha de Santo Antão me fez avizo o Capitao Mór Luis da Silva Soares de haver noticia de húa Mina de Carvão de pedra na ilha de Sam Vicente, sobre o que lhe mandei fazer exactissimas averiguaçoens, lembrando me que éste Carvão de pedra, de que fallão poderá ser resto de algum Navio, que fosse fabricar á dita Ilha de Sam Vicente, como com effeito vão alguns; e não devo informar a V. Excelência sem fundamento: digo pois, que também o quero mandar á dita Ilha, não so pelo motivo refrido; mas pare recolher nella /// [fl.2] nella alguns Productos Naturáes. Devo dizer a V. Excelência, que o dito Naturalista vái servindo á Sua Magestade da mesma forma, que a V. Excelência expliquei em a monção paSsada; e que depois dos erros que elle commetteo nas Ilhas de Sâm Nicoláu, e Santo Antão, feitos com pouca consideração, e por poucos annos, não tem vindo á minha Presença queixa algúa contra elle; e o considero muito digno, que Sua Majestade lhe perdoe, e o deixe continuar a servir, sendo do Seu Real Agrado, da mesma forma, e em quamto elle servir bem. Hé o que se me offerece dizer a V. Excelência sobre éste assumpto. Deos Goarde a V. Excelência muitos anos. Ilha de Sam Tiago 20. de Julho de 1787.

António Machado de Faria e Maia

1ªVia

// [fl. 2v] em branco

// [fl. 3] Conta corrente das despesas que tenho feito em o serviSso da Real Expedição destas Ilhas, segundo as determinasoens do Illustríssimo Governo dellas, desde Agosto de 1785 athe Julho de 1787, a saber

C.VERDE

Carta de António Machado de Faria e Maia, Governador das Ilhas de Cabo Verde para Martinho de Melo e Castro, Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar informando sobre a remessa de um barril com pássaros e de amostras de água para análise e, em simultâneo da impossibilidade de remeter tudo o que foi recolhido nas Ilhas por falat de embarcação.

Ilha de Santiago, 6 de maio de 1787

[fl. 1]

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Martinho de Mello e Castro

Pela presente occazião so posso remeter a V. Excelência hum Barril de Passaros, porque tendo mandado o Naturalista João da Silva Feijó as Ilhas do Barlavento, e este se demora na de Sam Nicolau por falta de Embarcação, e como não sei se houvera outra pera essa Corte este anno, não me parece acertado augmentar despezas, ficando o sobredito Barril. O Naturalista tem feito hua boa Collecção de Peixes, que devia trazer em sua companhia, quando viesse das Ilhas do Barlavento, e para o conduzir lhe tinha eu destinado este mesmo Bargantim, que he o que mandei com Socorro a Ilha da Boavista, donde partio ultimamente em consequencia da Ordem, que dirigi ao Capitão Mór daquela Ilha, para que fizesse logo logo partir o Bargantim, assim que descarregasse o Milho, que carregou em Sam Nicolau, para evitar mais demoras; e esta he a cauza, porque não vai para o Real Muzeo, tudo quanto o Naturalista tem recolhido naquelas Ilhas. Tambem me pareceo, que seria bom mandar algumas Botelhas de Agoa de hua Fonte, chamada Do Vinagre, que ha na Ilha Brava a qual bebida na mesma Fonte, he verdadeiramente Vinagre, e sendo bem embotelhada a considero de hum gosto excellente para se beber misturada com vinho. Tenho ouvido alguns Extranjeros gaballa muito, comparando-a ás Agoas de Zelt. Porem meu principal objecto porque a remeto he, para que V. Excelência se sirva de a mandar annalizar se for do seu Agrado, porque talvez se venhão a descubrir nella algumas virtudes. Na Ilha de Santo Antão ha outra de que não mando a amostra por esta occazião por se ter perdido a que mandei vir.

Deus Guarde a V. Excelência muitos anos, Ilha de Sant'Iago 2 de Maio de 1788

Antonio Machado de Faria e Maia

Relação do que deve vir pera o Naturalista régio João da Silva Feijó.

Caixas de Folhas da Flandres com Tabuleiros

Alfinetes

Alcanfor

Papel de Marca grande pera a Collecção das Plantas

Barris pera Peixes com Alçapão

O Secretário João de Deos Friderico

// [fl.2] Recebi na Sacretaria deste Governo de Cabo Verde hum Barril de PaSsaros e hum caixotinho, para entregar em Lixboa a Sacrataria de Estado da repartição da Marinha e dominios Ultramarinhos, Ilha de S. Thiago de Cabo Verde, 10 de Mayo de 1788.

Joze Falcão

17 ^{3/4} 86	Por 108 frascos de agoardente que Levei para a Ilha do fogo, para a preparação dos peixes, e paSsaros que se remeterão a Lixboa	51\$600
	10 Pregos, que levei para a dita Ilha, para os caixoes, que forão	2\$000
	18 Taboas	7\$200
	100 Agulhas	1\$000
	6 Miadas de fio de Vella	\$500
	4 Cadeados para as 4 caixas de folha que vierão, e forão para Lixboa	1\$800
	12 Cartas de alfinetes para os insectos	3\$600
		67\$500
Fogo 1786	Por que se pagou a Lanxa, que conduziu o trem duas vezes da Brava para aLi	6\$00
	Dito que se pagou a dita Lanxa para hir aos Ilheos deZertos ao apanho dos PaSsaros	2\$00
	Dito que se pagou a quem desembarcou e embarcou o trem neSta Ilha, e o conduziu a Villa	2\$500
	1 Barril, que foi para Lixboa com os peixes	3\$000
	1 dito menor, que se acha em meu poder para o mesmo ministerio	1\$000
	8 Varas de aLinhaje, que se dispenderão em os saquinhos, em forão as terras, saes, enxofres, etc.	2\$000
	1 1/2 pessa de caSsa, em que se involverão os peixes, e paSsaros	7\$5000
	1 Faca ordinária	\$100
		22\$100
		Soma 91\$600
//[fl.3v.]	e Segue	91\$600
Brava 1786	Por que pagou o Administrador desta Ilha pela conducção do trem e jurnaes de homens que comigo trabalharão ... \$.....	10\$000
C.Verde 1786	Por que se pagou do aluguel de bestas que andarão neste ministério nesta Ilha 29 dias a 100.....	12\$100
	dito que se pagou a hua cavalgadura em que andei no mesmo ServiSso.....a 240.....	5\$760
	5 frascos que se remetem com varias produsoens	1\$080
	dito de Concerto de hum barril em que vão os peixes e pássaros em agoardente	\$360
	2 Panos de bertanha, que se dispendeo parte em tiras para se involver os ditos peixes etc.	4\$800
	72 frascos de agoardente que se dispendeo em mudanças da conservação dos ditos etc.	20\$000
		44\$100
		54\$100
		Soma 145\$700

§ I I 8

Carta de João da Silva Feijó para Martinho de Mello e Castro dando notícia do envio de dois barris de peixes, pássaros e lagartos, pelo bergantim São João Baptista, do mestre José Falcão.

Ilha de Santiago, 6 de maio de 1787

[fl. 1]

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor

Como Se offere occazio oportuna em a partida do Bargantim S. João Baptista de que he Mestre Joze Falcão, pareceome acertado remeter a V. Excelência dois barris de peixes, paSsaros e Lagartos que nesta Ilha recolhi, e preparei, a fim de poderem chegar a eSsa Capital em melhor estado, o que não Succederia se eu os transportase primeiro a S. Tiago, para deLá Serem remetidos pelo Governador segundo as ordens de V. Excelência: e se nisto acha V. Excelência que tenha obrado mal, deve servir de defender-me a justa razão que suponho, e o grande dezejo que tenho de Servir com zello a Sua Magestade e agradar a V. Excelência.

Deos Goarde a V. Excelência, S. Nicolao 27 de Maio de 1788

De V. Excelência

Illustrissimo e Excelentissimo Senhor Martinho de Mello, e Castro

O mais obediente atento, e obrigado Subdito

João da Sylva Feijó

1788

João da Sylva Feijó

Ficha técnica

Título:

De Cabo Verde para Lisboa: Cartas e Remessas Científicas da Expedição Naturalista de João da Silva Feijó (1783-1796). Vol. II - Documentação da Biblioteca Nacional de Portugal e do Arquivo Histórico do Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa

Coordenação:

Ana Cristina Roque e Maria Manuel Torrão

Transcrição de manuscritos:

Ana Cristina Roque, Lúvia Ferrão e Maria Manuel Torrão

Revisão de textos:

Ana Cristina Roque e Maria Manuel Torrão

Editor:

Instituto de Investigação Científica Tropical

Produção: Projeto FCT 0075/2009 Conhecimento e Reconhecimento em Espaços de Influência Portuguesa: registos escritos, expedições científicas, saberes tradicionais e biodiversidade na África Subsariana e Insulíndia

Design gráfico e paginação:

Tiago Ribeiro

Impressão: Aos Papéis

1ª Edição

Tiragem: 300 exemplares

Copyright:

Instituto de Investigação Científica Tropical

ISBN: 978-989-742-012-2

Agradecimentos

AHU – Arquivo Histórico Ultramarino

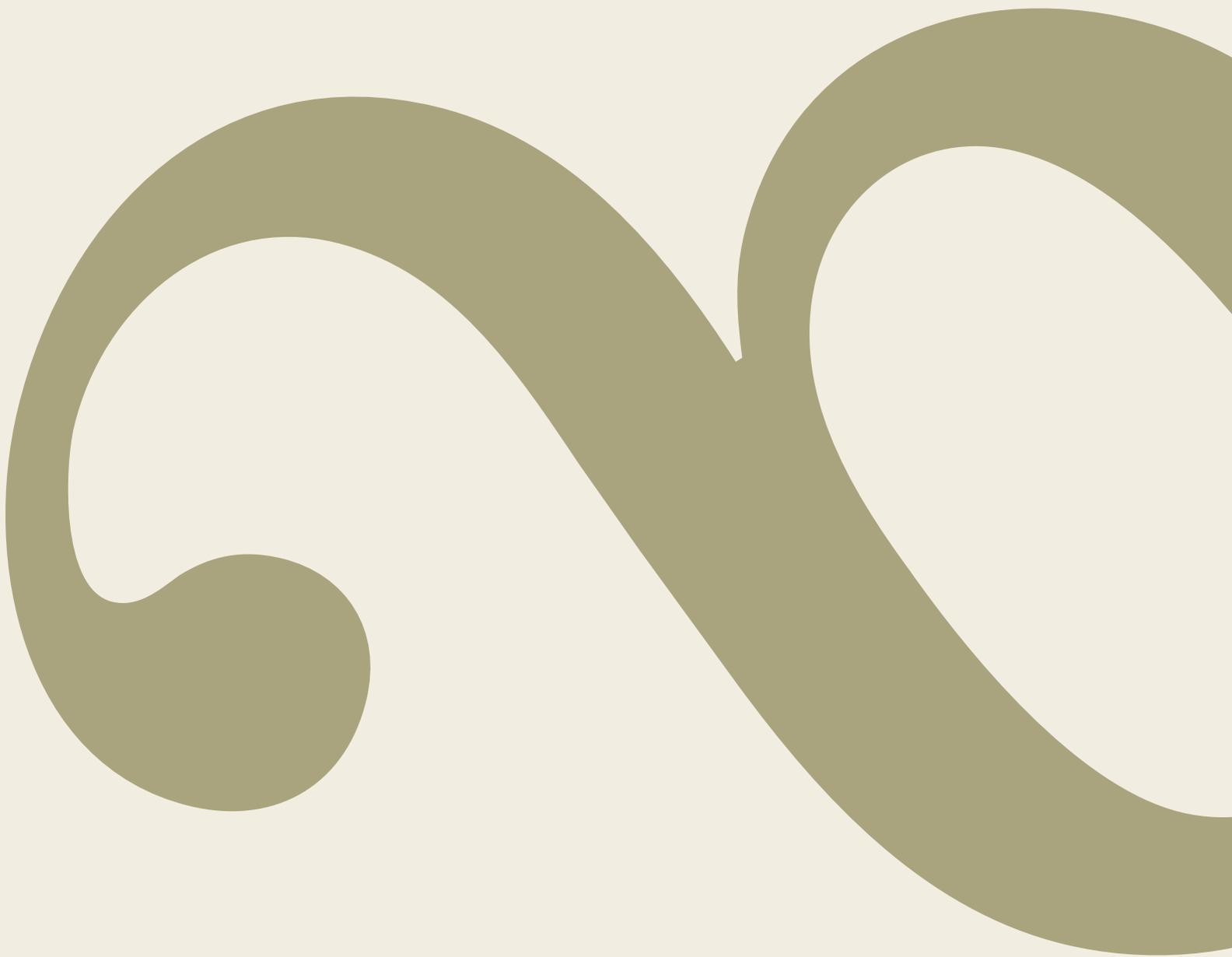
BNP – Biblioteca Nacional de Portugal

MUHNAC – Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa

Apoio

Fundação para a Ciência e Tecnologia

Projeto FCT 0075/2009 Conhecimento e Reconhecimento em Espaços de Influência Portuguesa: registos escritos, expedições científicas, saberes tradicionais e biodiversidade na África Subsariana e Insulíndia





FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

